DOC

OS 50 ANOS DA 1ª TRANSMISSÃO EM CORES NA TV

DONNA

ELAS MAIS MADURAS, ELES MAIS JOVENS

FÍNDI

EM BUSCA DE FORTUNA DESAPARECIDA

VIDA

PREOCUPAÇÃO COM A SAÚDE OU DOENÇA

SÁBADO/DOMINGO, 19 E 20 FEVEREIRO 2022 – PORTO ALEGRE – ANO 58 Nº 20.260 – **R$ 8,00** – PRODUTO R$ 7,70 | PIS E COFINS R$ 0,30 – SC/PR: R$ 8,50 | DEMAIS ESTADOS: R$ 12,00

EXTREMISTAS

POLÍCIA IDENTIFICA 40 GAÚCHOS QUE INTEGRAM GRUPO NAZISTA NA INTERNET

Sete pessoas são investigadas no Estado pela Polícia Civil. Entre os suspeitos, um adulto está preso e um adolescente, apreendido. | **22 e 23**

NOVO RUMO

CONVIDADO PELO PSD, LEITE DEVE ANUNCIAR CANDIDATURA AO PLANALTO EM MARÇO

Governador, que planeja deixar o PSDB, reativa projeto presidencial e já pediu retomada da elaboração do plano de governo. **Rosane de Oliveira** | **6**

TENSÃO MUNDIAL

PRESIDENTE AMERICANO DIZ ESTAR CONVENCIDO DE QUE A RÚSSIA VAI INVADIR A UCRÂNIA

Declaração ocorreu em mais um dia de conflitos em região na qual exército ucraniano enfrenta forças separatistas apoiadas pelo governo de Moscou. | **24**

MARCELO CASAGRANDE

A UVA E A SERRA **EM FESTA**

Com a presença do vice-presidente Hamilton Mourão, do governador Eduardo Leite, de políticos locais e da corte, foram abertos na sexta-feira os pavilhões do evento que se estende até 6 de março em Caxias. A celebração não ocorria desde 2019.

| **6 e 16**

Concessão da RS-287 faz obras iniciais e enfrenta pressões sobre a duplicação

Gestão privada da estrada completa sete meses em fevereiro. ZH percorreu a via para verificar melhorias e apontar trechos com problemas. Além das demandas dos usuários por reparos, empresa Rota de Santa Maria recebe pedidos de mudanças no cronograma de alargamento da pista, alterando a região de largada das obras, e queixas sobre localização de pedágio. | **8 e 9**

MARCELO RECH

O caldeirão onde fermentam as guerras | 3

ESTREIA EM ZH

LEANDRO STAUDT

Rivalidade no esporte da Capital antes do Gre-Nal | 46

J.J. CAMARGO

Solidão, uma bizarra causa de morte | *Caderno Vida*

CLAUDIA TAJES

Lembranças de um verão do passado | *Revista Donna*

J.R. GUZZO
jrguzzo43@gmail.com
Conteúdo distribuído por Gazeta do Povo Vozes

Tudo pinga da mesma pipa

Os ministros Edson Fachin, Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes, do STF, estão apresentando sinais cada vez mais evidentes de desequilíbrio. Pode ser que tenham um plano político, pode ser que não tenham. Mas suas ações são um desfile de escola de samba com mestre-sala, baianas e um estandarte que diz: "Estamos aqui para impedir que Jair Bolsonaro seja reeleito presidente do Brasil".

Não há quase mais nada que lembre o trabalho de um magistrado imparcial e comandado pela lei. Fachin acaba de lançar a extraordinária acusação de que a Justiça Eleitoral "pode estar" sofrendo a ação de "hackers" – coisa que vem da "Rússia", segundo afirmou em público sem apresentar comprovação.

Pelo que deu para deduzir, o objetivo dessa alucinação seria favorecer Bolsonaro e prejudicar Lula; é o oposto, exatamente, do que diz Barroso, para quem o TSE opera o sistema eleitoral mais seguro do planeta. Agora, um vai fingir que não falou. O outro vai fingir que não ouviu.

Barroso, do seu lado, surtou de vez com essa história de "fake news": quer associar o Estado brasileiro a empresas privadas que controlam as redes sociais. Ao mesmo tempo, quer "expulsar" uma operadora que não faz parte do bloco americano – essas que cortam a palavra do presidente em seu próprio país e jamais fazem restrição ao que é dito pela "esquerda".

> *Há poucas formas tão eficazes para perder seu tempo quanto ouvir os "especialistas em política internacional"*

Moraes, enfim, continua obcecado numa perseguição política primitiva e descontrolada a Bolsonaro. Como o "impeachment" não sai, ele quer ver se consegue depor o presidente através de algum despacho do seu gabinete.

O Congresso Nacional, as Forças Armadas e os defensores da liberdade têm de se organizar para conter a subversão da ordem democrática que está sendo conduzida pelos ministros do STF.

...

Há poucas formas tão eficazes para perder seu tempo quanto ouvir os "especialistas em política internacional". Nas ocasiões em que eles se unem às "agências verificadoras" da verdade universal, a coisa toda vai para o seu modo "extremo". É o que aconteceu com a visita do presidente à Rússia.

Os analistas prometiam uma invasão russa da Ucrânia – e se escandalizavam com a "irresponsabilidade" de Bolsonaro, que estaria fazendo uma intromissão enlouquecida num conflito armado e envolvendo o Brasil numa "guerra externa".

Entram, então, as "agências verificadoras" de notícias. Comunicadores simpáticos a Bolsonaro se divertiram com o episódio, comentando de brincadeira que ele tinha trazido a paz à região. O próprio presidente, querendo fazer graça, disse que "por coincidência" a sua viagem tinha combinado com a baixa geral na ansiedade. Imediatamente, foram convocadas as "agências" para ensinar a todos que essa "narrativa" era "falsa". Era só uma piada.

Fachin, Barroso, Moraes, "analistas internacionais", "agências verificadoras" – no fundo, é tudo pinga da mesma pipa.

GZH
Leia outras colunas em gzh.com.br/jrguzzo

INFORME ESPECIAL

informe.especial@zerohora.com.br
Instagram @ju_bublitz Twitter @jububltiz
Com Raíssa de Avila | raissa.avila@gruporbs.com.br

Dona da churrasqueira

FOTOS FERNANDO KLUWE DIAS, DIVULGAÇÃO

Clarice já formou cerca de duas mil mulheres na arte do assado

Clarice Chwartzmann aprendeu a dominar os espetos com o pai, Nahum. Rodeado de mulheres em casa, em Passo Fundo, o comerciante e assador oficial da família de quatro filhas escolheu a menina serelepe (desde sempre vidrada na churrasqueira) como ajudante. Na adolescência, ela já dominava a técnica que, três décadas mais tarde, transformaria em profissão. Clarice é professora de churrasco e seu público, veja só, é feminino.

– A ideia de trazer as mulheres para dentro desse reduto masculino surgiu em 2014. Na época, nenhuma das minhas amigas fazia churrasco, e eu achava que isso tinha de mudar. Não queremos ser melhores do que os homens. Queremos apenas poder fazer, de igual para igual – diz Clarice.

Com o projeto "A Churrasqueira", a chef formou cerca de duas mil assadoras Brasil afora – mulheres jovens, maduras, divorciadas, casadas, solteiras, mães e avós. Desmistificou a tarefa e provou que há espaço de sobra para todos (e todas) ao redor do braseiro.

Em 2019, mudou-se para São Paulo. Levou consigo a paixão pela carne e conquistou espaço. Entre outras peripécias, foi jurada no quadro É de Casa na Brasa, do programa É de casa, da TV Globo, e do Cozinheiros em Ação, do GNT, onde também participou do Saia Justa e do Tempero de Família, cozinhando com Rodrigo Hilbert. Passou a ensinar o que sabia em eventos, palestras e consultorias.

Com a pandemia, os cursos pararam, mas a trégua está com os dias contados. A partir de março, Clarice retoma o calendário de aulas na capital paulista e, é claro, aqui em Porto Alegre.

– Meu foco é receber mulheres que queiram ser independentes, dominar o fogo e conhecer de verdade o que estão fazendo, com propriedade e segurança – resume a assadora.

TATIANA FELDENS, DIVULGAÇÃO / FERNANDO KLUWE DIAS, DIVULGAÇÃO

ZZN PERES, DIVULGAÇÃO

Nos cursos, a degustação é um dos momentos mais esperados

A SABER

Clarice será jurada, neste sábado, do Paleta Atlântida, o maior churrasco à beira-mar do mundo, na praia homônima, em Xangri-lá. Ah, e para saber mais sobre os cursos, é só acessar o site clariceachurrasqueira.com.br ou o perfil @achurrasqueiraoficial no Instagram. Em Porto Alegre, a aula será no dia 23 de março e terá, entre outros tópicos, ensinamentos sobre como fazer fogo, que carnes comprar e como saber o ponto certo dos cortes.

GZH
Leia outras colunas em gzh.com.br/julianabublitz

JULIANA BUBLITZ

FRASES DA SEMANA

"Apesar do populismo autoritário, a democracia vai triunfar em 2022.

EDSON FACHIN
Ministro do STF e do TSE, que assume a presidência da Corte eleitoral na terça-feira.

Mantivemos nossa agenda, por coincidência ou não, parte das tropas deixou a fronteira.

JAIR BOLSONARO
Presidente da República, durante visita a Moscou, após a Rússia afirmar que estaria retirando parte de sua força militar das proximidades da Ucrânia.

"Estamos vendo o aumento da ocupação de leitos por crianças aqui no Estado e baixa adesão de vacinação. Não podemos aceitar.

EDUARDO LEITE
Governador do Estado, sobre a mobilização do chamado Dia C de vacinação infantil contra a covid-19, neste sábado.

Muitas vezes me perguntam se estamos em uma nova Guerra Fria. Minha resposta é que a ameaça à segurança global agora é mais complexa e provavelmente maior do que naquela época.

ANTÓNIO GUTERRES
Secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), sobre as tensões relacionadas à possibilidade de a Rússia invadir a Ucrânia.

"Obrigado por me receber de novo em casa.

ROGER MACHADO
O técnico, ex-jogador do clube, volta a ser treinador do Grêmio.

"Tenho oito pessoas da minha família desaparecidas desde terça-feira.

CRISTIANE GROSS DA SILVA
Gaúcha moradora de Petrópolis (RJ), onde fortes chuvas causaram mais de uma centena de mortes.

"O mais importante é a movimentação econômica que este projeto deixará. O efeito multiplicador será o seu maior legado.

JAIME LLOPIS
CEO do Grupo Cobra no Brasil, sobre a construção de termelétrica e terminal de regaseificação em Rio Grande, um investimento de R$ 6 bilhões.

Clássicos para ver na Capital

Quem curte carros antigos e preciosidades da indústria automobilística já tem programação certa neste domingo, em Porto Alegre: mais uma edição da mostra *Veteran Car*.

Trata-se de uma exibição de veículos clássicos organizada pelo Veteran Car Club RS em parceria com o Shopping Total. Um programa legal para fazer com a família.

Além da exibição das relíquias do clube automobilístico, haverá feira de vinis, exposição fotográfica, mostra e venda de carrinhos colecionáveis, tatuagens e até ilustrações de automóveis feitas na hora, ao som de muito rock and roll. Tudo isso no Largo Cultural do shopping, com entrada franca, das 17h às 20h.

RONALDO BERNARDI, BD, 16/11/2014

MARCELO RECH
rechmarce@gmail.com

Regime de oligarcas

O caldeirão onde fermentam as guerras tem muitos ingredientes. Ambições territoriais e econômicas, medos, diversionismos, provocações, preconceitos religiosos e culturais, velhos rancores e alianças automáticas estão na raiz de muitos conflitos, mas também o desejo de autonomia e de se libertar do jugo de algum regime opressivo.

No caso da Ucrânia, o caldo explosivo tem um pouco de tudo, com um agravante. Além do enorme custo humano e social, o problema de se desencadear uma guerra nas estepes ucranianas é que se sabe como ela começa, mas não se tem ideia de como ou quando irá terminar. Exemplos históricos recentes são um desestímulo aos senhores da guerra. O próprio desmoronamento da União Soviética, a que Vladimir Putin assistiu como oficial da KGB, se conjuga com o esgotamento econômico do regime comunista pela invasão, inútil e custosa, do indomável Afeganistão.

Felizmente, os provocadores de guerras já nem sempre se cobrem de louros. A junta militar argentina foi derrubada depois do cálculo equivocado sobre a invasão das Malvinas, o todo-poderoso Saddam Hussein se escondeu em um buraco e acabou na forca depois de guerrear contra o Irã, invadir o Kuwait e mandar matar o próprio povo, enquanto os herdeiros do socialismo iugoslavo foram para os desvãos da história após a guerra no Kosovo.

> Exemplos históricos recentes são um desestímulo aos senhores da guerra

Putin é quase uma exceção nesse quadro de derrocadas. Ele viu sua aura de restaurador da glória czarista resplandecer depois da tomada da Crimeia e da invasão da Geórgia. Mas na rica e próspera Ucrânia, a conversa é outra. Os ucranianos sonham em se livrar das amarras de Moscou e se juntar à União Europeia – a razão, aliás, da sangrenta revolução da Praça Maidan, em 2014. Uma resistência aguda, dentro e fora da Ucrânia, seria inevitável, traumática e de consequências imprevisíveis.

Putin não titubeia por causa do custo humano e militar. O que o freia é o peso de sanções que atingirão o cerne de seu regime, amparado por uma oligarquia que se esbalda em megaiates, castelos na Europa e clubes de futebol pelo mundo. Nos idos dos anos 90, em duas temporadas para séries de reportagens no ocaso da URSS e no nascedouro da nova Rússia, testemunhei o surgimento dessa classe. Diante do vácuo de poder com o fim da União Soviética, próceres do regime comunista, com as conexões certas, se adonaram dos arquipélagos de empresas estatais e enriqueceram subitamente, em um caso clássico de acumulação primitiva de capital. Os amigos de Putin – ele próprio um dos homens mais ricos do planeta – não chegaram até aqui para correr o risco de pôr tudo isso a perder.

Leia outras colunas em gzh.com.br/marcelorech

SETE MESES DE CONCESSÃO

Melhorias na RS-287 ainda se encontram em estágio inicial

Mudanças ao longo do trajeto entre Tabaí e Santa Maria são visíveis, mas, por enquanto, com pouco efeito aos usuários

FOTOS MARCO FAVERO

Duas partes da rodovia, nos kms 38 *(foto à esquerda)* e 194 *(foto à direita)*, estavam com máquinas e funcionários na pista e passavam por reparos emergenciais

BRUNA OLIVEIRA
bruna.oliveira@zerohora.com.br

A concessão da RS-287, primeira rodovia repassada à iniciativa privada na gestão de Eduardo Leite, completa em fevereiro os primeiros sete meses dos 30 anos em que permanecerá sob administração do grupo espanhol Sacyr. As mudanças na pista ao longo do trajeto entre Tabaí e Santa Maria já são visíveis, mas ainda iniciais.

Alvo de críticas dos motoristas por décadas, especialmente pela má qualidade do asfalto, do acostamento precário e da falta de duplicação, o trecho é responsável por ligar as regiões Central e Metropolitana. É rota fundamental tanto para quem cruza o Rio Grande do Sul de leste a oeste, quanto para o escoamento de produção.

Para registrar o que vem sendo feito na rodovia nesses primeiros meses, a reportagem de ZH percorreu os 204 quilômetros do trecho concedido, partindo de Porto Alegre até Santa Maria e, depois, fazendo o trajeto inverso. A situação vai ao encontro dos relatos dos usuários da via.

Diretor-geral da concessionária Rota de Santa Maria, Renato Bortoletti reconhece que os resultados mais aguardados pelos motoristas ainda demoram para deslanchar em razão do pouco tempo de operação, considerando tudo o que prevê o contrato. Mas sinaliza intenção da concessionária de antecipar melhorias conforme permitirem o caixa e o calendário.

Desde que "pegou as chaves" da rodovia, o grupo vem trabalhando em duas frentes: uma focada nos pedágios, com a construção de novas praças e a ampliação das já existentes, e em reparos pontuais de recuperação do asfalto onde a situação é considerada mais crítica.

A situação

Pontos onde há trabalhos na rodovia

Fluxo

Nas praças já pedagiadas, em Venâncio Aires (km 86) e Candelária (km 131), a ampliação prevê mais pistas com cabines de cobrança para comportar o fluxo. O preço da tarifa, atualmente, é de R$ 3,70. O valor passou por reajuste no ano passado – antes da concessão, custava R$ 7. Em janeiro, 620 mil veículos cruzaram as cancelas das duas praças. Venâncio Aires, que concentra o maior movimento, registrou 365 mil usuários naquele mês.

Outros três pedágios se encaminham para sair do papel: Taquari (km 47), Paraíso do Sul (km 168) e Santa Maria (km 220). Nos dois primeiros, as obras são visíveis nos dois lados da rodovia pela execução dos serviços de terraplenagem e de drenagem do terreno. Em Santa Maria, as obras ainda não se iniciaram, apenas os serviços de poda e limpeza.

A previsão é de que as novas praças estejam prontas entre julho e agosto deste ano, com início da cobrança em setembro, conforme determina o contrato. Todas as praças terão faixas exclusivas para passagem automática, com pagamento prévio via tag, para reduzir as filas.

Pelo menos outros dois trechos estão com máquinas e funcionários trabalhando na pista, dessa vez para reparos emergenciais. Inicialmente, conforme explica Bortoletti, as intervenções estavam previstas para serem executadas partindo de Santa Maria, com o objetivo de estancar problemas num dos trechos considerados mais críticos, entre o município e a Quarta Colônia.

Antecipação

A constante queixa dos usuários em relação à qualidade da estrada fez com que a concessionária antecipasse reparos também na outra ponta da RS-287, partindo de Tabaí. Nesses dois pontos, estão sendo retiradas as camadas asfálticas mais deterioradas para a colocação de material novo, em processo conhecido como fresagem.

A operação exige que o trânsito seja realizado em pista simples, com interrupção do fluxo em uma das vias durante alguns minutos. O tráfego parcelado exige mais atenção e paciência dos motoristas.

Raio X

O que a reportagem de ZH viu nos dias 15 e 16 deste mês ao passar pela BR-287

- **KM 38, PASSANDO O ACESSO DE ENTRADA A TAQUARI:** trânsito em meia pista para reparos de fresagem no asfalto. Parada de cerca de 15 minutos
- **KM 47:** máquinas e trabalhadores nos dois lados da pista para construção do pedágio de Taquari. Terraplenagem e drenagem da área onde serão construídas as cabines e as pistas
- **ENTRE TAQUARI E VENÂNCIO AIRES:** estrada em pior estado, com asfalto danificado, pintura falha e trânsito carregado de carros e caminhões
- **KM 86, PEDÁGIO DE VENÂNCIO AIRES:** fluxo intenso nas seis cabines, mas sem filas. Posto será ampliado
- **ENTRE VENÂNCIO AIRES E SANTA CRUZ DO SUL:** trecho com terceira pista e asfalto em melhor condição. Na chegada a Santa Cruz do Sul, duplicado dos dois lados e sinalizado. Ondulações no asfalto em alguns trechos
- **KM 129, ENTRE VALE DO SOL E O PEDÁGIO DE CANDELÁRIA:** asfalto deteriorado, com mais buraco e ondulações
- **KM 131, PEDÁGIO DE CANDELÁRIA:** máquinas para obras de ampliação. Seis cabines, uma de cobrança automática, e sem filas
- **KM 168, OBRAS DO PEDÁGIO EM PARAÍSO DO SUL:** trabalhadores e máquinas fazendo terraplenagem e drenagem para alargamento da pista. Cabines ficarão no meio da rodovia. No lado direito da faixa, sentido SM-POA, será erguido prédio administrativo
- **DE PARAÍSO DO SUL A SANTA MARIA:** asfalto e acostamento melhores. Trechos com buracos entre Paraíso e Agudo
- **KM 194, LOCALIDADE DE VILA ROSA, ENTRE AGUDO E SANTA MARIA:** trabalhos de fresagem do asfalto. Trânsito em meia pista com paradas de 10 a 15 minutos
- **KM 220, PEDÁGIO DE SANTA MARIA:** trecho bastante irregular. Trabalhos não foram iniciados ainda, apenas limpeza de vegetação

Pedido de construção simultânea em trechos

FOTOS MARCO FAVERO

Pedágio previsto para o km 47, em Taquari, se encaminha para sair do papel

O contrato de concessão da estrada prevê que todo o trecho compreendido entre Tabaí e Santa Maria seja duplicado ao longo dos próximos 30 anos, começando a partir do segundo ano. Como o contrato prevê que as obras comecem pelos trechos urbanos, determinou-se que a duplicação seja iniciada partindo de Tabaí rumo a Santa Cruz do Sul – empreitada que deve ser concluída até o quinto ano de concessão. Até o nono ano, 65% da via deve estar duplicada.

– Todos os trechos urbanos são colocados numa primeira etapa e depois os trechos rurais. É um reflexo do tráfego real da rodovia. Em veículo absoluto *(entre carros e caminhões)*, 44% mais passam em Venâncio Aires do que em Candelária. E a realidade para lá é similar, salvo no trecho da Quarta Colônia até Santa Maria, onde o tráfego é mais intenso. Tabaí, no final das contas, é o que conecta tudo com a BR-386, que vai para Porto Alegre e para qualquer outra região. Acaba que é o final do funil – justifica Renato Bortoletti, diretor-presidente da Rota de Santa Maria, vinculada ao grupo espanhol Sacyr.

Contestação

A decisão sobre o sentido da obra é contestada nas demais regiões atendidas pela rodovia. A pressa pela duplicação se traduz em movimentos pela antecipação dos trabalhos. O pedido dos prefeitos é de que a construção se inicie simultaneamente pelos dois sentidos.

De acordo com o presidente da Associação dos Municípios da Região Central do Estado e prefeito de São João do Polêsine, Matione Sonego, a reivindicação foi encaminhada ao Estado e à concessionária e vem sendo discutida pelas partes.

– Sugerimos que começasse em duas frentes pela importância da região e pelo fluxo de veículos. É muito oneroso para os usuários pagarem por 20 anos até ter o benefício – avalia Sonego.

O secretário de Parcerias do Estado, Leonardo Busatto, explica que o contrato é flexível e permite alterações. Mas que a mudança depende de debate na sociedade, já que qualquer alteração implicaria reajuste de tarifa nos pedágios e validação da Agência Estadual de Regulação dos Serviços Públicos Delegados (Agergs). Um novo estudo de fluxo, de cronograma e de impacto tarifário foi encaminhado à concessionária.

– Essa é a pergunta que vamos ter de fazer: a sociedade quer pagar mais pedágio para antecipar um investimento de duplicação? – questiona Busatto.

A administração da Rota de Santa Maria diz que já estuda antecipação das obras.

– A concessionária já apresentou no seu plano de negócio trabalhar do trecho de Tabaí até próximo de Paraíso, se tudo for feito até o quinto ano de concessão. E o trecho de Paraíso até Santa Maria, que seria feito no ano 20, estamos imaginando fazer entre o sexto e o sétimo ano como continuidade da obra. Seria uma antecipação de 14 anos – acrescenta Bortoletti.

Alteração de local de cobrança em Santa Maria gera queixa

Inicialmente prevista para o km 214, a praça de pedágio de Santa Maria, localizada no Distrito de Palma, teve sua instalação alterada para o km 220 da rodovia. A mudança de coordenada foi contestada por moradores da região, especialmente por, agora, o pedágio ficar nas proximidades de uma escola.

Os vizinhos do futuro pedágio participaram de uma série de reuniões com o poder público, mas a comissão se retirou da negociação porque não se chegou a um acordo. Possivelmente, o próximo passo será na Justiça. O grupo vai pleitear que outros pedidos sejam atendidos, como construção de vias marginais para que os produtores rurais não sejam prejudicados. A concessionária já possui a desapropriação de terreno onde passará a rota e a licença ambiental.

Silvia Pozzobon, moradora de propriedade que fica a mil metros de onde será erguida a praça, alega que o projeto precisa levar em conta os moradores e a atividade econômica do local.

– Toda a colocação do pedágio tem implicação na vida da agricultura que percorre a rodovia. O Estado só pensou em unir pontos urbanos e esqueceu completamente dos produtores rurais que estão ao longo da rodovia – contesta Silvia.

Impacto

Segundo a concessionária, a mudança ocorreu para reduzir os impactos, já que no km 214 o número de acessos a serem construídos teria de ser maior. Quando há implantação de pedágio, é preciso construir acessos um quilômetro antes e um quilômetro depois da praça, conduzidos por vias laterais.

– No km 214, tínhamos uma série de acessos a indústrias e famílias, teríamos de fazer tratativas de desapropriação com três proprietários. No km 220, há um único proprietário que é dono do terreno todo, rural, onde a tratativa é muito mais simples. O nível de impacto no dia a dia da população é muito menor – defende Renato Bortoletti, diretor-presidente da Rota de Santa Maria.

Praça está prevista para ser instalada agora no km 220

RAFAEL VIGNA INTERINO

rafael.vigna@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br

Empresária gaúcha participa de novo programa da Netflix

Em fevereiro, a Netflix estreou uma série de seis episódios chamada "Ideias à Venda". O programa busca dar relevância a pequenos empreendedores criativos. Entre os participantes da primeira edição, está Raíssa Assmann Kist, gaúcha de Santa Cruz do Sul, que tem muita bagagem no empreendedorismo social à frente da empresa Herself.

Pioneira no Brasil na inovação e na produção de protetores menstruais sustentáveis e modernos, a marca de moda de impacto nasceu em 2016 e atua em busca da meta 5 dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) das Nações Unidas (ONU). Ou seja, a equidade de gênero a partir da quebra de tabus sobre menstruação. Com a criação de tecnologia própria, a marca comandada por Raíssa promove a chamada dignidade menstrual, com soluções acessíveis e seguras para a menstruação, e educação sobre saúde e funcionamento do corpo feminino. Em 2018, lançou o primeiro biquíni menstrual da América Latina, que, assim como os demais produtos, são feitos por aqui, com 100% de matérias-primas brasileiras.

– Resolvemos problemas reais e não fazemos mais do mesmo no mercado de moda ou de higiene feminina, que lucra em cima da insegurança das mulheres. Isso não nos representa. Subverter a lógica tradicional é a nossa melhor estratégia e uma das razões de existência da Herself. Essa participação foi uma grande surpresa, uma experiência incrível e é uma grande oportunidade de apresentar o nosso jeito de fazer – destaca.

Ela é neta de agricultores e, em 2016, ainda estudante de Engenharia Química – e por experiência própria, sabendo do impacto da indústria química na vida das pessoas, inclusive a de sua família –, passou a questionar-se sobre o seu papel. Foi aí que decidiu empreender e inovar sobre o formato tradicional.

Aos poucos, compreendeu que não queria transformar soluções em literatura, mas sim em algo palpável e de contato com as pessoas. Nascia, assim, a Herself, marca de calcinhas, biquínis e maiôs menstruais que só saiu do papel graças a um financiamento coletivo. O time é formado por mulheres que vivem em Porto Alegre, mas conta com rede em todo o país. Enquanto negócio de impacto, desenvolve o Herself Educacional, que leva educação menstrual para mulheres em situação de vulnerabilidade, inclusive para detentas do Estado.

THÉRAPI, DIVULGAÇÃO

A aposta da fábrica gaúcha de florais

A Thérapi, maior indústria de florais de Bach da América Latina, atingiu em 2021 a marca de 13 milhões de unidades vendidas no Brasil e consolidou posição de liderança no mercado. Fundada em 2016, em Arroio do Meio, a marca passou da pequena produção na cidade gaúcha de 20 mil habitantes a um parque fabril de 3 mil metros quadrados em pouco tempo.

De entregador em uma distribuidora a vendedor, há cinco anos, o diretor-presidente, Leandro Heineck, começou o negócio e a desbravar o país. Agora, conta com 120 vendedores e portfólio de que não para de crescer.

Projetando-se como uma grande indústria para o bem-estar, estruturou nova fábrica para produzir óleos essenciais, lançados em abril. A Thérapi tem ainda produtos voltados para a saúde emocional dos pets na linha Digno Floral, que visa a harmonização das emoções dos animais de estimação.

Mac Aplicativo

O McDonald's encerrou 2021 com 33 milhões de downloads de seu app nas lojas virtuais do iOS e do Android e recorde de vendas digitais no quarto trimestre. Ferramenta essencial para o relacionamento com clientes, o aplicativo é uma aposta para a estratégia 3D, que contempla o digital, o drive-thru e o delivery.

De olho nesses canais, a empresa colheu bons frutos no ano passado. Em dezembro, as vendas no Brasil chegaram a R$ 1 bilhão, recorde não visto em 42 anos de operação no país.

Dados preliminares mostram crescimento de 10% do faturamento na comparação com 2019, na América Latina. Com mais de mil restaurantes no Brasil, a Arcos Dorados, empresa responsável pela operação da marca McDonald's na América Latina, planeja abrir 200 lojas até 2024, das quais 120 serão no Brasil, num investimento total de US$ 650 milhões.

PEQUENOS NEGÓCIOS, GRANDES PASSEIOS

AGROFLORESTA DO INACINHO, DIVULGAÇÃO

Passeio agroflorestal no Vale do Caí

Em meio à mata nativa da região de Tupandi, no Vale do Caí, está a propriedade de Inácio Rohr, carinhosamente batizada de Agrofloresta do Inacinho. No local, turistas e pesquisadores podem fomentar a economia local e acompanhar de perto o sistema de produção agroflorestal de frutas cítricas (laranjas, limões e bergamotas).

O projeto surgiu em 1998, quando Rohr, ao lado da esposa Ivete Juver, observou que perto da mata havia bastante sombra e, com isso, as árvores eram mais verdes, as frutas mais lisas e, de certa forma, a vegetação as protegia do sol:

– Por isso, planejamos desenvolver o cultivo dos produtos e decidimos explorar o potencial turístico do local. O nome de agrofloresta é para mostrar que é possível produzir de outra forma por meio do sistema agroflorestal.

A aposta deu certo. Dos 13,5 hectares de terra, que abrigam pelo menos 6 mil pés de árvores frutíferas, 20% do espaço é composto por mata nativa. Há cerca de 20 anos, Rohr abriu as portas da propriedade. De lá pra cá, quase 12 mil pessoas já passaram pelo local.

Segundo Rohr, por lá, os visitantes podem vivenciar como funciona o sistema agroflorestal, aprender e repassar as informações compartilhadas para outras pessoas que desejam desenvolver a agroecologia em suas propriedades. Ou seja, o passeio também tem um caráter educativo, na avaliação do proprietário.

As visitas podem ser agendadas pelo telefone (51) 99935-0453 ou via plataformas como Airbnb. O passeio tem duração de três a quatro horas, com almoço disponível, caso os participantes queiram. Também existe a opção de alojamento com capacidade para até 15 pessoas.

O agricultor conta que, além das frutas cítricas, é possível comprar licores e outros produtos fabricados na região. A Agrofloresta integra a Rota dos Sabores e Saberes do Vale do Caí.

Mais Diversidade em Porto Alegre

A consultoria paulista Mais Diversidade chegou a Porto Alegre. À frente da operação gaúcha está Clarissa Daroit, que vai atuar como consultora sênior na mentoria para empresas que desejam tornar sua operação mais diversa e inclusiva. Ela tem 16 anos de experiência na área de recursos humanos, com foco na concepção e implementação de estratégias, projetos, políticas e práticas voltadas para mudanças disruptivas e transformação cultural.

Fundada em 2016, a Mais Diversidade parte de pesquisas, ou necessidades identificadas pelas organizações, para traçar o planejamento estratégico necessário para contratação, desenvolvimento e retenção de funcionários de grupos minorizados como mulheres, pessoas negras, com deficiência, LGBT+ e refugiadas.

ACERTO DE CONTAS

GIANE GUERRA
giane.guerra@rdgaucha.com.br
Twitter @gianeguerra

Com Daniel Giussani
daniel.giussani@zerohora.com.br

Em busca da virada

Ainda repercute muito em toda a zona sul do Estado – e seguirá reverberando por um bom tempo – a liberação das licenças ambientais para o complexo de energia de R$ 6 bilhões em Rio Grande. Para se concretizar, ainda faltam algumas etapas, especialmente na Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). A coluna participou, na quinta-feira, de um painel promovido pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Rio Grande e São José do Norte. No evento, percebeu que o entusiasmo é grande para o impacto local do empreendimento, mas muitos empresários da região ainda têm alguma cautela. Há a memória recente do tombo após o cancelamento dos investimentos do polo naval.

Para o atual cenário, a coluna traz dois pontos que considera positivos para que seja, sim, o que vem sendo chamado como a "hora da virada". O primeiro é que é um complexo de geração de energia, algo que o país está precisando muito e que pode acelerar o andamento do processo do Grupo Cobra na Aneel para o empreendimento sair do papel. O outro é de que não é a estreia da empresa espanhola no Rio Grande do Sul. Ela assumiu a construção de subestações e de linhas de transmissão, já tendo investido R$ 3 bilhões no RS.

Presidente da CDL local, Marcelo Valente mostra confiança também por outro aspecto: não lembra de ter visto autoridades locais – especialmente de Rio Grande e de Pelotas, mas também estaduais – tão unidas para fazer algo dar certo. Há, ainda, outros investimentos no radar, que a coluna trará nos próximos dias. Acompanhe no programa Acerto de Contas deste domingo, às 6h, na Rádio Gaúcha.

GZH
Leia outras colunas em
gzh.com.br/gianeguerra

LEODAIR SILVA, ECO PARQUE LOURENÇO & SOUZA

AMPLIAÇÃO DE R$ 100 MILHÕES NO VALE DO SINOS

Começou a operação da TW Transportes no Eco Parque Lourenço & Souza, condomínio empresarial de Sapucaia do Sul que está sendo ampliado com R$ 100 milhões. A unidade ocupará 16 pavilhões de mil metros quadrados, em um terreno de 50 mil metros.

– A TW quer concentrar boa parte da logística aqui. Estamos em ponto estratégico, a 200 metros da BR-116 e próximos de várias outras rodovias importantes. Aqui perto tem Gerdau, Ambev, uma grande concentração de empresas fortes – explica o empresário e deputado Vilmar Lourenço, sócio do empreendimento com a atual vice-prefeita da cidade, Imilia de Souza.

Para 2022, está prevista a abertura de outros 24 pavilhões. Para as duas fases, são gerados 1,5 mil empregos.

MERCADO

INVESTIMENTOS

BOLSA DE VALORES DE SÃO PAULO*

	AÇÃO	OSC. (%)	PREÇO (R$)
MAIORES ALTAS	CIELO ON NM	12,30	2,83
	MRV ON NM	2,73	12,79
	BRASIL ON NM	2,04	36,05
	ENERGIAS BR ON NM	1,90	21,50
	CARREFOUR BR ON NM	1,69	17,40
MAIORES BAIXAS	RUMO S.A. ON NM	-8,81	15,21
	LOCAWEB ON NM	-7,12	10,18
	GRUPO NATURA ON NM	-5,65	23,89
	BANCO PAN PN N1	-5,40	10,68
	COSAN ON NM	-4,81	21,76
MAIS NEGOCIADAS	VALE ON NM	0,21	85,83
	PETROBRAS PN N2	0,61	33,00
	MAGAZ LUIZA ON NM	-4,07	6,36
	BRASIL ON NM	2,04	36,05
	RUMO S.A. ON NM	-8,81	15,21

ÍNDICE	PONTUAÇÃO	DIA	MÊS	EM 2022	12 MESES
Ibovespa	112.879	-0,57%	0,65%	7,68%	-5,30%

OBS.: A VARIAÇÃO DA SEMANA CORRESPONDE AOS ÚLTIMOS SETE DIAS SEGUIDOS

FECHAMENTO — VALOR: 42,258 BILHÕES*

*DADOS PRELIMINARES, ANTERIORES À DIVULGAÇÃO OFICIAL DA B3

RENDIMENTO DA CADERNETA

VENCIMENTO	POUPANÇA VELHA (%)	POUPANÇA NOVA (%)	VALIDADE	TR (%)
19/02	0,6340	0,6340	DE 19/01 A 19/02	0,1333
20/02	0,6107	0,6107	DE 20/01 A 20/02	0,1101
21/02	0,5845	0,5845	DE 21/01 A 21/02	0,0841
22/02	0,5877	0,5877	DE 22/01 A 22/02	0,0873
23/02	0,6156	0,6156	DE 23/01 A 23/02	0,1150
24/02	0,6435	0,6435	DE 24/01 A 24/02	0,1428

CDB

DIA	PREFIXADO PARA DIAS	AO ANO(%)
15/02	30	10,95*
16/02	30	10,97*
17/02	30	11,00*
18/02	30	11,00*

FONTE: AE-DADOS *PARA GRANDES APORTES

INDICADORES DE INFLAÇÃO (%)

MÊS	IPCA IBGE	INPC IBGE	IGP-M FGV	IGP-DI FGV	INCC-M FGV	ICV* DIEESE	IPC IEPE
OUT/20	0,86	0,89	3,23	3,68	1,69	-	0,63
NOV/20	0,89	0,95	3,28	2,64	1,29	-	0,52
DEZ/20	1,35	1,46	0,96	0,76	0,88	-	0,80
JAN/21	0,25	0,27	2,58	2,91	0,93	-	0,95
FEV/21	0,86	0,82	2,53	2,71	1,07	-	0,74
MAR/21	0,93	0,86	2,94	2,17	2,00	-	1,73
ABR/21	0,31	0,38	1,51	2,22	0,95	-	0,85
MAI/21	0,83	0,96	4,10	3,40	1,80	-	1,17
JUN/21	0,53	0,60	0,60	0,11	2,30	-	0,79
JUL/21	0,96	1,02	0,78	1,45	1,24	-	1,01
AGO/21	0,87	0,88	0,66	0,14	0,56	-	1,09
SET/21	1,16	1,20	-0,64	0,55	0,56	-	0,92
OUT/21	1,25	1,16	0,64	1,60	0,80	-	1,26
NOV/21	0,95	0,84	0,02	0,58	0,71	-	1,09
DEZ/21	0,73	0,73	0,87	1,25	0,30	-	0,74
JAN/22	0,54	0,67	1,82	2,01	0,64	-	0,11
EM 2022	0,54	0,67	1,82	2,01	0,64	0,76	0,11
12 MESES	10,38	10,60	16,91	16,71	13,70	3,07	12,13

*O DIEESE SUSPENDEU TEMPORARIAMENTE A PUBLICAÇÃO DO ICV

ALUGUEL

INDICADOR	DEZ/21	JAN/22	FEV/22
IPC/IEPE	13,14%	13,07%	12,13%
INPC/IBGE	10,96%	10,16%	10,60%
IPC/FIPE	9,96%	9,73%	9,60%
IGP-DI/FGV	17,16%	17,74%	16,71%
IGP-M/FGV	17,89%	17,78%	16,91%
IPCA/IBGE	10,74%	10,06%	10,38%
MÉDIA INPC/IBGE E IGP-DI/FGV	14,06%	13,95%	13,66%

ÍNDICES VÁLIDOS PARA IMÓVEIS RESIDENCIAIS E NÃO RESIDENCIAIS - FONTE: SECOVI/RS

MOEDAS

CÂMBIO COMERCIAL (EM R$)

DIA/MÊS	À VISTA*	DÓLAR PTAX**		EURO PTAX**	
		COMPRA	VENDA	COMPRA	VENDA
15/02	5,1807	5,1875	5,1881	5,8904	5,8921
16/02	5,1279	5,1624	5,1630	5,8660	5,8688
17/02	5,1669	5,1559	5,1565	5,8612	5,8640
18/02	5,1400	5,1333	5,1339	5,8217	5,8234

*FECHAMENTO DO DÓLAR NO MERCADO À VISTA DO BC **PTAX APURADA PELO BANCO CENTRAL (ATÉ 13H)

CÂMBIO TURISMO (R$)

MOEDA	COMPRA	VENDA
DÓLAR – EUA*	4,99	5,28
DÓLAR – EUA**	5,00	5,45
EURO*	5,64	5,99
DÓLAR CANADENSE**	3,50	4,40
LIBRA ESTERLINA**	5,25	7,60
IENE JAPONÊS**	0,0360	0,0580
PESO ARGENTINO**	0,02	0,08
PESO URUGUAIO**	0,07	0,17
PESO CHILENO**	0,006	0,008
DÓLAR AUSTRALIANO**	3,15	4,01

FONTES: BB * PRONTUR/TSA **

DÓLAR FLUTUANTE (MÉDIA)

MENSAL

MÊS	R$	MÊS	R$
JUN	5,0236	JUL	5,1657
AGO	5,2529	SET	5,2889
OUT	5,5381	NOV	5,5595
DEZ	5,6591	JAN	5,5234

ANUAL

	VALOR/R$
2018	3,6554
2019	3,9461
2020	5,1589
2021	5,3977

PETRÓLEO

DATA	NOVA YORK	LONDRES
15/02	91,91	93,18
16/02	90,58	91,57
17/02	91,68	92,84
18/02	91,58	93,67

COTAÇÃO EM US$ POR BARRIL
FONTES: BLOOMBERG E AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

OURO

DIA	BM&F (R$/GRAMA)	NOVA YORK (US$/ONÇA-TROY)
15/02	308,00	1.853,30
16/02	304,00	1.870,30
17/02	325,00	1.900,70
18/02	310,00	1.898,60

COTAÇÃO O FECHAMENTO DO DIA

TAXA SELIC

TAXA MENSAL

MÊS	TAXA	IRPF
AGO	0,43	4,02
SET	0,44	3,58
OUT	0,49	3,09
NOV	0,59	2,50
DEZ	0,77	1,73
JAN	0,73	1,00

FONTE: RECEITA FEDERAL

TAXA ANUAL

DATA*	PERCENTUAL
SET/21	6,25%
OUT/21	7,75%
NOV/21	7,75%
DEZ/21	9,25%
JAN/22	9,25%
FEV/22	10,75%

*REUNIÃO DO COPOM
FONTE: BANCO CENTRAL

IMPOSTO DE RENDA 2016/2015

TABELA DA RECEITA FEDERAL PARA CÁLCULO DO IR

BASE CÁLCULO	ALÍQUOTA	PARCELA A DEDUZIR
ATÉ R$ 1.787,77	–	ISENTO
DE R$ 1.787,78 ATÉ R$ 2.679,29	7,5%	R$ 134,08
DE R$ 2.679,30 ATÉ R$ 3.572,43	15%	R$ 335,03
DE R$ 3.572,44 ATÉ R$ 4.463,81	22,5%	R$ 602,96
ACIMA DE R$ 4.463,81	27,5%	R$ 826,15

DEDUÇÕES: R$ 179,71 POR DEPENDENTE (PARA APURAÇÃO DO IRRF MENSAL), R$ 1.787,77 POR APOSENTADORIA OU PENSÃO PAGA POR PREVIDÊNCIA PÚBLICA OU PRIVADA A SEGURADO COM 65 ANOS OU MAIS. PENSÃO ALIMENTÍCIA INTEGRAL. CONTRIBUIÇÃO PARA O INSS. SOBRE O RESULTADO APLIQUE A ALÍQUOTA E SUBTRAIA A PARCELA A DEDUZIR.

IMPOSTO DE RENDA 2021/20/19/18/17/16*

TABELA DA RECEITA FEDERAL PARA CÁLCULO DO IR

BASE CÁLCULO	ALÍQUOTA	PARCELA A DEDUZIR
ATÉ R$ 1.903,98	–	ISENTO
DE R$ 1.903,99 ATÉ R$ 2.826,65	7,5%	R$ 142,80
DE R$ 2.826,66 ATÉ R$ 3.751,05	15%	R$ 354,80
DE R$ 3.751,06 ATÉ R$ 4.664,68	22,5%	R$ 636,13
ACIMA DE R$ 4.664,68	27,5%	R$ 869,36

DEDUÇÕES: R$ 189,59 POR DEPENDENTE, R$ 1.903,98 POR APOSENTADORIA OU PENSÃO PAGA POR PREVIDÊNCIA PÚBLICA OU PRIVADA A SEGURADO COM 65 ANOS OU MAIS. PENSÃO ALIMENTÍCIA INTEGRAL. CONTRIBUIÇÃO PARA O INSS. SOBRE O RESULTADO APLIQUE A ALÍQUOTA E SUBTRAIA A PARCELA A DEDUZIR. *TABELA ATUAL.

AGROPECUÁRIO

DESEMPENHO DA SOJA NA BOLSA DE MERCADORIAS DE CHICAGO

Os contratos futuros da soja na Bolsa de Chicago fecharam o pregão de sexta-feira em alta. O bushel para março está cotado a US$ 16,01.

CONTRATOS EM US$	SEXTA-FEIRA	ANTERIOR
SOJA (BUSHEL)		
MAR/22	16,0150	15,9200
MAI/22	16,0350	15,9600
JUL/22	16,0100	15,9350
FARELO (TONELADA)		
MAR/22	447,90	449,20
MAI/22	445,70	447,50
JUL/22	445,10	447,10
ÓLEO (EM CENTAVOS POR LIBRA-PESO)		
MAR/22	67,57	66,81
MAI/22	67,61	66,88
JUL/22	67,32	66,59

FONTE: WWW.NOTICIASAGRICOLAS.COM.BR

COTAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS E PECUÁRIOS

PRODUTO	PREÇO	MEDIDA
ARROZ BENEFICIADO	R$ 135	60 KG
ARROZ EM CASCA	R$ 74	50 KG
FEIJÃO PRETO	R$ 290	60 KG
MILHO	R$ 97,50	60 KG
SOJA	R$ 205,30	60 KG
TRIGO	R$ 1.590	TONELADA

VALORES FOB, SEM ICMS E PREÇO À VISTA. VALORES INDICATIVOS.
FONTE: WWW.CLICMERCADO.COM.BR

PREÇOS AO PRODUTOR

De 14/02/2022 a 18/02/2022

PRODUTOS	UNIDADE	PREÇOS EM R$		
		MÍNIMO	MÉDIO	MÁXIMO
BOI	KG VIVO	9,50	10,96	11,50
BÚFALO	KG VIVO	9,00	9,61	10,75
CORDEIRO	KG VIVO	8,00	9,73	11,00
SUÍNO	KG VIVO	4,75	5,22	5,80
VACA	KG VIVO	7,50	9,89	10,75

FONTE: EMATER/RS-ASCAR. GPL/NIA.
COTAÇÕES AGROPECUÁRIAS Nº 2219, 17 FEV. 2021.

PREÇO DO GADO DE CORTE POR CATEGORIAS COMERCIALIZADAS NO RS

Em R$/Kg PV referentes ao dia 16/02/2022

CATEGORIAS	MÉDIAS RS
TERNEIRA	12,31
NOVILHA (12 A 24 MESES)	11,34
NOVILHA (26 A 36 MESES)	11,57
NOVILHA PRENHA	11,03
TERNEIRO	12,38
NOVILHO (12 A 24 MESES)	11,11
NOVILHO (26 A 36 MESES)	10,82
VACA PRENHA	9,29
VACA DE INVERNAR	9,17
VACA FALHADA	-
VACA COM CRIA	9,88
BOI GORDO	10,92
VACA GORDA	9,92

FONTE: NESPRO/UFRGS

Dúvidas sobre os dados podem ser encaminhadas ao e-mail **agenciarbs@gruporbs.com.br**

Valorizar o melhor de cada região do Estado é viver junto dos gaúchos.
Grupo RBS
91 anos de Festa da Uva. 90 anos da primeira transmissão externa da rádio Gaúcha. 50 anos da primeira transmissão de TV a cores do Brasil. A edição de 2022 de uma das mais tradicionais festas do Brasil e maior símbolo de Caxias do Sul vem cheia de motivos para celebrarmos juntos a Serra Gaúcha.
Acompanhe a cobertura nos nossos veículos, visite a Casa RBS no evento até 6/3 e venha vivenciar essa festa com a gente!

EDUCAÇÃO E SOLIDARIEDADE

Entidades pedem doação de materiais escolares

Na próxima segunda-feira, as aulas retornam de forma presencial na rede pública de ensino. Mas, para alguns estudantes, a animação deu lugar à insegurança no início de ano letivo. Isso porque muitas famílias enfrentam dificuldades financeiras para adquirir materiais escolares.

Há dois anos, a ONG Juntos Somos mais Fortes tem atuado em Porto Alegre, buscando apoiar pessoas em situação de vulnerabilidade social. Após diversas ações de distribuição de doações de roupas e alimentos para as 28 comunidades que atende, o grupo tem investido seus esforços em novo objetivo, diante da alta dos preços e do desemprego: arrecadar materiais escolares para crianças que estão sem o básico para iniciar as aulas.

Segundo pesquisa realizada pelo Sindilojas-RS, materiais escolares tiveram aumento neste ano de quase 25% em Porto Alegre.

Devido à dificuldade para obter os produtos, o presidente da ONG, Paulo Barbosa, explica que os voluntários só conseguiram se comprometer em ajudar duas das comunidades que acompanham. Assim, dos mais de 360 estudantes que precisam de materiais, eles tentam ajudar 150. Até o momento, porém, somente receberam doações suficientes para confeccionar 10 kits escolares.

Apelos

Em outra parte da Capital, diante de diversos pedidos de doações de material escolar, a dona de casa e líder comunitária Paola Vieira decidiu agir. Moradora da Vila Amazônia, no bairro Rubem Berta, zona norte, ela conta que recebeu dezenas de pedidos de estudantes de diversas idades. Ela busca arrecadar itens para cem crianças e adolescentes, entre seis e 17 anos.

– Ainda não tínhamos feito este tipo de campanha. Nosso foco sempre foi em roupas e alimentos. Mas, com a aproximação do início das aulas, os pedidos aumentaram muito – conta.

Ela diz que aceita a doação de materiais já usados que estejam em bom estado. A voluntária pretende fazer uma triagem e, então, encaminhar aos estudantes. Os itens mais pedidos são cadernos, borrachas, lápis de escrever, apontadores e canetas. A meta é que os produtos sejam arrecadados até o início de março.

Uma das famílias que serão contempladas é a de Carla Jaqueline Araujo, 37 anos. As filhas Ana Karolina, nove anos, e Ana Laura, 15 anos, são estudantes do 4º e do 8º ano do Ensino Fundamental, respectivamente. A mãe explica que as doações serão essenciais para que elas se sintam estimuladas para o ano letivo que se inicia:

– Esse material contribuirá para que sejam alguém na vida.

Produção: Émerson Santos e Kênia Fialho

Apoie as iniciativas

ONG JUNTOS SOMOS MAIS FORTES

• É possível entregar as doações diretamente na sede provisória da ONG, na Avenida Ipiranga, 2.741

• Também serão recebidas quantias em dinheiro, pela chave Pix número 00475500075 (CPF), ou solicitar que a equipe busque as doações pelo telefone (51) 98513-2834

VILA AMAZÔNIA

• Para doar, entre em contato com Paola Vieira pelo telefone (51) 98946-7529

OUTRAS AÇÕES

• A cooperativa de recicladoras SDV Reciclado, no bairro Agronomia, Capital, arrecada material escolar para 150 crianças de sua comunidade. Para colaborar, entregue as doações na Rua do Zaire, 158, ou envie valores pelo PIX 84747056068 (CPF). Mais informações pelo WhatsApp (51) 98955-7657

• O Grupo Amigos da Gratidão, de Viamão, arrecada material para distribuir em 8 de março às 150 crianças cadastradas no projeto. Quem deseja ajudar pode entregar doações na Rua Triângulo, 421, bairro Santa Isabel

• O Coletivo Autônomo Morro da Cruz, na Capital, pretende ajudar cerca de 1 mil crianças da sua sua comunidade. Para colaborar, entregue o material na Rua Vidal de Negreiros, 1.652, Vila São José. Para apoiar de outras formas, informe-se com a presidente do coletivo, Lucia Scalco, pelo WhatsApp (51) 98182-6538

• O grupo Nós por Nós Solidariedade irá rifar três camisetas oficiais de times (Atlético, Internacional e Grêmio) entre pessoas que doarem material escolar para as crianças atendidas pelo projeto. Informe-se pelo WhatsApp (51) 98433-0691, Instagram @npnsolidariedade ou entregue os itens nos seguintes endereços: Rua Adão Baino, 85, bairro Cristo Redentor, ou Avenida Adelino Ferreira Jardim, 343, bairro Rubem Berta

OPINIÃO DA RBS

FESTA DA UVA, CULTURA E PROGRESSO

Não faltaram adversidades para serem enfrentadas pelos imigrantes italianos que se estabeleceram na inóspita serra gaúcha a partir das últimas décadas do século 19. Aos poucos, a custo de muito suor, foram superando obstáculos, um a um. No decorrer dos anos, aqueles pioneiros e seus descendentes transformaram a região em uma das mais prósperas do Brasil. Criaram, especialmente em Caxias do Sul, um dos maiores e mais pujantes polos industriais do país. Mas, mesmo que o dinamismo das fábricas mova hoje grande parte da economia, a ligação com a terra e com a viticultura, na figura do colono, permanece como um emblema da identidade local.

A 33ª Festa da Uva, que se iniciou na sexta-feira em Caxias do Sul, simboliza de certa forma a suplantação de novos percalços. O evento, um dos mais tradicionais do país, com nove décadas de história e normalmente com edições a cada dois anos, deixou de ser realizado em 2021 devido à pandemia, mas agora volta com todo o vigor. Não bastasse a crise sanitária, a região também enfrenta os efeitos da estiagem, com uma quebra significativa da safra de uva, fonte de renda para milhares de agricultores e insumo para outras atividades, como a produção de sucos e a elaboração de vinhos.

Dificuldades, entretanto, existem para serem vencidas, mostra a trajetória dos imigrantes. A realização da Festa da Uva, portanto, deve ser vista como a celebração da resiliência, da reabertura plena da economia graças ao avanço da vacinação e da possibilidade de a comunidade retomar a convivência, enquanto cultua a tradição e, ao mesmo tempo, oportuniza a prospecção de novos negócios para manter a marcha do progresso. Não à toa, o tema da edição deste ano é Juntos Outra Vez.

Cerca de 800 mil pessoas, entre a população local e turistas, são esperadas ao longo do evento até 6 de março, data do encerramento. Protocolos rígidos para evitar contaminações pelo novo coronavírus foram adotados. Tudo para garantir maior segurança para os que forem se deleitar com os desfiles, as atrações nos pavilhões, as manifestações culturais, as delícias da gastronomia típica e, especialmente, a doçura das uvas distribuídas para os visitantes.

Assim foi, é e será um dos mais importantes eventos do Estado, com o congraçamento entre a alegria, a tradição, o espírito empreendedor e o futuro

Um episódio memorável da Festa da Uva foi a primeira transmissão a cores da televisão brasileira. Completam-se, neste sábado, 50 anos desse marco da comunicação nacional. Na época, os brasileiros acompanharam um desfile pelas ruas de Caxias do Sul. Era, então, um encontro entre a representação dos costumes dos colonos com a nova tecnologia que começava a chegar aos lares do país. Assim foi, é e será um dos mais importantes eventos do Estado, com o congraçamento entre a alegria, a tradição, o espírito empreendedor e o futuro.

OPINIÃO DO LEITOR

leitor@zerohora.com.br – Instagram @gzhdigital – WhatsApp (51) 99667-4125
Facebook facebook.com/gzhdigital – Twitter @gzhdigital

ESTIAGEM NO RS

O debate sobre a seca no Estado me parece um tanto descolado do problema real. Uns dizem que sempre foi assim, como se nada houvesse a fazer. Outros correm atrás de dinheiro para açudes e irrigação das lavouras, medidas imediatas que – a continuar o aquecimento global – irão também evaporar. Falta foco em soluções mais amplas para salvar o planeta das drásticas mudanças climáticas. Pouco se fala e se faz no replantio das florestas e na recuperação das matas ciliares em nascentes, rios, córregos e lagoas. Sem árvores para reter a água no solo e regular a temperatura e o regime de chuvas, nossas belas e grandes áreas de lavouras planas continuarão virando deserto.

ASTOR FRANCISCO HAUSCHILD
Agrônomo – Estrela

ARQUIVO PESSOAL

VITOR AUGUSTO WERNER envia foto de Mata, conhecida como a cidade onde a madeira virou pedra

TRAGÉDIA DE PETRÓPOLIS

Discordo de opiniões que relacionam a tragédia com o aquecimento global. Tempestades e chuvas intensas sempre existiram. O errado e o trágico de Petrópolis (RJ) está na incompetência das autoridades ao permitirem construções de moradias em áreas de risco. Infelizmente, não será a última vez que lamentaremos a morte de pessoas. E nada é feito para se evitar. Os políticos não têm competência e nem capacidade humana para tal.

SALUS FINKELSTEIN
Arquiteto – Porto Alegre

COLUNISTA

Parabéns a Mário Corso pela coluna "Vida de adotivo" (ZH,16/2). Perfeita, lúcida e verdadeira. Palavras sábias. Todo adotado tem o direito de conhecer sua história de vida e suas origens. E aprender a lidar com isso, com as inquietudes, ressentimentos, dúvidas...Mas também com a certeza de que o laço biológico não garante nada mesmo. Adotar é um "grande ato de amor". Parabéns a quem adota. Com certeza são pessoas maravilhosas.

VIRGÍNIA CASSEL
Socióloga – Porto Alegre

CÃES DESAPARECIDOS

A polícia, o Ministério Público e o Judiciário de Portão devem estar com todos os serviços em dia para tratar o caso do desaparecimento de três cachorros "comunitários" com tanta presteza. Assunto relevante num país campeão em homicídios, chacinas etc.

LUIZ SERPA
Aposentado – Novo Hamburgo

CORREÇÃO

• O São Luiz é um dos representantes gaúchos na Série D do Campeonato Brasileiro, e não o São José como informado na página 28 de sexta-feira.

Opiniões, fotos ou histórias de leitores devem ser endereçadas à seção Leitor com nome, profissão, endereço e telefone. Os textos devem ter, no máximo, 700 caracteres. ZH reserva-se o direito de selecioná-los e resumi-los para publicação.

Grupo RBS

Presidente Emérito: Jayme Sirotsky

Fundador: Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)

Conselhos de Acionistas e de Administração

Carlos Melzer
Geraldo Corrêa
Gilberto Meiches (Presidente do Conselho de Acionistas)
Ibanor Polesso (Secretário)
Jayme Sirotsky
Luiz Lima
Marcelo Sirotsky
Nelson Pacheco Sirotsky
Pedro Sirotsky
Sônia Pacheco Sirotsky

Comitê Executivo

Presidente: Claudio Toigo Filho
Jornalismo e Esporte: Marta Gleich
Entretenimento e Canais: Marco Gomes
Mercado: Patrícia Fraga
Estratégia e Transformação: Marcelo Leite
Finanças: Mariana Silveira
Comunicação: Caroline Torma

Fundada em 4 de maio de 1964
zerohora.com.br

Gerente de Jornalismo Jornais e Rádios: Nilson Vargas
Editora-chefe: Dione Kuhn
Diretor de TI e Operações: Pericles Cenço

ARTIGOS

DANDO A VOLTA POR CIMA

FÁBIO BRANCO
Prefeito de Rio Grande
fabiobranco@riogrande.rs.gov.br

Há bem pouco tempo, Rio Grande viveu o sonho do pleno emprego. O polo naval tinha 25 mil trabalhadores, gerando um ciclo econômico virtuoso. Mas, de uma hora para outra, a suspensão das encomendas de plataformas pela Petrobras levou junto sonhos e a autoestima da população. Só agora, mais de cinco anos depois, estamos virando esse jogo.

A esperança começou a voltar com a UTE Rio Grande, uma termelétrica a gás natural de R$ 6 bilhões. O projeto estava perdido até o ano passado, mas após esforço da prefeitura e do governo do Estado foi recuperado e deve sair do papel em 2022. Sabemos, entretanto, que não podemos depositar todas as fichas em um cavalo só, como nos tempos do polo naval. Por isso, um conjunto de transformações está em curso.

Nossa Lei da Liberdade Econômica, aprovada e regulamentada ano passado, tornou Rio Grande o município do Brasil com maior número de atividades empresariais que independem da concessão de documentos para entrar em operação. Atualizamos o código de obras, fizemos um novo plano diretor – que será apreciado em breve pelos vereadores – e construímos ao lado da sociedade um calendário de atividades para fomentar o turismo o ano todo no nosso litoral.

Junto ao governo do Estado, conquistamos investimentos de valor inestimável para a nossa comunidade

O funcionamento interno da máquina também mudou. Reduzimos drasticamente as despesas supérfluas, aprimoramos processos e estamos qualificando os serviços prestados à população.

Junto ao governo do Estado, conquistamos investimentos de valor inestimável para a nossa comunidade, como a duplicação da ERS 734 – cujas obras se iniciam neste ano e resolverão os engarrafamentos no acesso à cidade _, a revitalização do porto histórico e dos molhes da barra e a pavimentação de trechos de estradas da zona rural.

Reerguer uma cidade nunca é fácil, ainda mais com uma população tão machucada pelas frustrações recentes. Não podemos errar! Por isso, estamos construindo um governo moderno, ético, que preza pela liberdade das pessoas e crê no trabalho como ferramenta principal de transformação social. Juntos, poder público e sociedade, estamos dando a volta por cima e devolvendo a Rio Grande, a cidade mais antiga do Estado e que neste 19 de fevereiro completa 285 anos, o protagonismo na economia gaúcha!

SER MODERNO

MARCELLO DANTAS
Curador da Mostra "Cem Anos Modernos" no MIS São Paulo e da 13ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre.

Em 1922, um grupo de artistas ligados à elite de uma São Paulo recém alçada de vila a metrópole criou um evento que entrou para a história como um dos maiores fracassos da sua época: a Semana de Arte Moderna. O tempo passou e começamos a entender o quão disruptiva essa iniciativa se tornou. A celebração dos cem anos deveria versar sobre a criativa e inovadora arte brasileira criada desde então. Uma arte transgressora, influenciada por muitas origens que revelam uma identidade que, essencialmente, significa diversidade, o nosso maior patrimônio.

No fundo, a Semana de 22 ganhou tamanha notoriedade por uma vontade de resgatar heróis e afirmar nacionalismos e regionalismos, para que alguns possam ser chamados de desbravadores e bandeirantes de descobridores de um país que, até então, não se manifestava. Este ponto de vista é similar à ideia eurocêntrica de "descobrimento". Os Brasis sempre existiram com sua imensa diversidade e cultura multifacetada. Nem os Andrades e nem Tarsila inventaram o Brasil em 1922. Os Brasis já estavam lá, diversos, vivos, resistentes.

Os Brasis sempre existiram com sua imensa diversidade e cultura multifacetada

Independente do questionável protagonismo de seus partícipes durante a semana de 22, o Brasil teve um século pujantemente moderno nas artes visuais, na arquitetura, na música, na literatura, no pensamento. Apesar de quem tentou se apropriar, os Brasis conseguiram se manter originais dentro de suas territorialidades. Não foi a semana, mas sim três expoentes absolutos da nossa criatividade que marcaram a divisão de águas de um país colônia para um país que desejava ser cosmopolita. Villa-Lobos, Mário de Andrade e Oswald de Andrade foram holofotes que iluminaram esse caminho do pensamento pequeno para o pensamento universal.

O que aconteceu em 22 foi que um grupo de artistas abriu as portas das identidades brasileiras para que a sociedade urbana da época ficasse escandalizada com o que viu. Coube à outra geração construir a linguagem que seria celebrada a partir desse momento e inventar o que de fato é ser moderno. Cabe a quem estiver por vir manter acesa essa chama de querer ter uma voz na dimensão contemporânea.

FLÁVIO TAVARES
Jornalista e escritor

LEGAL, MAS...

Na sociedade moderna, a vida é regida por leis, e desviar-se delas implica punição, seja de que tipo for – moral ou material. Assim, juízes e tribunais definem os "atos legais", como nesta semana em que o Supremo Tribunal Federal começou a julgar "a legalidade" do fundo de R$ 4,9 bilhões a ser distribuído aos partidos para a próxima eleição de outubro.

A "legalidade" de algo, porém, é apenas uma convenção estabelecida por nós, humanos, mas que pode ser ilegítima ou imoral e antiética em si mesma. Na Alemanha nazista, o extermínio de milhões de judeus e outros "indesejáveis" (comunistas, homossexuais e deficientes) era legal, pois se amparava nas leis raciais.

Mas eram ilegítimos e imorais em si e são recordados só como fato histórico a não se repetir. Com o exemplo, volto ao tema que o STF começou a julgar a pedido do Partido Novo.

Os R$ 4,9 bilhões, fixados por deputados e senadores, serão distribuídos aos 33 partidos políticos para financiar a propaganda eleitoral. No mundo inteiro, os partidos se sustentam com as contribuições de seus afiliados ou adeptos, que – assim – comprovam materialmente que defendem uma causa ou um programa. Entre nós, porém, os partidos políticos viraram meros aglomerados de gente em busca de notoriedade e poder pessoal. Ou, até, em catapulta para urdir negociatas entre o setor público e o privado.

Troca-se de partido como se muda a camisa suada no verão atroz

No Brasil, troca-se de partido como se muda a camisa suada no verão atroz. O presidente Bolsonaro, por exemplo, passou por oito diferentes partidos após deixar o Exército.

Agora, revela-se que o governador Eduardo Leite, depois de perder as prévias de candidato presidencial pelo PSDB, está em busca de novo partido.

Poderá ir para o PSD de Gilberto Kassab ou a outro, como se, em política, tudo fosse um jogo de vantagens pessoais.

Agora, estes partidos receberão R$ 4,9 bilhões para esbanjar na eleição de outubro. Dois anos depois, no pleito municipal, outros bilhões. Tudo será legal, mas ilegítimo e imoral num país com mais de 14 milhões de desempregados e em plena pandemia.

• • •

O presidente Bolsonaro segue com linguagem confusa e atos inexplicáveis. Na visita a Putin, em Moscou, declarou-se "solidário à Rússia", sem entender que só se expressa solidariedade a quem é agredido, nunca ao possível agressor, que no conflito com a Ucrânia é o Kremlin.

Esta inversão de papéis mostra que Bolsonaro é coerente no erro. O que esperar de quem viu a covid-19 como "gripezinha" inofensiva?

GZH
Leia outras colunas em gauchazh.com/flaviotavares

OBITUÁRIO

Nelson Carvalho de Nonohay

O médico Nelson Carvalho de Nonohay, ex-secretário da saúde do Rio Grande do Sul e uma das maiores referências na área de cardiologia no Estado, morreu na sexta-feira, aos 83 anos, devido a complicações decorrentes de uma pneumonia bacteriana.

Formado em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Nonohay especializou-se em cardiologia no ano de 1966, na quinta turma de residentes dessa especialidade na atual Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

Foi um dos membros fundadores da Fundação Universitária de Cardiologia (IC-FUC) – Instituto de Cardiologia, criada em 1966 com o objetivo de desenvolver o ensino e pesquisa e aprimorar a assistência médica em cardiologia no Rio Grande do Sul, que veio a se tornar uma das maiores referências no país na especialidade.

Nonohay exerceu suas atividades no IC-FUC desde que concluiu a residência. No instituto, ele foi o primeiro chefe e organizador da primeira unidade de tratamento intensivo coronariano no Rio Grande do Sul e segunda no Brasil. Lá, também foi chefe da Unidade de Assistência Médica do IC-FUC. Ocupou o cargo de diretor secretário da organização e, nos últimos anos, atuou como presidente do Conselho Diretor.

Foi, ainda, médico da Varig e presidente da Sociedade de Cardiologia do Rio Grande do Sul, nos anos de 1975 e 1983. Entre 1990 e 1991, foi secretário de Saúde do Rio Grande do Sul no segundo governo estadual de Sinval Guazzeli.

Torcedor do Grêmio, foi conselheiro do seu time de coração entre de 1983 a 2007.

Ele deixa três filhos, Juliana, Laura e João, e cinco netos. Os atos fúnebres serão realizados neste sábado, das 8h às 12h, na sala 2 do Crematório Metropolitano, em Porto Alegre.

Maria Cristina Gomes Figueiró

Maria Cristina Gomes Figueiró morreu no dia 13 de fevereiro, em Porto Alegre, aos 61 anos, devido a um tumor.

Formada em Pedagogia pela PUCRS e com especialização em pessoas com deficiência intelectual, Maria Cristina foi professora em plena atividade até seus últimos dias de vida, dando aulas na Escola José Mariano Beck, até o dia 23 de dezembro de 2021.

Era apaixonada pela educação, uma paixão que herdou da mãe, também educadora. Com a tia, Maria da Graça, formaram uma família de professoras. Posteriormente, as filhas Ludmilla e Laura também seguiram carreira na pedagogia.

Ao longo de sua vida, exerceu a docência em diversas escolas de Porto Alegre, como Colégio Concórdia, Escola Estadual Padre Balduíno Rambo, Escola Especial para Surdos Frei Pacífico, Escola Estadual Oscar Tollens, e em Balneário Pinhal, na Escola Estadual Diogo Penha. Deu aulas de português, historia e inglês para alunos do Fundamental e Médio.

Outra paixão que herdou da mãe foi pelo mar. Desde criança, frequentava a casa de veraneio da família em Pinhal. Há cerca de 13 anos, mudou-se para lá para viver mais perto do mar. No último ano, vivia dividida entre a casa na praia e o apartamento em Porto Alegre, para dar aulas na Capital.

Pela família, amigos e colegas, é lembrada como uma pessoa divertida, criativa, iluminada e de muito bom humor. Todos os dias, nas redes sociais, dava bom dia aos amigos, e um dos seus jargões era #DeusÉBomOTempoTodo. Era colorada fanática e tinha como hobbies desenhar e pintar em tecidos.

– Um ser humano fantástico, uma grande educadora que deixou um legado para muitas vidas, entre alunos, pais e colegas de trabalho, pela sua paixão pela educação – lembra a tia, Maria da Graça.

Deixou três filhos, Luiz Felipe, Ludmilla e Laura, e a irmã Fabiana Cristina. A missa de sétimo dia será realizada na Igreja Santo Antônio, em Porto Alegre, às 15h30min deste sábado.

Candido Mendes de Almeida

Morreu na quinta-feira, no Rio de Janeiro, Candido Mendes de Almeida, ocupante da cadeira de número 35 da Academia Brasileira de Letras (ABL), sucessor do filólogo Celso Cunha. Ele tinha 93 anos, e a causa da morte foi embolia pulmonar.

Almeida era um nome respeitado no meio acadêmico carioca. Foi professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e reitor da Universidade Candido Mendes, que leva o sobrenome de sua família, uma das mais tradicionais do Rio, tendo seu bisavô sido senador no Império.

Cândido Almeida tomou posse na ABL em 1990 e era um dos membros mais longevos da instituição. Bom articulador, ele trafegou entre gente de diferentes espectros políticos, tendo conseguido juntar o cardael D. Paulo Evaristo Arns e o general Golbery do Couto e Silva em uma reunião em 1974 para falar sobre as torturas realizadas pelos militares.

O acadêmico também era dono de vários títulos, como o de Docteur Honoris Causa (Université de Paris III – Sorbonne Nouvelle) e o de doutor em Direito pela Faculdade Nacional de Direito, Universidade do Brasil.

Entre as obras publicadas por Mendes, destacam-se: *Nacionalismo e Desenvolvimento* (1963), *O País da Paciência* (2000), *Subcultura e Mudança: Por que me Envergonho do Meu País* (2010) e *A Razão Armada* (2012).

Candido Mendes era marido da pneumologista e pesquisadora Margareth Dalcolmo. Além da esposa, ele deixa quatro filhos e cinco netos.

As informações publicadas nesta seção são gratuitas e devem ser enviadas à Redação com nome, endereço, número da identidade do remetente e telefone para contato. **E-mail: obituario@zerohora.com.br**

BOLA DIVIDIDA

LEONARDO OLIVEIRA

leonardo.oliveira@zerohora.com.br
@leonardoliveira

MUITA CALMA NESTA HORA

OS TÉCNICOS ROGER MACHADO E CACIQUE MEDINA COMEÇAM TRABALHOS QUE ALIMENTARÃO UM DEBATE NECESSÁRIO E QUE ESTÁ ATRASADO AQUI NO ESTADO

LUCAS UEBEL, GRÊMIO, DIVULGAÇÃO

RICARDO DUARTE, INTER, DIVULGAÇÃO, AGÊNCIA RBS, BD, 07/01/2022

Os treinadores se encontrarão no sábado de Carnaval para um Gre-Nal que pode ser o único da temporada, mas que pouco mostrará do trabalho a ser desenvolvido por eles

Preparem-se para um aquecimento ainda maior nos debates sobre Inter e Grêmio neste final de verão escaldante. Estamos pisando numa semana de um Gre-Nal que chega em um momento no qual os resultados dos dois clubes ainda são opacos. Mas não é só isso. A chegada de Cacique Medina ao Beira-Rio e o retorno de Roger Machado à Arena colocam obrigatoriamente na pauta uma abordagem mais tática e aprofundada do jogo. Quando falo de aspectos táticos, englobo tudo o que compreende esse ecossistema ainda nebuloso para boa parte dos torcedores e até mesmo da mídia especializada, dos movimentos no campo ao glossário de termos que os explicam.

Estamos com a fortuna de contar aqui na Dupla com dois técnicos de ideias arejadas de futebol e conceitos atualizados sobre o jogo. Mas aviso de antemão: nada disso estará pronto até sábado de Carnaval. Mais, é um caminho que avançará bem além das águas de março. Portanto, será um Gre-Nal com poucas conclusões definitivas. Não se prenda ao placar para analisá-lo porque o horizonte é bem mais longínquo.

Grêmio e Inter estão ainda em fase de construção. Vemos, no caso colorado, novas formatações táticas, movimentações nova e jogadores escalados em posições diferentes daquelas em que nos acostumamos a vê-los. Possivelmente, isso se repetirá no Grêmio que Roger começa a esboçar neste sábado, contra o São Luiz. O técnico inicia sua segunda passagem pelo clube como se estivesse com uma caneta e uma folha em branco na frente.

O certo é que, nesta largada de 2022, acompanharemos trabalhos com conceitos mais amplos de futebol, que fugirão das fórmulas mais surradas às quais estamos acostumados. Talvez o volante que você se acostumou a ver no meio-campo da Arena vire um médio-apoiador. Ou o lateral-esquerdo do Inter se torne um extrema com a missão de dar amplitude ao time. O extrema virá pelo corredor interno e centroavante, aquele incumbido de marcar os gols, precisará também se concentrar na tarefa de dar profundidade. Esqueça a posição. Atenha-se à função no campo, ao espaço que ocupará.

Abordagem

O jogo ficou mais ativo, mais rápido e com mais caminhos bloqueados até o gol. O que faz com que os técnicos construam seus times como se fossem uma máquina humana, em que cada engrenagem cumpre tarefa bem específica.

Percebam que estamos lidando com uma mudança de eixo na hora de se analisar um jogo. Não interessa a posição, mas o que o jogador executará em campo. Pode ser que seu lateral-direito, no momento de atacar, vire um volante, como fez Daniel Alves no último jogo da Seleção. Ou que ele recue uns passos e venha cumprir a função de zagueiro, como fizeram Abel Ferreira e Tomas Tuchel com seus laterais na final do Mundial.

GZH
Leia outras colunas em
gzh.com.br/leonardooliveira

Nesta semana, estava assistindo a Zenit 2x3 Betis, a estreia de Yuri Alberto no clube russo. Sergey Semak, técnico do Zenit, terminou a partida com o volante colombiano Barrios e o lateral-esquerdo brasileiro Douglas Santos formando um trio de zagueiros. Precisava buscar o empate e mexeu as peças no campo, explorando as virtudes de cada uma delas para potencializar a capacidade ofensiva do seu time.

Toda essa mudança de abordagem ao tratar de um jogo de futebol repercute na forma como o explicamos e nos referimos aos movimentos no campo. O que faz com que o vocabulário do futebolês se renove e comece a ficar recheado de expressões recorrentes nos vestiários e nos livros sobre tática. São expressões novas ainda para o público em geral. Está no nosso escopo apresentá-las e traduzi-las neste primeiro momento, até que se tornem corriqueiras. Isso não é novo. Cresci ouvindo meu avô, nascido em 1909, falar do center half para se referir ao volante, enquanto lia na Zero Hora, com meus oito, nove anos, que ele era o centromédio. Depois, vi os ponteiros sumirem e virarem o "quarto homem".

O vocabulário é a parte mais explícita do quanto o jogo mudou. É através das novas expressões que registramos suas revoluções constantes. Assim como a sociedade e a língua, o futebol é orgânico e em transformação. Se tudo ao nosso redor se altera, porque só o futebol ficaria congelado em suas eras românticas? Essa é uma discussão que já aconteceu em outras paragens. Agora, chegou aqui, com Roger e Medina como protagonistas. Será uma viagem intensa e pontuada por debates e confrontos de pontos de vista. O certo, apenas, é que todos sairão ganhando.

ALMANAQUE GAÚCHO

Com Giordana Cunha
giordana.cunha@zerohora.com.br

RICARDO CHAVES
ricardo.chaves@zerohora.com.br
almanaque@zerohora.com.br

Um antigo problema

Todos têm acompanhado as novidades sobre a construção de uma nova ponte sobre o rio Tramandaí, que liga o município, de mesmo nome, ao de Imbé. Segundo se sabe, já existe uma verba de mais de R$ 35 milhões destinada, um pré-projeto, e se estima que as obras da nova travessia poderiam começar em janeiro de 2023 – com duração de mais ou menos dois anos.

Que a ponte atual representa um gargalo inconveniente não é novidade. São comuns os engarrafamentos em horários de pico, especialmente em finais de semana e feriadões. Além de estreita, a travessia que existe tem ainda mais duas limitações importantes: fica a apenas dois metros da linha d'água, o que impede embarcações maiores de cruzar sob ela; além de suportar apenas 23 toneladas – o equivalente ao peso de um único caminhão truck. Desse modo, então, a solução do problema parece estar numa perspectiva de médio prazo.

O Almanaque Gaúcho aproveita para lembrar que a ligação entre esses dois importantes balneários gaúchos do Litoral Norte atende, historicamente, a muitos outros interessados, na medida em que sempre o trânsito por ali serviu – e serve – de acesso a muitas praias do nosso Estado, além de serem fartamente usadas no regresso dos veranistas a suas cidades de origem.

Uma primeira ponte de 144 metros, totalmente de madeira, com mão única, foi a primeira a ser construída, ainda na década de 1920. De difícil manutenção, na medida em que ia se degradando, era reformada ou substituída. Quando se tornava intransitável, as balsas eram a maneira de resolver o problema.

Décadas mais tarde, surgiu uma ponte de alvenaria, ainda de dimensões modestas. Como o trânsito se dava num único sentido, por volta de 1967, foi erguida uma alta guarita em forma de cone, para abrigar um controlador de tráfego que acionava os semáforos instalados nas cabeceiras da ponte liberando os veículos num sentido e, depois, em outro.

No início dos anos de 1970, a ponte foi finalmente duplicada, o que resolveu temporariamente e parcialmente o fluxo de veículos sem interrupção.

Próximo desta ponte, mais para o lado do mar, também havia uma outra exclusivamente para pedestres, que era muito utilizada por pescadores com seus caniços. Ficou conhecida como a Ponte da Sardinha e acabou sendo demolida quando já não oferecia segurança aos usuários.

A ponte atual leva o nome de Giuseppe Garibaldi, um dos líderes da Revolução Farroupilha. Durante o conflito, foi pelo rio Tramandaí que Garibaldi atingiu o oceano e partiu para conquistar Laguna, em Santa Catarina.

O projeto da nova travessia prevê duas pontes estaiadas (uma para cada sentido) e mais passarelas para pedestres ou pescadores, unindo as duas. A altura de sete metros da linha d'água também garante a possibilidade de embarcações navegarem sob a nova obra.

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL ABRILINA HOFFMEISTER, DIVULGAÇÃO

A primeira ponte sobre o rio Tramandaí foi construída nos anos de 1920

BLOG TRAMANDAÍ EM PEB DE BETO KOETZ

Sem a ponte, as balsas se encarregavam de atravessar os veículos

BLOG TRAMANDAÍ EM PEB DE BETO KOETZ

A guarita em forma de cone

EMÍLIO PEDROSO, BD, 18/3/2012

Atual ponte entre Tramandaí e Imbé

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL ABRILINA HOFFMEISTER, DIVULGAÇÃO

A Ponte da Sardinha foi demolida por questão de segurança

PREFEITURA DE IMBÉ, DIVULGAÇÃO

Projeção de como deve ficar a nova ponte entre Tramandaí e Imbé

Dia 19 na história

- Nasce, em 1986, a alagoana Marta, eleita como melhor jogadora de futebol do mundo por seis vezes.
- Em 2020, morre o ator, diretor e roteirista José Mojica Marins, mais conhecido como Zé do Caixão.

Dia 20 na história

- Morre, em 1970, o ex-presidente brasileiro Café Filho. Ele esteve no cargo de 1954 a 1955.
- Em 1967, nasce o cantor e compositor norte-americano Kurt Cobain, que foi fundador e líder da banda Nirvana.

Estiagem

REE MOSM

A ausência
da presença
não é
tão dolorosa
quanto a falta
que seca
até a saudade

PIADA

Um bicho-preguiça foi assaltado por duas tartarugas. Com medo e triste pelas perdas, ele vai até a delegacia. Durante o relato, o policial pergunta:
– Consegue me descrever como eram os assaltantes?
E o bicho-preguiça responde:
– Não sei, policial. Elas foram tão rápidas!

DIA 19 É
Dia do Esportista

SANTOS DO DIA 19
Conrado, Gabino

DIA 20 É
Dia Mundial da Justiça Social, Dia Nacional de Combate às Drogas e ao Alcoolismo

SANTOS DO DIA 20
Euquério, Eleutério, Ulrico

Há 30 anos

Quarta-feira,
19 de fevereiro de 1992

ZERO HORA

Collor chega para reunião do Cone Sul

Pacote para aumentar exportações em US$ 3,2 bi

O Brasil poderá aumentar em até 10% suas exportações este ano. Seriam US$ 3,2 bilhões a mais e o volume total de vendas ficaria em US$ 35 bilhões. Este é objetivo principal do pacote com estímulos às exportações anunciado ontem pelo presidente Collor.

Há 40 anos

Sexta-feira,
19 de fevereiro de 1982

Grêmio perde, mas ainda pega um grupo mais fraco

ZERO HORA

Votação, na Assembléia, foi de 37x17

APROVADO PROJETO DE AUMENTO PARA O MAGISTÉRIO

Começa o Carnaval

Foi aprovado ontem o projeto de reajuste salarial do magistério. O aumento ocorrerá de forma progressiva, com pagamento do acréscimo em três parcelas. A presidente do Cpers disse que a proposta não cumpre o acordo de 1980 e que caberá à categoria decidir pela greve.

Há 50 anos

Sábado,
19 de fevereiro de 1972

Ministro garante!

NINGUÉM FICARÁ MAL POR CAUSA DA CARNE

ZERO HORA

MÉDICI EM CAXIAS ABRE FESTA HOJE

Encontro Nixon-Mao vai sair

Exploração nas praias continua

O presidente Emílio Garrastazu Médici abre hoje a 12ª Festa da Uva e a 6ª Feira Agroindustrial de Caxias do Sul. Após a abertura, ele percorrerá todos os estandes do evento. A Festa da Uva marcará a primeira transmissão a cores da TV brasileira.

Centro de Documentação e Informação/ZH

HORÓSCOPO

SÁBADO

OSCAR QUIROGA
quiroga@astrologiareal.com.br - quiroga.net

♈ ÁRIES (21/3 A 20/4)
Valerá a pena reservar alguns instantes para você tentar se entender com essas pessoas importantes que andam distantes, porque houve discordâncias enormes entre vocês. Valerá a pena tentar uma aproximação. Valerá.

♉ TOURO (21/4 A 20/5)
São tantas potencialidades que sua alma descobre a cada passo, que se corre o perigo de se distrair e de nada demais acontecer. Procure pinçar uma potencialidade dentre as tantas que se apresentam, e se focar nela.

♊ GÊMEOS (21/5 A 20/6)
Para que complicar? Dito assim, parece fácil buscar o que for mais simples, porém, na prática acontece tudo o contrário. Por que isso? Nada além da básica mania humana de complicar tudo. Mas não precisa.

♋ CÂNCER (21/6 A 21/7)
A sociabilidade não será indiscriminada, sua alma precisa escolher a dedo as pessoas que permitirá se aproximarem e com as quais passará alguns momentos agradáveis no dia de hoje. Ou você prefere o desagradável?

♌ LEÃO (22/7 A 22/8)
Distração é bom, porém, na hora em que se precisa tomar decisões importantes, a distração é contraindicada. Mas como fazer para manter o foco? Esse é o enigma que sua alma terá de resolver neste momento.

♍ VIRGEM (23/8 A 22/9)
O conforto e a segurança de que sua alma precisa nesta parte do caminho não serão encontrados adquirindo novos objetos, mas utilizando os que se encontram disponíveis. Está tudo ao alcance de sua mão, não se complique.

♎ LIBRA (23/9 A 22/10)
Apesar de tudo convidar você a tomar algumas iniciativas, ganhe tempo e amadureça as ideias, para não correr o risco de enfiar os pés pelas mãos. Ganhar tempo será a melhor opção, e a precipitação a pior de todas.

♏ ESCORPIÃO (23/10 A 21/11)
Apesar de ser uma hora de descanso e distração, sua alma é tomada por ideias densas, que perturbam o divertimento. É bom se debruçar sobre essas ideias sem que, no entanto, produzam desânimo. Você consegue.

♐ SAGITÁRIO (22/11 A 21/12)
Você é a ponte que une mundos muito diversos entre si, dos quais fazem parte as pessoas que sua alma gostaria de reunir, porém, nessa reunião aconteceria de essas pessoas não conseguirem se entender entre elas.

♑ CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1)
Apesar de ser final de semana, há um quê produtivo tentando se manifestar através de sua presença, e seria sábio de sua parte o aproveitar, porque em pouco tempo você adiantaria assuntos importantes. Em frente.

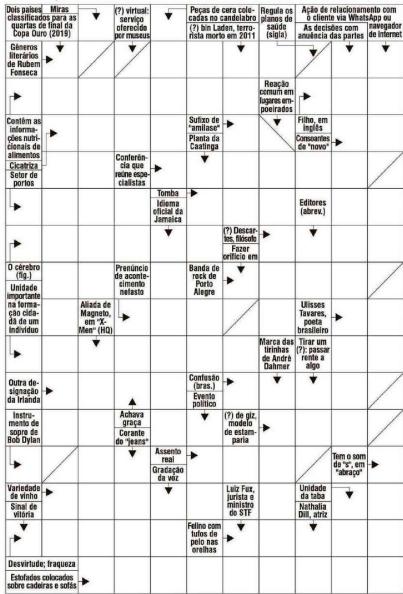
♒ AQUÁRIO (21/1 A 19/2)
As portas se abrem, mas isso não acontece por obra e graça do mistério da vida. As portas se abrem porque você as busca e porque você toma decisões que indicam o caminho que é necessário seguir. Você escreve o roteiro.

♓ PEIXES (20/2 A 20/3)
Agora, que há mais vida circulando através de sua presença, é a hora certa para tomar atitudes ousadas em relação a tudo e a todos. Deixe de lado os pudores, os temores e a timidez, siga em frente com seus planos.

DIVIRTA-SE

VEJA A SOLUÇÃO AGORA MESMO!

O resultado desta cruzada será publicado na edição de amanhã, mas você tem a opção de conferir ainda hoje em GZH.

Acesse agora pelo link **gzh.rs/cruzadas** ou pelo QR Code

GZH
Se você prefere jogar direto no computador, acesse **gzh.com.br/cruzadinhas**

GZH
Quer saber mais sobre o que os astros reservam para você? Ou como a astrologia pode impactar o seu dia a dia? Leia as colunas da astróloga Moara Steinke em **gzh.com.br/moara**

Solução de sexta-feira

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2		■							
3					■				
4						■			
5							■		
6	■								
7			■						■
8								■	
9				■					
10		■							
11					■				
12									■
13			■						

HORIZONTAIS

1. Indivíduo desonesto
2. Formam a corola das flores
3. Forte afinidade / Ato de banhar a terra, as plantas
4. Finca-se no solo, como suporte / Um detalhe da data
5. Depende dela a boa imagem da TV / O meio da... concha
6. Magoado
7. A sigla dos mato-grossenses / Cobertura rasa de sepultura
8. Organizar, arrumar
9. Maior / Parasito intestinal
10. Unir para formar um todo
11. Todos têm um próprio / A esposa do filho
12. Seguir o curso de um processo
13. Gigante bíblico / Venerar

VERTICAIS

1. Folha metálica / Instante
2. Ser repugnante / Sufixo utilizado na internet para designar empresas sem fins lucrativos e não governamentais
3. Quem a perde, paga / Texto ou peça teatral
4. Aquilo que é propriedade de alguém / A parte substancial e substanciosa do ovo
5. O meio do... duto / (Gír.) Passar para trás / A parte mais profunda da psique
6. Casa de moradia / A força de um exército
7. Mais adiante / Declarar em público
8. Livrinho de lembranças / Cada elemento da grade
9. Município paulista, na região metropolitana da capital / De mesmo nome (pessoa)

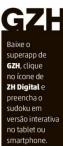
Soluções

HORIZONTAIS: 1. CRÁPULA 2. PÉTALAS 3. AMOR, REGA 4. POSTE, MÊS 5. ANTENA, NÉ 6. SANGRADO 7. MT, CAMPA 8. ORDENAR 9. MOR, AMEBA 10. AGREGAR 11. NOME, NORA 12. TRAMITAR 13. OG, ADORAR.

VERTICAIS: 1. CHAPA, MOMENTO 2. MONSTRO, ORG 3. APOSTA, DRAMA 4. PERTENCE, GEMA 5. UT, ENGANAR, ID 6. LAR, ARMAMENTO 7. ALÉM, APREGOAR 8. AGENDA, BARRA 9. OSASCO, XARÁ.

SUDOKU

Preencha os espaços vazios com algarismos de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir nas linhas verticais e horizontais nem nos quadrados menores (3x3).

Baixe o superapp de **GZH**, clique no ícone de **ZH Digital** e preencha o sudoku em versão interativa no tablet ou smartphone.

Solução de sexta-feira

4	1	9	2	3	7	8	5	6
7	2	3	8	5	6	9	1	4
6	8	5	9	4	1	7	2	3
8	4	6	1	7	5	2	3	9
9	3	1	6	8	2	4	7	5
2	5	7	4	9	3	1	6	8
3	7	4	5	1	9	6	8	2
5	6	8	7	2	4	3	9	1
1	9	2	3	6	8	5	4	7

1	9	8					7	
	4		7					
		2	8		4	1	9	
4		3	1					
			2	8				
	5					7	1	
						9	3	
			4			6	2	
7			6	9				5

HORÓSCOPO

DOMINGO

OSCAR QUIROGA
quiroga@astrologiareal.com.br - quiroga.net

♈ ÁRIES (21/3 A 20/4)
Aproximar as pessoas que ficaram distantes, mas que ainda jogam um papel fundamental em sua vida: hoje seria sábio fazer isso. Porém, entenda uma coisa: isso não quer dizer que essas pessoas responderão positivamente.

♉ TOURO (21/4 A 20/5)
Tudo é mais trabalhoso do que o habitual, mas esse não é um cenário negativo, apesar de provocar cansaço. É o cenário em que sua alma poderá, com boa disposição e persistência, avançar muito. Com muito trabalho.

♊ GÊMEOS (21/5 A 20/6)
Para você se divertir, é necessário muito pouca coisa, portanto, evite se complicar, busque o que estiver ao seu alcance, porque há opções disponíveis. Buscar longe o que é próximo é um erro muito comum de se cometer.

♋ CÂNCER (21/6 A 21/7)
Este é um momento em que você pode compartilhar tempo com as pessoas que fazem bem à sua alma, tentando deixar de fora aquelas que, sabidamente, não lhe produzem grande simpatia. Separar o joio do trigo.

♌ LEÃO (22/7 A 22/8)
Muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo não é nada além disso: muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Parece bom, porque estimula e excita, mas também acontece de não levar a nada, e isso não é tão bom assim.

♍ VIRGEM (23/8 A 22/9)
Acumular talentos é uma mania muito humana, porém, mais humano ainda, e criativo também, é fazer uso de tudo que se acumula para melhorar a vida, não apenas a sua, mas de todas as pessoas com que se relaciona.

♎ LIBRA (23/9 A 22/10)
Está tudo certo, mas o mundo anda mais incerto do que nunca, o que achata qualquer tipo de estímulo que sua alma poderia sentir neste momento. Não se importe com isso, continue em frente, mas com cuidado e prudência.

♏ ESCORPIÃO (23/10 A 21/11)
Recolha sua consciência ao interior da alma e observe tudo com distanciamento para obter uma visão mais objetiva e clara dos acontecimentos em curso. Evite desanimar, ou se desanimar, passe rápido por isso.

♐ SAGITÁRIO (22/11 A 21/12)
Tantas pessoas interessantes para se relacionar, mas seria impossível juntar todas no mesmo ambiente, porque fazem parte de mundos tão discordantes entre si que elas não teriam como encontrar entendimento.

♑ CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1)
Hoje é um daqueles dias em que dá para fazer muito em menos tempo que o habitual. É domingo também, dia de preguiça e, por isso, provavelmente não haja essa disposição toda para a produtividade. Sua escolha.

♒ AQUÁRIO (21/1 A 19/2)
Assuma o protagonismo de sua própria história, tome as rédeas de seu destino, porque, ainda que isso crie uma angústia interior, baseada em que tudo dará errado, você verá sobre a marcha que ocorre o contrário.

♓ PEIXES (20/2 A 20/3)
A timidez esconde a ambição, seja consciente dela e a trate como amiga, em vez de se convencer de que nunca atingirá seus propósitos. Agora é a hora certa para você agir com mais ousadia do que a habitual. Em frente.

LEANDRO STAUDT

leandro.staudt@rdgaucha.com.br

Uma rivalidade anterior ao Gre-Nal

Com alegria, chego neste espaço para revirar o passado, contar histórias e mexer com a memória. Desde outubro, escrevo em GZH, onde você pode ler outras colunas. Meu primeiro resgate é sobre uma rivalidade esportiva de Porto Alegre antes da chegada do futebol.

A bicicleta foi uma febre no final da década de 1890 e início dos anos 1900. Em 10 de janeiro de 1897, ocorreu a primeira corrida após os alemães da Blitz desafiarem a União. Cada sociedade indicou três atletas para a disputa na Rua Voluntários da Pátria. O grande vencedor foi João Ribeiro Alves, da União, que chegou com pedal quebrado depois de dois tombos. Era o início da rivalidade.

GZH Leia outras colunas em **gzh.com.br/leandrostaudt**

A União Velocipédica de Amadores foi fundada em 1895 no Restaurante da Estação, no final da linha do bonde Menino Deus. Não nasceu com espírito competitivo. O uniforme era listrado em azul e branco. A sociedade usou o Prado Rio-Grandense, no Menino Deus, e depois construiu velódromo junto ao Prado Independência, no Moinhos de Vento.

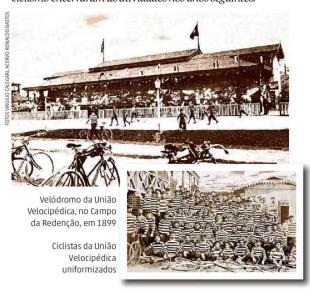
Em 1896, surgiu a Radfahrer Verein Blitz (na tradução do alemão, Clube de Ciclistas Relâmpago). Foi criada por integrantes de um clube de remadores formado por alemães e descendentes. A camisa era listrada nas cores preta e amarela. A pista de corridas ficava na Voluntários da Pátria.

Um grande momento do ciclismo foi a inauguração do velódromo da União no Campo da Redenção em 19 de novembro de 1899. O complexo com pista, arquibancadas e restaurante ficava na área ocupada hoje pela rádio da UFRGS, na Rua Sarmento Leite.

O cenário começou a mudar com o futebol. Os sócios da Blitz fundaram o Fuss-Ball Club Porto Alegre em 1903, e o campo ficou ao lado do velódromo dos alemães. Não foi coincidência que sócios da União ingressaram no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, fundado no mesmo dia. A rivalidade aos poucos migrou para os campos, e os clubes de ciclismo encerraram as atividades nos anos seguintes.

FOTOS VIRGILIO CALEGARI, ACERVO RONALDO BASTOS

Velódromo da União Velocipédica, no Campo da Redenção, em 1899

Ciclistas da União Velocipédica uniformizados

MAIS CRUZADAS

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Astrônomo dos EUA conhecido por seu trabalho de divulgação científica

Rio Branco

(?) Itália, antigo nome do Palmeiras

"(?) - Uma Jornada para Casa", filme

Divisão do Plano Piloto de Brasília

Ação do Banco Central em relação ao câmbio, após o dólar ultrapassar R$ 4,10 em 2019

Dito da pessoa pouco informada

Mamíferos como a jubarte e a minke

Substância branca usada em pintura

Fator considerado no cálculo do IMC

Afecção cutânea comum na puberdade

(?) James, uma das maiores vozes do jazz

"(?) mãe é padecer no paraíso" (dito)

Nadadeira (Zool.)

Aeronáutica (abrev.)

Subida íngreme

Poema lírico

Símbolo natalino enfeitado com bolas

Cama para transportar feridos

Mais pra (?) do que pra cá: muito debilitado

Débora Bloch, atriz mineira

Fruto exportado pela Argentina

Campo de cereais

Queimar levemente

Significa "oito", em "octaedro"

(?) Hall, casa de espetáculos londrina

Designação de membro do PSDB

Que goza de respeito e deferência

Aranha amazônica

Teste, em inglês

Babá; pajem

Feita sem apuro

Adiante

Vir à (?): emergir

"(?) o Fim", sucesso dos Engenheiros do Hawaii

O império derrotado por Cortés em 1521

Agência espacial dos EUA

Cordão, em inglês

Enxofre (símbolo)

Produção artística de Mestre Vitalino

BANCO 3/ami. 4/cord — etta — lion — test. 6/albert — asteca. 60

Solução desta cruzada

DAVID COIMBRA
david.coimbra@zerohora.com.br

O vírus do amor

Lígia tinha pés lindos. Não era uma mulher bonita. Também não era feia. Era, digamos, normal da cabeça às canelas. Mas, abaixo delas, a partir dos tornozelos, Lígia se tornava especial. Seus pés eram divinos, pés delicados e delgados, pés de pele macia e dedos graciosos, que subiam harmonicamente em deliciosa escadinha começando no comovente minguinho e terminando no meigo hálux, que o dedão de Lígia não podia levar esse nome grosseiro de "dedão", era hálux.

Os homens quando viam os pés de Lígia se encantavam. Aqueles pés sugeriam algo que eles não conseguiam identificar racionalmente, conseguiam apenas sentir. Eram pés cheios de malícia. Pés de pecado.

Os pés de Lígia eram famosos na cidade. Já tinham sido fotografados em anúncio de revista, já tinham sido filmados em comercial de TV. Todos os homens com quem Lígia havia se relacionado, quando falavam nela, falavam de seus pés.

Até o dia em que ela se aborreceu. Não suportava mais que as pessoas comentassem sobre seus pés. Ela era mais do que aquilo, ela tinha outras qualidades, ela não era só um pé (ou dois), ela era UMA MULHER, entende? Com sonhos. Com sentimentos. Uma mulher que se esforçou muito para ser quem era. Ela viera de uma família pobre e batalhara duro para crescer, para evoluir, para ocupar seu lugar no mundo. E agora só o que as pessoas falavam era em seus pés. Pé, pé, pé! Lígia passou a sentir ciúmes de seus próprios pés. Passou a odiá-los.

O drama de Lígia era muito parecido com o de Gilson. Gilson não era um homem bonito, nem feio. Não era inteligente, nem burro. Não era alto, nem baixo. Nem gordo, nem magro. Gilson era em tudo mediano, a não ser na voz. A voz de Gilson era maviosa, profunda, macia como a pele dos pés de Lígia. Gilson, quando falava, enfeitiçava as mulheres. Não que dissesse algo especialmente interessante. Até porque nunca teve, de fato, algo interessante a dizer. Era o som da sua voz que mesmerizava o ouvinte.

Uma vez, uma mulher pediu que ele lesse em voz alta a lista do súper. Sério.

Estavam os dois sentados no sofá da casa dela, bebendo um vinho, e ela tirou a lista de compras do bolso e miou:

"Pode ler pra mim? Em voz alta?"

Ele primeiro vacilou, não ia fazer aquilo, era ridículo, mas os olhos dela suplicavam, e ele resolveu atender. Começou:

"Um quilo de batatas... Sal... Feijão preto..."

Enquanto ele falava, ela gemia baixinho:

"Uh... Oh! Hmmm..."

E ele seguiu em frente, a lista era grande. E ela gemendo sem parar, cada vez mais alto, até chegar ao mamão papaia, quando ela não aguentou mais, atirou a taça de vinho na parede e pulou sobre ele gritando:

"Mamão papaia! Mamão papaia!"

Foi uma noite de loucuras. Mas Gilson, como Lígia, começou a se irritar com aquilo. Porque, para as mulheres, não interessava o que ele sentia, não interessava o que ele pensava, não interessava nem o conteúdo do que ele falava, só interessava a sua voz. Elas não olhavam para o seu interior, nem para o seu exterior, elas só queriam as suas cordas vocais.

"Eu sou um homem!", gritava Gilson. "Eu não sou só um som!"

Ele se sentia um três-em-um. Era horrível.

Toda gente conhecia Gilson não por seu nome, mas por ser "o rapaz da voz". E Lígia, ninguém sabia quem era Lígia, e sim "a moça do pé".

Aí chegou a peste. Ambos, Lígia e Gilson, foram infectados pelo coronavírus. Nada grave, eles só sentiram um sintoma cada um: Gilson foi atacado direto na garganta e Lígia sofreu o que é chamado de "pé de covid". Gilson ficou rouco e Lígia teve os pés cobertos de feridas. E foi assim, nessa situação, na sala de espera do médico, que eles se encontraram pela primeira vez. Iniciaram a conversa, cada qual atrás da sua máscara, com observações sobre o tempo, depois sobre a pandemia, e a coisa foi evoluindo e evoluindo, até que se reconheceram:

"Você é a moça do pé?"

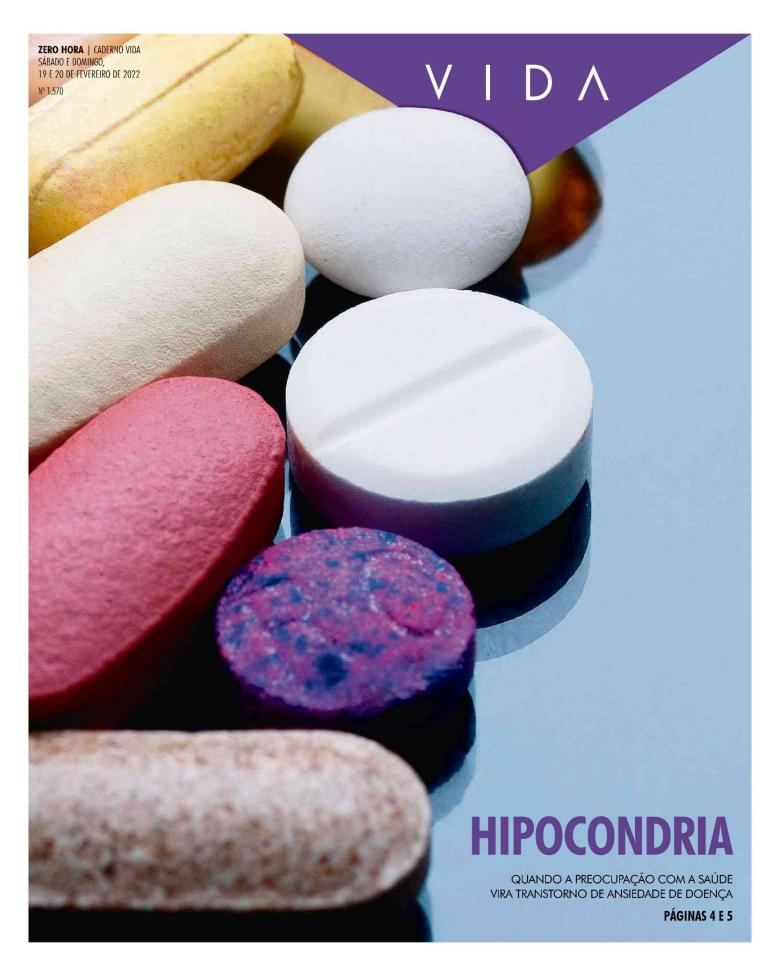
"E você é o rapaz da voz?"

Eram, mas admitiram:

"Eu agora fiquei rouco, não sou mais o rapaz da voz".

"E eu não sou mais a moça do pé".

E os dois se olharam e foram olhares cheios de significado e eles riram e, sem nem falar, simplesmente se abraçaram. Podiam se abraçar, estavam imunizados não só da doença como de seus próprios predicados. Para eles, o corona não foi mau. Para eles, o corona foi o vírus do amor.

Texto originalmente publicado na edição de 18 e 19 de julho de 2020

ZERO HORA | CADERNO VIDA
SÁBADO E DOMINGO,
19 E 20 DE FEVEREIRO DE 2022
Nº 1.570
VIDA
HIPOCONDRIA
QUANDO A PREOCUPAÇÃO COM A SAÚDE
VIRA TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA
PÁGINAS 4 E 5

J.J. CAMARGO

J. J. Camargo é cirurgião torácico da Santa Casa de Porto Alegre e membro titular da Academia Nacional de Medicina
jjcamargo.vida@gmail.com

SOLIDÃO, UMA BIZARRA CAUSA DE MORTE

O QUE APRENDER COM A HISTÓRIA DA ITALIANA ENCONTRADA SENTADA EM UMA CADEIRA DOIS ANOS APÓS FALECER

"A morte deveria ser assim: um céu que pouco a pouco escurecesse e a gente nem soubesse que era o fim" **(Mario Quintana)**

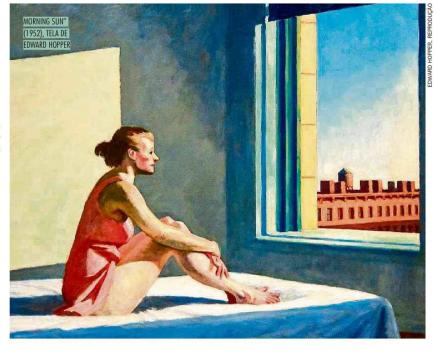
A expectativa de que a superpopulação e a instantaneidade dos meios de comunicação favorecessem a aproximação dos inquilinos do planeta não se confirmou.

E ninguém foi capaz de prever esta forma invulgar de solidão produzida pelo individualismo, que ergue muros altos para dizer aos vizinhos de porta que não têm nenhum interesse neles.

A intimidade beneficiada pela vizinhança na pequena comunidade, onde todos se conhecem, se perdeu a caminho da cidade grande, onde a insegurança pelo medo do desconhecido eliminou o estímulo à conquista de novos amigos.

E antecipou o isolacionismo que Drummond, genial como só, usou para definir velhice "como aquela fase da vida em que você admite que já tem todos os amigos que precisa".

Mas nada disso passa perto de explicar o ocorrido com Marinella Beretta, moradora de Prestino, na Lombardia, encontrada sentada em sua cadeira, dois anos depois da sua morte, aos 70. O que naturalmente reacendeu o debate sobre a dramática solidão dos idosos.

E o encontro do seu corpo mumificado não foi resultado da busca de um ente querido por algum familiar saudoso e carente de notícias. Nada disso: os bombeiros que a encontraram estavam apenas atendendo um chamado dos vizinhos que alertaram para o risco de queda de árvores no seu pátio negligenciado.

MORNING SUN" (1952), TELA DE EDWARD HOPPER

EDWARD HOPPER, REPRODUÇÃO

O que quer dizer que, passado esse tempo, a pobre Marinella continuava não fazendo falta a ninguém. Talvez ela estivesse pensando nisso quando a morte interrompeu o simulacro de vida que deixaria como único fato marcante esta história, relatada pela imprensa italiana com dois anos de atraso, e que se não fosse tão bizarra nem isso teria merecido.

"Esta morte solitária de Marinella fere as nossas consciências", admitiu a ministra da Família, Elena Bonetti.

Infelizmente, o ocorrido na Itália, um país onde 40% das pessoas acima de 75 anos de idade vivem sozinhas e, em igual porcentagem, não têm a quem recorrer em uma emergência, tende a se repetir à medida que prospere a longevidade sem utilidade, a maior usina geradora de solidão, já reconhecida como doença, com Código Internacional de Doenças (CID Z60.2) e tudo.

Fernando Pessoa definiu a morte como "a curva da estrada. É não ser mais visto". Mas a misteriosa vida invisível de Marinella por trás da sua porta fechada não cabe em nenhum modelo imaginável de abandono. E nos deixa uma terrível lição, porque, como advertiu Il Mensaggero, "a grande tristeza não é que não tenham percebido a sua morte, mas não a terem notado enquanto ainda estava viva".

A LONGEVIDADE SEM UTILIDADE É A MAIOR USINA GERADORA DE SOLITÁRIOS.

INFORME COMERCIAL

Rogério Mengarda é Diretor Clínico OdontoMengarda
Harvard OPM
Doutorado em Clínica Odontológica
Mestre e Especialista em Implantes Dentários
MBA em Gestão de Clínicas e Hospitais

São Valentim e o amor

No Brasil, o Dia dos Namorados é comemorado no dia 12 de junho, juntamente com o dia de Santo Antônio, o "santo casamenteiro". Porém, em diversos países da Europa, da América do Sul e nos Estados Unidos, o dia para "celebrar" o amor foi 14 de fevereiro, o Valentine´s Day.

Você sabe quem foi São Valentim?

Sempre tive alguma curiosidade em entender por que em alguns países o Dia dos Namorados é comemorado no dia de São Valentim. E você também tem essa curiosidade sobre a data? Trouxe aqui algumas informações!

O bispo São Valentim viveu durante Império Romano, no século 3 (tempo em que muitas guerras estavam acontecendo). Nesta época, o Imperador Cláudio II proibiu o casamento porque achava que soldados solteiros eram melhores combatentes. Mas Valentim realizou muitas uniões de maneira discreta e secreta.

Até que um dia ele foi descoberto, preso e condenado à morte. Mesmo atrás das grades, o bispo recebeu cartas e flores de pessoas que acreditavam no amor e queriam agradecê-lo por realizar os seus casamentos. Ele era muito querido dentro daquela comunidade.

Além disso, há outra história relacionada ainda com a prisão de Valentim. Durante o seu período encarcerado, conta a lenda que o bispo se apaixonou pela filha cega de um carcereiro e que, milagrosamente, ele lhe devolveu a visão.

Antes da sua execução, Valentim escreveu uma mensagem de despedida na qual assinou como "Seu Namorado" ou "De seu Valentim". O dia da sua execução (14 de fevereiro) tornou-se, muitos séculos depois, o dia de celebração do amor.

A OdontoMengarda também tem história de amor

Eu, certamente, já contei esta história para vocês, mas não tem como não a recordar em datas que fomentam esse sentimento tão bonito.

Seu Geraldo foi meu paciente há muitos anos. Ele é um homem muito alto, com traços fortes, pele muito clara e, em contraste, cabelo e barba escuras com poucos fios grisalhos. Tem uma voz forte e grossa, apesar de já ter passado dos 70 anos.

Quando ele começou a fazer o tratamento comigo, ele tinha ficado viúvo há pouco tempo. Ele contou sobre isso logo na primeira consulta, como vivia abatido e estava fazendo terapia para ressignificar a sua dor.

De outro lado, dona Ana (uma senhora não tão alta, olhos azuis escuros, cabelos louros, mas sempre presos em um coque perfeito), que também virou paciente naquela mesma época. Na primeira consulta, ela foi acompanhada da filha. Na ocasião, dona Ana acabou comentando na consulta que tinha se tornado viúva há quase uma década.

Muitos meses depois, quase não lembrava destes pacientes com tantos detalhes e chega dona Ana para uma revisão. Detalhe: de mãos dadas com seu Geraldo. Na hora, fiquei confuso, pois apesar deles terem finalizado o tratamento há muitos meses, sabia que eles não eram casados.

Obviamente que eu não fui indiscreto e guardei para mim a confusão (vai que minha memória estivesse me pregando uma peça, não é mesmo?!) e segui a consulta de maneira natural. Perto do final, seu Geraldo finalmente comentou:

Foto de Freestocks no Pexels

"sua clínica também é palco de histórias de amor, viu, Dr.Rogério?".

Resumindo: eles tinham sido namorados na juventude e, por diversos motivos, cada um seguiu o seu próprio rumo. Mas nunca deixaram de pensar um no outro. Durante o tratamento odontológico, eles se reencontraram na sala de espera, retomaram o contato e... casaram-se!

O amor é mesmo engraçado e surpreendente: ele pode estar nos aguardando nos lugares mais despretensiosos. Quando tem que ser, essa força tão poderosa chamada amor faz a sua magia, não é mesmo?!

Lembrar de seu Geraldo e dona Ana sempre me emociona, pois sinto que eu, de alguma forma, faço parte desta linda história de amor.

Então, meu amigo e minha amiga... qual a mensagem que gostaria de deixar? Vamos sempre celebrar o amor nas suas mais diversas formas: o amor romântico, o amor de pais, de irmãos, o amor entre amigos... vamos aproveitar o final de semana de São Valentim para temperar com muito amor nossas vidas! Há tanto desamor no mundo: vamos ser fonte de muitos corações vermelhos e vibrantes, sim?!

Bom final de semana!

Curta nas redes sociais
Facebook: Dr.RogerioMengarda
Instagram: @odontomengarda
www.odontomengarda.com

SAÚDE MENTAL

O MEDO DE FICAR DOENTE

ENTENDA O QUE É O **TRANSTORNO DE ANSIEDADE DE DOENÇA** E SAIBA COMO IDENTIFICAR OS SINTOMAS

GUSTAVE COURBET, REPRODUÇÃO

"O DESESPERADO" (1843), TELA DE GUSTAVE COURBET

Jhully Costa
jhully.pinto@zerohora.com.br

Uma sensação corporal comum, como um formigamento após passar muito tempo com a perna cruzada, é erroneamente interpretada como sintoma de um tumor na medula, gerando grande certeza ou preocupação.

Segundo especialistas, a situação descrita é um exemplo de como o transtorno de ansiedade de doença pode se manifestar. A condição psíquica, também conhecida como hipocondria (termo menos utilizado hoje em dia por causa da conotação pejorativa associada à palavra hipocondríaco), é caracterizada pelo medo excessivo e desproporcional de ter ou contrair alguma enfermidade grave.

Pacientes com esse tipo de transtorno de ansiedade costumam ter relações peculiares com seus corpos, já que a atenção é retirada do mundo externo e focada em si próprio. Assim, qualquer alteração corporal é hipervalorizada, de forma muito obsessiva e não da perspectiva do autocuidado, explica a psicóloga clínica e psicanalista Camila Allegretti, diretora administrativa da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS):

– Muitas vezes, esse paciente vai interpretar erroneamente os sinais e alterações normais do corpo ou, até mesmo, as próprias funções e sensações corporais. Tudo se torna muito aflitivo e angustiante.

De acordo com Analuiza Camozzato, professora de psiquiatria da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e chefe do Serviço de Psiquiatria da Santa Casa de Misericórdia, o medo desses indivíduos se mantém mesmo após avaliações médicas e exames físicos e laboratoriais constatarem que a doença não existe. Ou seja, eles não se convencem de que não estão doentes.

O trecho do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), de 2014, sobre transtorno de ansiedade de doença destaca que as preocupações desses pacientes acerca de quadros de saúde não diagnosticados também "não respondem a medidas de tranquilização médica apropriadas, exames diagnósticos negativos ou um curso benigno" e que "as tentativas do clínico de tranquilizar o indivíduo e aliviar o(s) sintoma(s) geralmente não ajudam a diminuir as preocupações e podem até aumentá-las".

Além disso, o documento aponta que indivíduos com essa condição se tornam facilmente "assustados por doenças", como quando descobrem que alguém ficou doente ou leem uma reportagem relacionada à saúde. Essas preocupações assumem um lugar de destaque na vida da pessoa, afetando atividades cotidianas e relações sociais e de trabalho.

QUANDO A PREOCUPAÇÃO COM A SAÚDE VIRA PROBLEMA

A preocupação com a saúde pode ser considerada uma doença quando extrapola o limite, causando muito sofrimento ou prejuízo em determinado aspecto da vida da pessoa, ou quando o cuidado é tão rígido que impede a pessoa de viver, já que ela só fica pensando no adoecimento e na morte.

– Uma coisa é estar atento ao corpo e tomar medidas para prevenir doenças, outra é interpretar funções vitais ou qualquer mínima alteração corporal como um grave padecimento e ficar extremamente angustiado apenas com base em uma ideia infundada – esclarece a psicanalista Camila Allegretti.

Para a professora da UFCSPA Analuiza Camozzato, um paciente com transtorno de ansiedade de doença sabe identificar que o medo é desproporcional, mas, mesmo assim, não consegue deixar de ter esse comportamento. E exemplifica:

– A pessoa tem medo de ter covid-19, faz o teste e dá negativo. Está sem sintomas, mas faz o teste de novo, é avaliada por médicos, só que continua com medo. É reassegurada de que não tem a doença, mas a preocupação não passa, é desproporcional.

Quem já tem algum quadro clínico, como hipertensão, também pode ser diagnosticado com o transtorno. Neste caso, pode haver uma preocupação excessiva de se ter um acidente vascular cerebral (AVC), por exemplo.

As preocupações sempre envolvem doenças graves, com desfechos catastróficos, que causam muita angústia. Assim, uma dor de cabeça normal do dia a dia já pode ser considerada sintoma de tumores no cérebro e um incômodo nos olhos devido ao uso de telas pode ser interpretado como um câncer, que fará com que a pessoa fique cega de uma hora para outra.

PREVALÊNCIA E SUBTIPOS

As estimativas de prevalência do transtorno de ansiedade de doença citadas pelo DSM-5 baseiam-se nos dados de diagnóstico de hipocondria dos dois manuais anteriores. Conforme o documento, a prevalência em um a dois anos de ansiedade acerca da saúde e/ou convicção de doença em levantamentos em comunidades e amostras populacionais vai de 1,3% a 10%. Já em populações médicas ambulatoriais, as taxas em seis meses a um ano ficam entre 3% e 8%. Homens e mulheres são acometidos pela doença na mesma proporção.

Analuiza Camozzato comenta que esse transtorno geralmente começa na adolescência ou na fase adulta e vai piorando com a idade, sendo raro em crianças. Ela salienta:

– É uma condição crônica, ou seja, os pacientes passam a vida toda tendo essa preocupação excessiva. Mas pode mudar o foco da preocupação, não é sempre a mesma doença, pode ser mais de uma.

Há dois subtipos de pacientes: aquele que busca o cuidado médico, utilizando com frequência o sistema de saúde ao consultar com diferentes profissionais e realizar diversos exames e procedimentos, e o que evita o cuidado porque acredita que tem a doença, mas tem um medo excessivo de diagnosticá-la.

CAUSAS E FATORES DE RISCO

De acordo com Analuiza Camozzato, não se sabe exatamente qual a causa, mas podem aumentar o risco: contexto familiar onde se tem muita discussão e preocupação com a saúde; histórico de doença grave na infância ou em alguém da família; diagnóstico prévio de transtorno de ansiedade generalizada; costume de ler muito conteúdo relacionado à saúde na internet.

Além disso, a diretora administrativa da SPRGS reforça que uma doença mental é sempre resultado da estrutura psíquica da pessoa, que é formada por características genéticas e por traços adquiridos no decorrer da vida. Dessa forma, sujeitos que tenham essa estrutura abalada, como aqueles com maior nível de ansiedade, são mais suscetíveis a desenvolver a condição.

— Os pacientes que trazem esse sofrimento podem apresentar alguns pontos frágeis na estrutura psíquica. Por consequência, se sentem mais vulneráveis, tendo medo excessivo de serem acometidos por alguma doença — comenta Camila Allegretti.

Por vezes, existe um conflito interno, que gera angústia, e o paciente projeta no externo, resultando no medo de uma doença. Isso, segundo a psicanalista, é uma forma inconsciente de autodefesa, já que pode haver uma tentativa ineficaz de resolver a situação indo a consultas, fazendo exames e buscando tratamento para o suposto problema.

O RISCO DA AUTOMEDICAÇÃO

Entre os principais riscos do transtorno de ansiedade de doença, estão a automedicação, a incapacitação e um grande impacto na qualidade de vida do paciente.

O risco de automedicação está relacionado à vontade de tratar a doença que a pessoa tanto teme ter. Vinícius Sabedot Soares, coordenador médico de governança clínica do Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), afirma que é bastante comum pacientes consultarem várias vezes em pronto-atendimentos, só para renovar a receita de um medicamento controlado, que foi prescrito em algum momento, porque acreditam que têm uma doença e precisam daquela medicação, mesmo que não apresentem nenhum sintoma atualmente.

Já o impacto na qualidade de vida tem relação com a quantidade de tempo gasto com as preocupações com a saúde, alerta a professora Analuiza Camozzato. O DSM-5 também destaca que, com frequência, o transtorno interfere "nas relações interpessoais, perturbam a vida familiar e comprometem o desempenho profissional".

Camila Allegretti concorda, afirmando que, muitas vezes, o foco da vida de quem sofre com essa questão será comprovar que tem a doença e que, para isso, podem peregrinar em diferentes médicos, fazer inúmeros exames — por vezes até invasivos —, frequentemente se ocupando com alguma doença e pesquisando a respeito durante longos períodos. Por este motivo, a psicanalista enfatiza que se trata de uma doença muito incapacitante em alguns casos, já que a pessoa fica tomada pela angústia.

GZH Leia mais sobre automedicação em gzh.rs/automedica

NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Não há dados específicos sobre o aumento de diagnósticos durante a pandemia. Mas a psicanalista Camila Allegretti relembra que a chegada do coronavírus intensificou as questões psíquicas de forma geral, resultando no surgimento de novos casos e no agravamento de patologias já existentes.

Ela destaca que o distanciamento social e a necessidade de uma atenção maior com a saúde também fizeram com que as pessoas ficassem mais voltadas para si, o que impacta diretamente os pacientes com esse transtorno:

– Esses pacientes já canalizam de forma excessiva o investimento em si, então com certeza a angústia se intensificou, principalmente porque todo mundo estava voltando a atenção para o vírus e suas manifestações no corpo.

DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO

O diagnóstico é feito por psicólogos e psiquiatras. No entanto, o primeiro a identificar os sinais e sintomas pode ser o médico clínico, pois é o profissional que costuma ter o contato inicial com esses pacientes, esclarece Analuiza Camozzato:

– É possível notar que a preocupação é excessiva, desproporcional. Os pensamentos catastróficos em relação à doença são indicativos para os médicos. E é importante que todos os profissionais entendam que é uma doença, porque dizer para aquela pessoa que "é coisa da sua cabeça" é o pior para ela. A recomendação é explicar que existe esse transtorno e encaminhar para um psiquiatra.

O problema é que, diante da mudança excessiva de médicos, o diagnóstico pode demorar. Segundo Vinícius Sabedot Soares, do Hospital São Lucas da PUCRS, um fator que dificulta, especialmente em serviços de pronto-atendimentos, é que as consultas costumam ser rápidas, com duração em torno de 15 minutos, e que não existe uma relação prévia com aquele paciente. Por isso, às vezes os sinais passam despercebidos. Já no sistema privado de saúde, muitas vezes, o paciente consegue marcar consultas diretas com especialistas, sem passar por um clínico, e pode ir trocando de médicos.

– A pessoa que tem esse transtorno costuma criar uma expectativa em relação à consulta, achando que vai receber um pedido de exames e receitas. Então, se ela não recebe isso, fica insatisfeita e troca de profissional – diz Soares, acrescentando que a identificação desses pacientes depende da sensibilidade do clínico geral, que precisa perceber os sinais de angústia e ter tato para abordar o assunto:

– Alguns pacientes sabem que têm o problema, mas não estão abertos para receber contraponto.

O tratamento envolve principalmente psicoterapia cognitivo-comportamental, para fazer a pessoa entender que a preocupação é excessiva, identificar o comportamento e tentar corrigi-lo ou eliminá-lo. Apesar de ser um quadro crônico, Analuiza Camozzato ressalta que, quanto mais cedo ocorre o diagnóstico, maiores as chances de melhora.

Camila Allegretti diz que a psicoterapia ajuda o paciente a entender os motivos para o medo e o que realmente gera angústia, para então conseguir lançar mão de outras ferramentas internas, que muitas vezes precisam ser construídas, para lidar melhor com a questão. Em certos casos, também pode ser necessário usar medicações, como antidepressivos, até que a pessoa fique menos angustiada.

Além dos médicos clínicos, o encaminhamento do paciente a um especialista pode partir de familiares e amigos que percebam os sinais. Allegretti afirma que quem convive com alguém que tenha transtorno de ansiedade de doença deve primeiro acolher o sofrimento da pessoa, sem nunca minimizar ou dizer que "não é nada".

BEM-ESTAR

BRUNA LOMBARDI

Atriz, escritora, apresentadora, produtora, palestrante e ativista ambiental.
brunalombardi@redefelicidade.com

ABISMO E ASAS

Uma amiga me ligou desesperada dizendo que não conseguia dormir direito e sentia uma crise de ansiedade por não saber o que vai acontecer.

Estamos todos confusos e perplexos diante de uma realidade que muda a cada dia, num misto de falta de perspectiva e de esperança, e a tentativa de compreender que caminho seguir num mundo que parecia de um jeito e foi ficando de outro... Mas pensando bem, alguma vez na vida a gente soube o que ia acontecer? Não, claro que não.

Mesmo com todas as previsões e expectativas, com nossos sonhos e desejos, o futuro sempre foi desconhecido pra nós. Sempre será. Isso não mudou. Vivemos sempre apenas o momento presente, e sabe Deus o que vai acontecer amanhã.

A vida é tecida de incertezas. A única certeza que temos diante de nós é que vamos lidar com o desconhecido. Temos que aprender a nos adaptar e não deixar que cada instante nos coloque num estado de suspensão.

Quando estamos em suspenso, é como se a gente prendesse a respiração. Tudo paralisa e a gente não consegue agir.

Perdemos a fé, nos deixamos invadir pela dúvida, e o medo nos domina. E é assim que a gente se desconecta de nós mesmos e perde o fio da esperança.

A vida é aquilo que passa enquanto a gente faz planos, dizia John Lennon. A vida não tem rascunho, não tem ensaio, cada minuto é uma estreia, dizia Bernard Shaw. Aconteça o que acontecer, seguimos fazendo planos, inventamos novos desejos e possibilidades. Fazemos orações, renovamos promessas e sonhos...

E a vida continua nos surpreendendo com o inesperado e acontecendo do jeito que ela quer.

A gente muda o que pode mudar e aprende a aceitar o que está fora do nosso poder. Precisamos abraçar o mistério, a surpresa de cada virada, cada movimento, sem deixar que os vendavais de visões negativas nos arrastar e derrubem.

Tem um poema meu que diz:
"Você pode me empurrar pro precipício
Não me importo com isso
... eu adoro voar"

No meu livro Clímax, tem uma poesia que começa assim: "Crio asas no abismo e sobrevoo devagar e distraída...".

E tem também uma frase no meu livro Jogo da Felicidade: "Se tirarem seu chão, invente asas".

> A ÚNICA CERTEZA NA VIDA É QUE VAMOS LIDAR COM O DESCONHECIDO. TEMOS QUE APRENDER A NOS ADAPTAR E NÃO DEIXAR QUE CADA INSTANTE NOS COLOQUE NUM ESTADO DE SUSPENSÃO.

Esse tema foi sempre presente, a ideia de reagir, resistir, de criar asas à beira do abismo me acompanha desde sempre.

Aconteça o que acontecer, por mais impossível que pareça, sempre se acha uma saída. Seja por instinto, intuição, lógica ou razão, seja por um milagre, a gente sempre acha uma solução.

Carrego a certeza que mesmo quando nos sentimos ilhados, sozinhos, isolados, abandonados, mesmo quando parece que não há horizonte no céu escuro, nós vamos achar um caminho. Porque sempre existe um caminho.

Sou uma incorrigível otimista, e pensar positivo me dá coragem. Perguntei para minha amiga em quantas beiras de abismo ela já pisou. Um monte, ela me disse. Pois é, e estamos aqui.

Na hora, sempre aparece coragem ou sorte, sei lá. Mas sem coragem, a sorte passa por nós e não a vemos.

Na hora, sempre aparecem asas que a gente nem sabia que tinha.

Abismos existem para que a gente aprenda a sobrevoar.

GZH
Leia outras colunas em
gzh.com.br/brunalombardi

Bruna Lombardi escreve a cada 15 dias neste espaço.
Na próxima semana, leia a coluna de Monja Coen.

OFTALMOLOGIA

OLHOS TAMBÉM MERECEM CUIDADOS

CONFIRA DICAS SOBRE **ÓCULOS DE SOL E LENTES DE CONTATO**

Não é apenas a nossa pele que pede cuidados especiais durante o verão. Quando falamos em exposição dos olhos às radiações solares, consequências – algumas mais imediatas e outras de longo prazo – podem ocorrer. Assim como o uso de lentes de contato em época de muito mar e piscina também pode acarretar em problemas para a saúde ocular.

Em dias ensolarados ao ar livre, o sintoma mais imediato de quem tem olhos desprotegidos é a fotofobia – aquela sensação de urgência em franzir os olhos. Já a longo prazo, a exposição direta dos olhos ao sol é um fator de risco para a degeneração macular relacionada à idade (DMRI), uma das causas mais comuns de perda de visão irreversível em idosos.

A boa notícia é que dá para contornar esses riscos com itens simples, que requerem apenas escolha atenciosa. O mais conhecido de todos são os óculos de sol.

Membro da Sociedade Brasileira de Retina e Vitreo e proprietário da Gramado Clínica de Olhos, na serra gaúcha, o oftalmologista Rodrigo Pazetto recomenda prestar atenção à certificação de filtro adequado dos óculos – etiquetas ou marcação no canto da lente costumam atestar a proteção contra raios UVA e UVB. Por isso, não compre óculos de onde você não sabe a procedência, procure por óticas de confiança.

– Quando utilizamos óculos de lente escura, nossas pupilas dilatam e ficam mais expostas ao sol, por isso, se não tiver filtro adequado, pode se tornar mais perigoso usar esse tipo do que estar sem nada – explica Pazetto.

SOLUÇÕES RESERVAS

Além de um bom óculos, é bom ter consigo sempre outro de reserva, desde que com o mesmo certificado de proteção. Para quem usa lentes de contato, tenha um óculos de grau sobressalente ou mesmo um par de lentes extra. Também é bom ter uma solução para lentes a mais e colírio lubrificante.

A exposição de lentes de contato à água pode resultar em uma infecção amebiana bastante perigosa e de difícil controle, conhecida como ceratite por acanthamoeba. A doença pode causar danos à córnea e causar até mesmo cegueira. Por isso, o recomendado é não entrar no mar ou na piscina de lentes. Aquelas conhecidas como "one day", ou seja, descartáveis após o uso diário, até podem ser usadas na praia, mas também deve-se observar cuidados:.

– Fazemos a ressalva de evitar o contato de qualquer tipo de lente com água, porque se entrar, ela se torna um vetor para a ameba da água entrar na córnea e torna-se realmente algo bem difícil de tratar – ressalta Pazetto.

Uma dúvida bem comum entre os pais ou responsáveis por crianças é se elas podem usar óculos de sol. Não só podem como devem, diz o oftalmologista:

– Para as crianças que precisam de óculos de grau, existem também as opções com lentes fotocromáticas.

Os cuidados na busca por um óculos adequado para elas são os mesmos adotados na compra do acessório para adultos: conferir a certificação de filtro adequado para raios UVA e UVB.

OFTALMOLOGISTA RECOMENDA USAR ÓCULOS QUE TENHAM A CERTIFICAÇÃO DE PROTEÇÃO

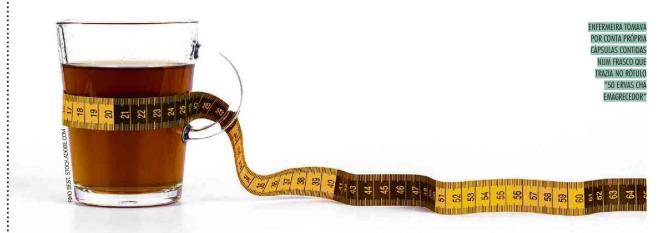
WIRESTOCK, STOCK.ADOBE.COM

DRAUZIO VARELLA

Médico, cientista e escritor
drauziovarella.com.br

ERVAS QUE MATARAM ENFERMEIRA SÃO NOVO TRUQUE DA "MEDICINA NATURAL"

RIKO BEST, STOCK.ADOBE.COM

ENFERMEIRA TOMAVA POR CONTA PRÓPRIA CÁPSULAS CONTIDAS NUM FRASCO QUE TRAZIA NO RÓTULO "50 ERVAS CHÁ EMAGRECEDOR"

PRODUTOS ESTÃO À VENDA COMO SE FOSSEM POÇÕES MÁGICAS E NÃO FORAM SUBMETIDOS A TESTES CIENTÍFICOS

Enquanto os médicos receitavam o que lhes dava na cabeça, a medicina fazia pouca diferença na vida dos doentes.

Durante séculos, médicos prescreveram sangrias, aplicações de sanguessugas, lavagens intestinais, vomitórios e poções preparadas com mistura de ervas e cascas de árvores, em nome da autonomia no exercício da profissão.

A medicina foi praticada dessa maneira desde os tempos das cavernas, quando a expectativa média de vida era de 20 e poucos anos. Milhares de anos mais tarde, no século 18, essa expectativa mal passava dos 30 anos, pouco mais do que no Império Romano. No início do século 20, atingia 40 anos, mas apenas na Europa desenvolvida.

A prática médica baseada em evidências científicas foi decisiva para elevar a expectativa para mais de 70 anos, na maior parte dos países.

Por incrível que pareça, a autonomia irrestrita dos médicos para receitar o que bem entenderem foi ressuscitada pelo mau-caratismo de alguns políticos para justificar o emprego de remédios inúteis no tratamento da covid-19, em pleno século 21.

São desprezíveis esses homens com intenções inconfessáveis, que pregam a liberdade dos médicos para receitar até o que não serve para nada, até o que pode fazer mal, mas que ao ficar doentes correm para os melhores hospitais de São Paulo e chamam os médicos mais afamados, para serem tratados em obediência às melhores evidências científicas.

Dias atrás, uma enfermeira teve um quadro de hepatite fulminante. Era uma moça de 42 anos, saudável, que perdeu a vida em poucos dias, mesmo depois de receber um transplante de fígado. Tomava por conta própria cápsulas contidas num frasco que trazia no rótulo "50 Ervas Chá Emagrecedor", indicado para diabetes, colesterol, para regularizar o intestino, combater a ansiedade e a celulite, além de emagrecer sem necessidade de dieta, segundo o fabricante apregoava.

A internet, terra de ninguém, o rádio e a TV estão infestados de anúncios de produtos como esse que se beneficiam de uma legislação ridícula, na qual são enquadrados como suplementos alimentares, portanto comercializados sem passar pela fase de estudos clínicos para demonstração de eficácia nem de avaliação pela Anvisa.

O argumento mais convincente para os incautos de boa fé que os compram é de que são "produtos naturais", portanto, se não fizerem bem, mal não farão.

O professor Raymundo Paraná, que coordena o grupo que recebe os casos de hepatite fulminante no Hospital da Universidade Federal da Bahia, identificou sete ervas hepatotóxicas entre as 50 da panaceia em questão que levou a enfermeira à morte. Tempos atrás, fui consultado por uma paciente com múltiplas metástases hepáticas que tomava essas cápsulas de 50 ervas, prescritas por um médico que se dizia "especialista em medicina natural".

Você perguntará, leitora incrédula, como é possível um cidadão ter passado seis anos numa faculdade de medicina sem ter adquirido um mínimo de formação científica a ponto de receitar ervas com componentes tóxicos para pessoas doentes ou saudáveis?

É possível, cara amiga. Os médicos que se dedicam a essas áreas pertencem a dois grupos: o primeiro é o daqueles que saíram da universidade sem noções básicas do pensamento científico; o segundo é o de espertalhões que farejam nesse campo um mercado mundial avaliado em cerca de US$ 20 bilhões anuais.

Nas faculdades particulares que proliferaram nos últimos anos para atender interesses políticos e comerciais – mas não apenas nelas –, milhares de profissionais foram graduados sem ter ouvido falar em estudos fase três, significância estatística e nas evidências científicas necessárias para indicar ou contraindicar qualquer tratamento.

Por essa razão, muitos médicos defenderam a famigerada "pílula do câncer" e os poderes curativos de João de Deus, e milhares deles prescrevem ainda hoje hidroxicloroquina, ivermectina e azitromicina, para pacientes com covid-19, sob o olhar acovardado dos conselhos de medicina. A ignorância dessa gente foi capturada pelos espertalhões que passaram a vociferar pela sagrada autonomia médica.

Ao médico deve ser assegurada a liberdade de apresentar ao paciente as opções de tratamento com eficácia demonstrada em estudos clínicos, para ajudá-lo a escolher a melhor opção. Liberdade para receitar remédios inúteis que apresentam efeitos colaterais ninguém pode ter, nem o companheiro de mesa no botequim.

É DESPREZÍVEL QUEM PREGA A LIBERDADE DOS MÉDICOS PARA RECEITAR ATÉ O QUE NÃO SERVE PARA NADA, **ATÉ O QUE PODE FAZER MAL.**

Leia outras colunas em **gzh.com.br/drauziovarella**

GZH
Leia todas as matérias da série +Saúde em **bit.ly/VidaMaisSaude**

+SAÚDE

Participe do +Saúde
Qual assunto você gostaria de ver no +Saúde? Mande sua sugestão!
Escreva para daniel.feix@zerohora.com.br e ticiano.osorio@zerohora.com.br

O ESTIGMA DA EPILEPSIA

É PRECISO FALAR E CONSCIENTIZAR SOBRE O DISTÚRBIO QUE AFETA 50 MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO

A doença não é o único desafio das pessoas com epilepsia – 50 milhões no planeta, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Como em diversos casos de distúrbios neurológicos crônicos, a solução para as dificuldades que os pacientes enfrentam não terminam no diagnóstico e no tratamento. Os indivíduos costumam conviver com o estigma social, que impacta diretamente nas suas relações sociais e na sua saúde mental.

TERMO REDUTOR

Como ação individual, buscar informações e conhecimento é a melhor forma de contribuir para a inclusão de pessoas com epilepsia. Uma questão básica é não chamar alguém com esse transtorno de epilético, pois é um termo que reduz a pessoa a sua doença. Além disso, procurar entender causas, como agir no caso de presenciar uma crise e como funciona o tratamento são atitudes que podem evitar perguntas inconvenientes e desmistificar a epilepsia.

O QUE É

Conforme a Associação Brasileira de Epilepsia, é um distúrbio do cérebro caracterizado pela predisposição duradoura a crises epilépticas, que não são ocasionadas por febre, uso de drogas ou transtorno metabólico. Quanto às causas, muitas vezes são desconhecidas, mas podem ter origem em uma lesão cerebral, que pode ser provocada por traumatismos, hemorragias, infecções, além do abuso de substâncias como álcool e drogas. Há também a possibilidade de má-formação congênita que pode estar associada ao quadro.

COMO AGIR

Em episódios epiléticos que duram mais de cinco minutos, a recomendação é a procura por atendimento médico. Antes disso, é importante saber como agir para deixar a pessoa segura durante a crise. Manter a calma é fundamental, além de tranquilizar outras pessoas que podem estar próximas. Todas as ações devem ser feitas para preservar a integridade do paciente que está enfrentando uma convulsão.

A orientação inicial é evitar que a pessoa caia no chão, mas deitá-la, de costas, e colocar sob sua cabeça algo macio. Não se deve segurar a pessoa para que ela não se mexa, mas é importante manter a cabeça virada para o lado, para evitar que ela se sufoque, e a barriga voltada para cima. Outra atitude importante é afastar tudo que pode gerar algum risco para a pessoa que está convulsionando. Também é permitido afrouxar as roupas. Fique ao lado da pessoa até a crise passar e controle o tempo. Se em cinco minutos o evento não terminar, acione um médico. Depois que acabar, deixe a pessoa descansar por um tempo e, se possível, permaneça à disposição.

O QUE NÃO FAZER

É tão importante como o que fazer. Não tente colocar nada dentro da boca da pessoa, não jogue água, não aproxime nada do seu rosto e não dê tapas.

TRATAMENTO

Todo o acompanhamento deve passar por um médico especializado. Hoje, o controle das crises é feito especialmente por meio de medicações antiepilépticas, que atuam para controlar descargas elétricas anormais que ocorrem no cérebro. Entender os fatores que tendem a desencadear as crises pode ajudar a evitá-las. Situações como estresse, privação de sono, esquecimento da medicação, ingestão de álcool, fortes emoções ou até sintomas físicos, como febre e cansaço, podem ser fatores que desencadeiam crises.

DIA ROXO

Para combater os preconceitos e conscientizar a população em geral, surgiu o Dia Internacional da Epilepsia – celebrado anualmente na segunda segunda-feira do mês de fevereiro. Também conhecida como Purple Day (Dia Roxo), a data foi criada no Canadá, em 2008, por Cassidy Megan, uma criança que, com a ajuda da Associação de Epilepsia da Nova Escócia (EANS), escolheu a cor para simbolizar o sentimento de solidão.

CRISES

Nas crises, durante alguns segundos, os neurotransmissores emitem sinais incorretos que alteram momentaneamente o funcionamento cerebral. Pode haver reflexos diferentes, como perda da consciência ou do controle motor, ou combinações desses sintomas. Há quatro tipos de crise:

▸ **Crise de ausência –** Ocorre quando a pessoa se apresenta desligada por alguns instantes. Geralmente ela retorna ao que estava fazendo em seguida.

▸ **Crises parciais simples –** É quando o paciente apresenta distorção de percepção, podendo perder o controle dos movimentos de uma parte do corpo. Pode estar associada com sensação de medo e mal-estar no estômago.

▸ **Crise parcial complexa –** É um quadro semelhante ao anterior, porém com perda da consciência. Quando a pessoa volta, pode apresentar confusão e perda da memória.

▸ **Crise tônico-clônica –** Há perda da consciência. Pode haver queda, com o corpo ficando rígido, com movimentos nas extremidades corporais, como contração e tremor.

TEM CURA?

Não existe a cura da epilepsia, pois as chances de um novo evento em pessoas que já os tiveram são maiores do que naqueles que nunca passaram por um episódio. No entanto, é possível que as crises nunca voltem a aparecer. Quando não há novos registros por dez anos, sendo cinco deles sem o uso de medicamento para o controle, a epilepsia é considerada resolvida.

WINDYNIGHT, STOCK.ADOBE.COM

VIDA ▸ **EDIÇÃO** Ticiano Osório (ticiano.osorio@zerohora.com.br) ▸ **DIAGRAMAÇÃO** Bianca Weschenfelder e Carolina Salazar ▸ **CAPA** Stephen Gibson, stock.adobe.com

ZERO HORA

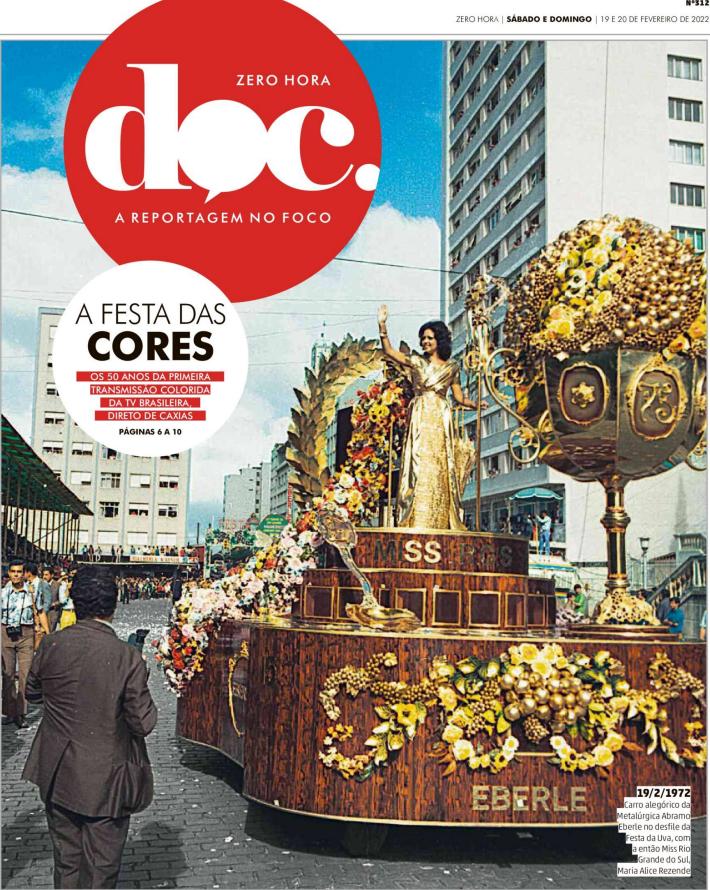
doc.

A REPORTAGEM NO FOCO

A FESTA DAS **CORES**

OS 50 ANOS DA PRIMEIRA TRANSMISSÃO COLORIDA DA TV BRASILEIRA, DIRETO DE CAXIAS

PÁGINAS 6 A 10

19/2/1972
Carro alegórico da Metalúrgica Abramo Eberle no desfile da Festa da Uva, com a então Miss Rio Grande do Sul, Maria Alice Rezende

Leda Lucia Camargo, ex-embaixadora

"A IMAGEM EXTERNA DE UM PAÍS REFLETE O QUE ACONTECE INTERNAMENTE" **PÁGINAS 2 A 4**

• **QUADRINHOS**

A MELANCÓLICA E CRIATIVA RUSTY BROWN" SAI NO BRASIL

PÁGINAS 12 E 13

• **ECONOMIA**

DESENVOLVIMENTO PASSA POR CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

PÁGINA 14

Leda Lucia Camargo

DIPLOMATA, 75 ANOS

Embaixadora do Brasil em Maputo, em Praga e em Estocolmo, organizadora de "Os Diplomatas e suas Histórias"

Com A Palavra

MARCO FAVERO

A **POLÍTICA EXTERNA** REPERCUTE NO COTIDIANO DO PAÍS

RODRIGO LOPES
rodrigo.lopes@zerohora.com.br

Cidadã do mundo, a embaixadora aposentada Leda Lucia Camargo conheceu reis e rainhas, líderes políticos que marcaram a história do final do século 20 e início do 21 e, por vezes, enfrentou o desafio de retirar brasileiros de regiões atingidas por crises e catástrofes naturais. Formada em Direito pela UFRGS e com mais de 50 anos de diplomacia, ela poderia escrever sozinha um livro sobre sua trajetória no Exterior, com destaque para os cargos de embaixadora em Maputo (Moçambique, de 2004 a 2008), Praga (República Tcheca, 2008 a 2011) e Estocolmo (Suécia, 2011 a 2014). Mas, inquieta com o desconhecimento geral do público sobre o que faz um diplomata, Leda decidiu convidar outros 25 colegas, aposentados e na ativa. O resultado é a obra Os Diplomatas e suas Histórias *(Editora Francisco Alves), que reúne nomes como Rubens Ricupero, Marcos Azambuja, José Botafogo Gonçalves e Celso Amorim. Nesta entrevista, ela fala sobre o livro, revela alguns bastidores e analisa a imagem do Brasil lá fora.*

POR QUE ESCREVER UM LIVRO SOBRE OS DIPLOMATAS?

As pessoas desconhecem o que fazemos, os diplomatas, e, como servidora do Estado, achei que cabia explicar ao público a prática dessa honra maior que se possa ter, a de representar o país. Essa é uma tarefa análoga à dos esportistas, é como se estivéssemos em uma permanente Olimpíada. Além do mais, ninguém quer ser médico, general, sem ter o preparo devido, mas às vezes quer ser diplomata, embaixador, e era preciso revelar um pouco de nossos momentos dramáticos e imprevistos.

ESSE DESCONHECIMENTO SOBRE O QUE FAZ UM DIPLOMATA NÃO SE DEVE À POUCA ATENÇÃO QUE A OPINIÃO PÚBLICA BRASILEIRA PRESTA A TEMAS DE RELAÇÕES EXTERIORES?

Política externa é tema de escasso apelo popular porque o público não percebe que os erros e acertos repercutem no cotidiano da população e, como dizia o chanceler Lampreia (*Luiz Felipe Lampreia*), alcançam as prateleiras dos supermercados. Os diplomatas intermedeiam temas inimagináveis, de aviões a certidões de casamentos, se envolvem com quase todos os assuntos referentes a interesses das pessoas, de vistos e vacinas ao preço do vinho ou do pão, negociam a importação do trigo e a exportação da carne, a apresentação do cinema e artistas brasileiros e os contatos dos cientistas com seus contrapartes no Exterior. A diplomacia, ao promover as exportações, a cultura, o turismo, atrair investimentos, está defendendo o emprego de seus concidadãos, a imagem positiva do país, sem esquecer que protege, e às vezes salva, milhares de nacionais quando no Exterior — hoje mais de 3,5 milhões de brasileiros. E isso só aparece quando dá problema.

A SENHORA DIZ QUE DIPLOMATAS SÃO PESSOAS QUE ATUAM NOS BASTIDORES. COMO FOI O PROCESSO PARA "CONVENCER" OS COLEGAS A ESCREVEREM HISTÓRIAS NORMALMENTE NÃO CONTADAS SOBRE SEU TRABALHO?

É uma profissão por si discreta, mas um livro em conjunto, inédito, relatando a complexidade de nosso cotidiano, alegrias e dificuldades, desmistificando preconceitos através de crônicas inusitadas e até tensas, convenceu 25 amigos, entre

EDIÇÃO

Daniel Feix
daniel.feix@zerohora.com.br

Ticiano Osório
ticiano.osorio@zerohora.com.br

FOTO DE CAPA

Studio Geremia, Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami, divulgação

DIAGRAMAÇÃO

Bianca Weschenfelder e Carlos Garcia

tantos que podiam também estar. Aparecem interlocutores deliciosos, como Imelda Marcos, Oscar Arias, o nosso Moacyr Scliar, que foi durante 20 anos assistente de meu pai na Faculdade Católica de Medicina, e outros que a história só produz a cada década, como Nelson Mandela, Jorge Luis Borges, Yasser Arafat, ao lado de funcionários próximos pelos quais se cria profunda amizade. De relatos de vexames involuntários, que qualquer um na vida passa, provam os relatos que com medo e coragem enfrentam-se também perigos e todo tipo de batalhas nessa profissão nômade que de fácil nada tem.

POR QUE O CONVITE A DIPLOMATAS DE FORA DO BRASIL?

Pessoas que buscam essa profissão são parecidas em preparo e personalidade, em qualquer lugar do mundo, vivem situações similares - o que facilita o diálogo. Eles têm os mesmos objetivos de defesa de seus países. Um diplomata inglês tem mais a ver com um colega argentino do que com um conterrâneo engenheiro. Por isso, as amizades que se estabelecem são sólidas e o tempo e a distância não separam. Pretendi que os textos no livro revelassem isso. O querido colega argentino, por exemplo, relata o amor de um diplomata estrangeiro pelo Brasil e mais, grande amigo de Francisco, levará ao Papa nosso livro para benção. Já é um bom motivo, não?

NO CAPÍTULO SOBRE O SEU TRABALHO, A SENHORA EXPLICA HISTÓRIAS COMO EMBAIXADORA EM MAPUTO, PRAGA E ESTOCOLMO. MAS ANTES PASSOU POR MUITOS OUTROS LUGARES. COMO FOI A SUA TRAJETÓRIA ATÉ O INGRESSO NO INSTITUTO RIO BRANCO. POR QUE DECIDIU SER DIPLOMATA? TEVE APOIO FAMILIAR? OU OS PAIS NÃO QUERIAM?

E pais querem os filhos longe? *(Risos)* Mas sempre me apoiaram, afinal o vício veio de ter morado na infância na Venezuela, quando meu pai foi professor médico de Saúde Pública da OMS. Como diz o embaixador Jorge Ribeiro, melhor é ser familiar de diplomata, aproveita as vantagens sem sofrer os dissabores. Na faculdade de Direito na UFRGS, sempre gostei de Direito Internacional, o que me levou a estudar em Haia e depois em Paris, mais pelo francês. Rodei nessa língua no primeiro concurso ao Instituto Rio Branco, onde o que mais eliminava era mesmo o português. Derrota fortalece, passei a estudar 10 horas por dia em vez de oito horas. Passei em terceiro lugar, entre milhares de candidatos.

A SENHORA CITA QUE ERA POSSÍVEL MANTER POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE MESMO SOB REGIME MILITAR. COMO ERA DEFENDER AS POSIÇÕES DO BRASIL NAQUELA ÉPOCA?

Pensar no seus próprios interesses e não pela cabeça dos outros, respeito aos direitos humanos e ao que outros países decidem para si, repúdio à desigualdade entre Estados e ao racismo e o que anda meio esquecido, o inciso IX da Constituição: “cooperação entre os povos para o progresso da humanidade”, e integração dos povos da América Latina. O “pragmatismo responsável” defendido pelo Itamaraty possibilitou o reconhecimento de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, restaurar relações com a China, o acordo nuclear com a Alemanha, romper o que para nós era negativo acordo militar com os Estados Unidos. E quem veio a Brasília em 1978? O presidente Jimmy Carter. E dezenas mais: Helmut Schmidt da Alemanha, Giscard d'Estaing da França, os futuros imperadores do Japão e por aí vai. Mesmo sob regime militar, o Brasil atraía o interesse de inúmeras importantes autoridades estrangeiras, defendia seus princípios de independência ao mesmo tempo que mantinha boas relações com todos, sem discriminações.

A SENHORA CONTA NO LIVRO OS VÁRIOS ENCONTROS COM AUTORIDADES, REIS, RAINHAS. COMO FOI O ENCONTRO COM O PRÍNCIPE CHARLES?

Foi simpático e acessível durante os oito dias que viajamos pelo Brasil. Veio acompanhado de apenas um diplomata e um segurança da Scotland Yard. Em jantar na prefeitura do Rio, em que a Beija Flor lhe fez apresentação, sambou feliz com a famosa Pinah, embora os ingleses tenham condicionado a que ficássemos ao seu redor. Maravilhou-se com razão ao visitar nosso Instituto Butantã, bem como com a flora e as frutas da Amazônia. Quando desejou falar em francês comigo, teve a modéstia de desistir, desculpando-se por não ter a fluência suficiente. Surpreendia a todos quando estendia a mão, pesadíssima, de aparente trabalhador de terra, desmentido pelo anel de príncipe de Gales no dedo mindinho.

GRAÇA MACHEL, ATIVISTA MOÇAMBICANA, VIÚVA DE NELSON MANDELA E SAMORA MACHEL, LHE CHAMA DE IRMÃ. COMO SE CONHECERAM?

A Dra. Graça procurou-me porque precisava de vagas em faculdades brasileiras para estudantes moçambicanas, e obtive a boa vontade da Ulbra em obtê-las. Meus amigos moçambicanos, como Marcelino dos Santos, Mia Couto, Malangatana e outros, eram também os seus. Participei com ela de diversos debates no Centro de Estudos Brasileiros, que em Maputo era talvez o principal ponto de referência intelectual da capital. Princípios, interesses similares nos aproximavam, e o esforço que a embaixada fazia para lá estabelecer a fábrica de medicamentos e antirretrovirais, com tecnologia de nossa admirável Fundação Oswaldo Cruz, e que foi bem sucedido, ganhou de vez o apreço de Graça. Quando me chamava de “irmã”, o que mais me honrava era, como embaixadora, que tal demonstração de carinho revertia para o Brasil. Quando veio a Porto Alegre, em 2019, tive enorme alegria em tê-la no meu apartamento.

OUTRA HISTÓRIA QUE CHAMA ATENÇÃO, E QUE ATÉ AGORA NÃO HAVIA SIDO CONTADA, É SOBRE AS NEGOCIAÇÕES PARA O TRANSLADO DO CORPO DO ÍDOLO AYRTON SENNA PARA O BRASIL, APÓS O ACIDENTE EM ÍMOLA.

Dói só de lembrar. Na embaixada em Roma tive de lidar com a imprensa, segurando o pranto, enquanto do outro lado, sem poder revelar, acordava providências por telefone com médicos do Hospital Maggiore de Bologna e ajudava meu embaixador Carbonar a obter das autoridades locais um avião da Força Aérea Italiana para o traslado até Paris, para o retorno do meu herói para São Paulo pela Varig. A comoção na Itália e no Brasil, aquelas dolorosas tratativas, a avalanche de telefonemas por informações e de mensagens de pêsames, só não desestabilizavam por completo porque mantive em mente que o jovem de 34 anos perdera a vida fazendo o que mais gostava nela, o que não só fazia com brilho, mas com amor. Foi grande o desgosto de ter de trabalhar com aquela dor que sabia ser a de cada brasileiro e a de todo nosso país.

COMO SURGIU A AMIZADE COM A RAINHA SILVIA?

> DIPLOMATAS LIDAM COM TEMAS QUE VÃO DE VISTOS E VACINAS AO PREÇO DOS VINHOS, DE AVIÕES A CERTIDÕES DE CASAMENTOS, PROMOVEM AS EXPORTAÇÕES, A CULTURA E O TURISMO, ATRAEM INVESTIMENTOS E, ÀS VEZES, SALVAM CIDADÃOS NO EXTERIOR. MAS SÓ APARECEM *(NA MÍDIA)* QUANDO DÁ PROBLEMA.

Por respeito à amizade, e ela é uma pessoa extremamente delicada e simples, prefiro não falar muito sobre isso. Mas resumindo: amigos paulistas e língua em comum, idade aproximada, fundações criadas por ela para proteção a crianças *(a World Childhood tem também sede em São Paulo)* e de tratamento de demência acabaram por nos aproximar. Fui surpreendida ao chegar a Estocolmo com certas reportagens que circulavam sobre o pai alemão dela, e conhecendo bem nosso período Vargas, acabei por descobrir documentos valiosos que provam uma história muito diferente das denúncias que maldosamente corriam. Esse tema exponho no livro. Um dia ela virá a Porto Alegre, Já me disse: o RS é líder, pela condução do desembargador Daltoé Cezar, em salas de depoimento especial para crianças, um de seus grandes interesses, e ela tem três primos aqui.

Leda Lucia Camargo

O QUE APRENDEU NA ÁFRICA, NO CONVÍVIO COM O REI DA SUAZILÂNDIA?

A gente sabe pouco sobre outras culturas e tem a péssima tendência a julgar rápido e em cima do próprio desconhecimento. Ríamos do europeu que pensava que Buenos Aires era a capital do Brasil, mas três ou quatro perguntas desabam quaisquer certezas sobre África, Ásia, Caribe. Sabia que os chefes da nação suazi remontam ao século 13? Não precisa saber, o importante é ter consciência que preconceito é resultado de falta de informação, baseado em generalizações apressadas. Uma pessoa com estudo, arejada intelectualmente, tem instrumentos para saber que não deve julgar com seus valores uma cultura que não é a sua. Já incorri nesse erro e aprendi que se, de forma geral, intolerância é muito feio, em diplomacia é algo inaceitável.

A SENHORA DEDICA UMA PARTE DO LIVRO AOS "IMPREVISTOS" DA PROFISSÃO. QUAL EXPERIÊNCIA DESTACA?

O embaixador Ricupero relata o risco de ter sido abatido pela FAB um avião da Cubana de Aviacion em 1982. Irene Gala escreve sobre tratar de esquife para soldados brasileiros de missão de paz da ONU em Angola. Marcia Maro estava no consulado em Buenos Aires atingido pelo atentado à embaixada em Israel em 1992. Macieira fala sobre como dar solução a 3 mil funcionários brasileiros "presos" no Iraque. Abdenur abrigou dezenas dentro da embaixada em 1989 por ocasião de Tiananmen *(Massacre da Praça da Paz Celestial, na China)*. Katia Gilaberte estava no meio do maior furacão do Caribe em 1980 e do atentado ao metrô de Moscou em 2004. Eu, em 2005, vivi situação com grave risco ao recusar vistos a traficantes. A maioria das historias são de imprevistos, como a profissão nos impõe e como é a vida.

MUITO SE FALA DO GLAMOUR DA PROFISSÃO: ENCONTRO COM AUTORIDADES, COQUETÉIS, ELITE CULTURAL. É ASSIM MESMO?

Essas "batatas fervendo" são glamour? A indústria cultural e esportiva ajudam o PIB do país, além de ser parte da educação e alegria do povo, portanto motivo de orgulho da nação. E diplomata lida com grandes figuras porque tem braços abertos para tudo facilitar aos brasileiros. Eu não qualificaria como glamour, mas como privilégio decorrente de esforço. Então, como não ter prazer em ter recebido, em Maputo, Falcão, Regina Casé, Martinho da Vila; em Praga, meu queridíssimo Borghettinho, Marcia Haydée, Nelson Pereira dos Santos, Nelson Freire; em Estocolmo, Caetano Veloso, Sebastião Salgado? É honra, sim.

QUAL É O LUGAR DO BRASIL NO MUNDO?

O papel do Brasil foi e continua sendo o mesmo, o de defender fora os interesses que lhe servem internamente, ou seja, o desenvolvimento econômico sustentável e social, tecnológico e científico, cultural, a defesa dos direitos humanos e do ambiente com combate a mudanças climáticas, desmatamento e perda da biodiversidade. Nosso espaço cultural e histórico é a América Latina, com a qual precisamos intensificar a integração, como manda o artigo 4 da Constituição. Retomar a cooperação é essencial, valores e princípios são tão importantes quanto comércio. A África precisa ser parceira, ter presente que a Ásia é o futuro, sem descurar dos EUA e da Europa, o que o Itamaraty jamais esqueceu, aliás. O Brasil é uma potência média, um dos maiores mercados do mundo e dos mais ricos em recursos naturais, e tem tradição de não-alinhamento. O Itamaraty sempre soube e sabe disso, precisa de liberdade e de apoio para atuar com a capacidade mundialmente reconhecida que tem.

É POSSÍVEL RECONSTRUIR A IMAGEM DO BRASIL, TÃO DESGASTADA LÁ FORA?

Em julho de 1993, ocorreu a chacina de oito jovens por milicianos na Candelária e o massacre de 16 ianomâmi *(único crime no Brasil julgado como genocídio)*. O clamor internacional levou o presidente *(Itamar Franco)* a dizer que iria defenestrar seis embaixadores em principais capitais porque não haviam contido a reação da imprensa, e um era o meu, em Roma. Na época da ditadura, um militar preocupado com o que se dizia do governo ouviu de um embaixador brasileiro: "Tenho uma sugestão, acabem com a tortura que melhora". Os meios de comunicação cumprem sua missão insubstituível de relatar o que ocorre sem medo da acusação infundada de visão distorcida. O que uma pessoa faz para preservar sua boa biografia e reputação: procura enganar os outros ou comporta-se bem pelo bom exemplo? A imagem externa reflete o que acontece internamente, e uma diplomacia séria e digna sabe que o mundo não é ingênuo. Sem dúvida, tem obrigação de apresentar no Exterior as inúmeras coisas maravilhosas que o Brasil tem, mas também se esforçar para mudar o que não convém aos interesses do país. A inserção internacional depende desse respeito, dessa coerência de atitude.

O ITAMARATY TEM FAMA DE SER UM AMBIENTE DOMINADO POR HOMENS. QUAIS OS DESAFIOS A SENHORA VIVENCIOU?

O Itamaraty não é diferente de nenhuma instituição da sociedade machista. Chefes homens são persistentes, têm fibra; mulheres são teimosas, complicadas, "descontroladas". Mulher que escolhe a diplomacia é forte, sabe que a carreira é difícil, pelos desafios, mudanças, em que o lado afetivo sofre preço alto. Um namorado disse que me acompanharia não importava o país, desde que alugássemos um apartamento em que coubessem seus nove pianos. Rompemos antes que problema maior se criasse. Tive chefes brilhantes, inteligentes não são preconceituosos, com exceção de um, em Brasília, a quem virei as costas e no dia seguinte mudei de divisão. Hoje, é permitido que casal de diplomatas trabalhe no mesmo posto. Reações machistas se enfrentam com o mesmo garbo e desprezo que a qualquer outra atitude ignorante e mal educada. Não há hierarquia que, por atitude incorreta, não possa e não deva ser confrontada. Mas, por favor, também nada de vitimismo, como às vezes acontece.

POR QUE VOLTAR A MORAR EM PORTO ALEGRE APÓS SE APOSENTAR?

A GENTE SABE POUCO SOBRE OUTRAS CULTURAS. PRECONCEITO É RESULTADO DE FALTA DE INFORMAÇÃO E GENERALIZAÇÕES APRESSADAS. SE, NO GERAL, INTOLERÂNCIA É MUITO FEIO, EM DIPLOMACIA É INACEITÁVEL.

Pensei escolher um lugar com boa qualidade de vida e onde tivesse mais afetos. Poderia ser Rio, Paris, Maputo, mas nenhum ganhava da terra onde nasci, onde sempre voltei nas férias e onde viviam amigos, meus adorados sobrinhos Nelson Ernani e Alessandra e irmã Rejane, que dolorosamente acabo de perder. É também onde tinha um apartamento para desfrutar e casa nas deliciosas Gramado e Xangri-lá. Ás vésperas do retorno, titubei em "casar" com um austríaco com um famoso castelo, e desisti bem a tempo, pois não há fantasia, fortuna, entusiasmos passageiros que perdurem a longo prazo e possam substituir o afeto raiz.

O LIVRO

Os Diplomatas e suas Histórias
Leda Lucia Camargo (org.)
Editora Francisco Alves
Preço: R$ 85
458 páginas

EUGÊNIO
ESBER

Jornalista, escritor.
eugenioesber@novotexto.net

QUE JUIZ É ESTE?

O mundo livre realiza eleições sem a necessidade de um “tribunal superior eleitoral”. A existência de uma corte política com o poder e a forma de atuação do TSE brasileiro é, portanto, um caso único, seja pela estrutura e orçamento paquidérmicos ou pelo vasto alcance de suas decisões. Claro, podemos pensar que tudo tem uma razão de ser e que a justiça eleitoral prestou um serviço valioso ao país quando veio combater, ainda nas primeiras décadas do século 20, um processo de escolha dos representantes do povo viciado pelo coronelismo e o infame “voto a cabresto”, entre tantas outras mazelas. Justamente por ter tido esta importância histórica é que a atuação de um tribunal específico foi-se consolidando na memória e na consciência das pessoas como algo normal e até desejável, e não como uma extravagância brasileira.

Esta percepção popular está mudando em desfavor da justiça eleitoral, por uma razão simples. Inebriado pelo poder sem freios e por um vedetismo que não se coaduna com o papel da magistratura, o tribunal deixou de ser um árbitro, e passou a ser parte. Ao tomar partido no processo político que define os destinos da nação, o TSE, pelas palavras e atitudes de seu atual presidente e do ministro que em breve o sucederá no comando da corte, será um fator de instabilidade, e não de pacificação, no pleito de 2022.

Milhões de brasileiros que saíram às ruas no dia 7 de setembro de 2021 tinham, entre suas reivindicações, a defesa de um aprimoramento do processo eleitoral brasileiro – a adoção do comprovante impresso do voto eletrônico, medida imprescindível a se considerar a desatualização tecnológica das urnas eletrônicas adotadas pelo Brasil e, naturalmente, o risco crescente de ataque à integridade do sistema, algo de que não estão livres nem bancos, nem megacompanhias, nem governos. Mas o presidente do TSE, Luís Roberto Barroso, se manteve impávido diante dos questionamentos, e adotou duas estratégias inaceitáveis para um julgador. No bastidor, reuniu-se com líderes partidários e, como em um passe de mágica, arrancou deles a decisão de substituir membros da comissão parlamentar que examinava – com tendência de aprovação – a proposta de emenda constitucional para introduzir o comprovante impresso do voto eletrônico. Com a nova composição, a comissão rejeitou a PEC, e ficou no ar uma pergunta: que pressão irresistível um membro do Judiciário pode fazer sobre chefes partidários para que capitulem e obedeçam à sua vontade? Pesquise sobre foro privilegiado, ou “foro por prerrogativa de função”. É um bom começo.

> INEBRIADO PELO PODER SEM FREIOS, E POR UM VEDETISMO QUE NÃO SE COADUNA COM O PAPEL DA MAGISTRATURA, O TSE TOMOU PARTIDO.

À luz do dia, o que o ministro Barroso fez foi distorcer abertamente os argumentos dos defensores da PEC, tentando atribuir a eles a defesa da volta do voto impresso – desonestidade que, lamento dizer, veículos de imprensa tradicionais acolheram.

Agora, sem explicação para a invasão de um hacker ao sistema do TSE em 2018 – assunto para uma próxima oportunidade –, Barroso sugere, com seu pedantismo habitual, que aqueles brasileiros em dúvida sobre a proclamada invulnerabilidade do sistema de votação e apuração dos votos têm “limitação cognitiva”.

Seria mais exato se dissesse que os brasileiros têm limitação de acesso ao que realmente se passou em 2018 e explicasse por que dados fundamentais para o esclarecimento dos fatos foram apagados. Sem informação, e sem transparência, como pode haver cognição, ministro?

GZH
Leia todas as colunas em **gzh.com.br/eugenioesber**

ELIANE
MARQUES

Poeta e psicanalista, autora de *e se alguém o pano*, entre outros.
elianemarques.escritora@gmail.com

PSICANÁLISE AMEFRICANA

Embora seu assentamento se prenda à tradição europeia, Freud se pretendia universalista em sua teoria. O colonialismo e o racismo, que podem ser interpretados à luz de vários de seus escritos, não foram diretamente tratados por ele. Como judeu, por certo os conhecia. Contudo, apenas mais tarde a psicanálise foi apropriada por outres para tal fim.

Coordeno e atuo como docente em um seminário de formação de psicanalistas na Après Coup Porto Alegre Psicanálise e Poesia. Como parte de sua política, desde 2018 a instituição adota ações afirmativas, em todos os seus cursos, visando ao ingresso de pessoas negras, indígenas, com deficiência e LGBTQIA+. Tanto no seminário anual quanto no intensivo, a maioria das alunas atualmente se reconhece como negra. A política de ações afirmativas não foi articulada como favor para um grupo de “excluídes”, mas como uma tomada de decisão quanto à exigência de se abordar a teoria psicanalítica a partir da escuta de subjetividades que estiveram à margem da formação inicial do campo e que ainda hoje se sentem dele excomungadas.

A tarefa, nominada como tentativa de construção de uma psicanálise amefricana, tem-se mostrado difícil. A ampliação, nova interpretação ou ruptura com alguns pressupostos da psicanálise dita “clássica” exige que, pelo menos, escutemos textos fundamentais de Freud e de Lacan tal como suas formulações chegaram a nossos ouvidos. E mais, além de nos aproximarmos das obras literárias da imaginação africana e amefricana, exige que transformemos em casos clínicos a novela negra (ou branca) que se trama nos consultórios de escuta.

> O COLONIZADOR, SEJA QUEM FOR, NÃO OUVE, NÃO CONHECE, MAS QUER SE APOSSAR, ESTUPRAR E DESTRUIR.

Porém, há uma dificuldade da ordem da satisfação imaginária de atravessar os tempos lógicos (ver, compreender e concluir), como se séculos de escravidão e de racismo, que incluem o desenvolvimento da psicanálise, tivessem de ser resolvidos em duas ou três aulas. Desconfia-se de toda a construção freud-lacaniana. Por isso ela deverá ser destruída antes de lida e conhecida. Desconfia-se da negritude da psicanalista que assume a transmissão. Por isso ela deverá ser assassinada para que ocupemos seu lugar, ainda mais se ela também for uma mulher negra. Queremos mulheres negras psicanalistas, mas quando elas ocupam a posição, o tal olho que não vê chega antes de qualquer possibilidade de escuta. Os nomes-do-pai deverão substituídos pelos nomes-das-mães antes que se alcance o significado das palavras nome e pai. É insuportável pensar que o pai esteve morto desde o início. A família freudiana deverá ser substituída pela família de matriz africana, sem que saibamos que família é essa. A resistência ao ingressar no discurso analítico, como um rompimento da majestade da razão, também encontra reforço num discurso acadêmico, que se quer descolado, descolonial ou decolonial, mas que cada vez se mostra mais orientado pelo lugar da verdade. Aí, nessa paragem, o colonizador, seja ele quem for, não ouve, não conhece, mas quer se apossar, estuprar e destruir. Na maioria das vezes, ele consegue.

Leia todas as colunas em **gzh.com.br/elianemarques**

OS COLUNISTAS DESTA PÁGINA ESCREVEM QUINZENALMENTE | NA PRÓXIMA SEMANA: CRISTINA BONORINO E FRANCISCO MARSHALL

REPORTAGEM

O DIA EM QUE O BRASIL FICOU COLORIDO

RODRIGO LOPES
Especial
rodrigolopes33@gmail.com

REALIZADA DURANTE A FESTA DA UVA, EM CAXIAS DO SUL, PRIMEIRA TRANSMISSÃO A CORES DA TELEVISÃO BRASILEIRA COMPLETA 50 ANOS NESTE 19 DE FEVEREIRO

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI, DIVULGAÇÃO

HILDO BOFF, ACERVO PESSOAL DE RICARDO BOFF, DIVULGAÇÃO

MEMÓRIAS CINQUENTENÁRIAS
Na foto maior, passagem do carro do Recreio Guarany durante o corso alegórico da Festa da Uva, em Caxias. Ao fundo, as equipes e câmeras da TV Difusora e da TV Rio. Na foto menor, O carro do Recreio da Juventude

AOS OLHOS DO PRESIDENTE
Emílio Garrastazu Médici confere o desfile nas arquibancadas da Festa da Uva, junto da esposa, Scylla Médici, e da primeira-dama do RS, Neda Ungaretti Triches

SEDENIR TAUFFER, DIVULGAÇÃO

CONVIDADOS ILUSTRES
Tônia Carrero, Francisco Cuoco e Jô Soares foram trazidos pela Globo. Nas laterais, o diretor comercial da TV Caxias, Luiz Carlos de Lucena (E), e o assistente da direção da TV Gaúcha Porto Alegre, Júlio César Pacheco (D)

REPRODUÇÃO

A primeira TV colorida, uma Philips 20 polegadas, foi comprada nas Lojas Colombo no início dos anos 1970 – ocupando lugar de destaque na sala do apartamento de Raymundo Pezzi, bem na esquina das ruas Sinimbu e Marquês do Herval, em Caxias do Sul. Foi dali também que o joalheiro, hoje aposentado, e sua família acompanharam a chegada da novidade, há exatos 50 anos.

Na tarde de 19 de fevereiro de 1972, Pezzi vislumbrou, da janela do primeiro andar do Edifício Dona Ercília, as câmeras da TV Difusora de Porto Alegre, o ônibus da TV Rio e todo o aparato montado na Sinimbu para viabilizar a primeira transmissão colorida no Brasil: o desfile da Festa Nacional da Uva. À noite, surpreendeu-se com esse mesmo cenário no *Jornal Nacional*, enquadrado para todo o Brasil.

A partir daí, Pezzi e o país passaram a ver TV com "outros olhos":

– Foi algo impactante, estávamos sempre acostumados a ver em preto, branco e cinza – recorda Pezzi, 86 anos, um dos poucos de Caxias e do Brasil a dispor de um aparelho em cores na época.

A transmissão da Festa da Uva ao vivo, via Embratel para todo o país, durou cerca de duas horas e meia. Foi o tempo em que o presidente Emílio Garrastazu Médici, o governador Euclides Triches e a comitiva permaneceram na Sinimbu, conferindo o desfile de carros alegóricos a partir das arquibancadas. Para quem viu da janela e pela TV, como Pezzi, tudo deu certo. Porém, o sucesso daquele primeiro teste foi recheado de empecilhos, alguns ocorridos bem antes e bem longe dos parreirais e vinícolas da Serra.

Entre novembro de 1971, quando se iniciaram as tratativas do governo, e fevereiro de 1972, não foram poucos atritos entre o ministro das Comunicações, o caxiense Hygino Corsetti, e os diretores das principais emissoras de TV do Brasil. Os motivos iam desde o curto espaço de tempo, os custos da cor, o sistema de transmissão, os equipamentos e o evento a ser escolhido: Festa da Uva de Caxias ou Carnaval do Rio?

A opção pela festa gaúcha, uma tradição desde 1931 – e que já havia sido inaugurada por presidentes como Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Jânio Quadros e Costa e Silva –, foi um choque no centro do país. Mas é perfeitamente compreensível avaliando-se a origem de quem estava no governo: o presidente Emílio Garrastazu Médici nascera em Bagé; Hygino Corsetti era natural de Caxias do Sul, assim como Mário Andreazza, ministro dos Transportes, e Euclides Triches, governador do Estado. Em entrevista ao Pioneiro em 2002, por ocasião dos 30 anos da transmissão, Corsetti (1919-2004) minimizou as críticas da época, de que estaria privilegiando um evento de sua cidade:

– Que se lixem os outros, estamos fazendo uma coisa muito mais importante do que essa ciumeira boba.

Um dos relatos mais detalhados de como se deu todo esse processo coube ao jornalista e professor Sergio Luiz Puggina Reis (1938-2018), diretor da TV Difusora até 30 de março de 1972. Em 2012, ano em que a transmissão completou 40 anos, Reis defendeu a dissertação "O Backstage da Televisão no Rio Grande do Sul", pela PUCRS. Conforme destacado por ele, a primeira reunião sobre o início da televisão a cores no Brasil ocorreu em novembro de 1971, em Brasília. Corsetti e seus assessores receberam os diretores Walmor Bergesch e José Salimen Jr., representando a TV Difusora e a TV Rio; Walter Clark, diretor geral da TV Globo; Murilo Leite, da TV Bandeirantes; Paulo Machado de Carvalho Filho, representando a TV Record; José de Almeida Castro, a Rede Tupi; e Maurício Sirotsky Sobrinho, pela TV Gaúcha.

No livro *Os Televisionários*, Walmor Bergesch (1938-2011) deu mais detalhes daquele dia: "O diretor Walter Clark, representando a TV Globo, contrapôs o ministro, alegando que nenhuma emissora brasileira poderia realizar a transmissão, com a nova tecnologia, em tão exíguo tempo. Esclareceu que os custos, com a continuidade das transmissões a cores, seriam enormes, e lembrou que os telespectadores não possuíam receptores de televisão a cores e os que existiam no mercado tinham preços elevadíssimos.

TRÊS DATAS MARCANTES

- Embora o desfile da Festa da Uva em 19 de fevereiro de 1972 tenha marcado o início das transmissões a cores no Brasil, o 31 de março de 1972 é considerado o dia da inauguração oficial da TV em cores no país. Foi quando houve um pronunciamento do Ministro das Comunicações, o caxiense Hygino Corsetti, colocando no ar o sistema de transmissão em cadeia nacional.
- Na Globo, a novela *O Bem-Amado* foi a primeira produzida totalmente em cores. A trama de Dias Gomes estrelada por Paulo Gracindo e Lima Duarte foi exibida entre 22 de janeiro e 3 de outubro de 1973, no horário das 22h. A faixa das 20h ganhou cores em novembro de 1975, com a estreia de *Pecado Capital*, de Janete Clair. Já o horário das sete conheceu a novidade somente em 28 de fevereiro de 1977, quando foi ao ar o último capítulo de *Estúpido Cupido*, de Mário Prata.
- A transmissão da primeira reportagem a cores do *Jornal Nacional* ocorreu em 19 de julho de 1973, com a cobertura do funeral do senador Filinto Müller e uma entrevista com Dom Eugenio Sales, em que ele comentava a condenação de policiais acusados de tortura. Em depoimento de 2004, o apresentador Cid Moreira revelou que, nos primeiros tempos, as equipes do *JN* não sabiam direito que roupa usar. Segundo ele, o diretor José Bonifácio de Oliveira, o Boni, o fez trocar a gravata por causa da cor: "Achou a minha gravata muito sóbria. Pegou o carro, foi para casa e voltou com quatro gravatas importadas. Escolheu uma que tinha vermelho, amarelo, verde, uma orgia de cores".

Concluiu dizendo que a TV Globo continuaria em preto e branco. Os representantes das demais emissoras concordaram com Clark".

A negativa de Clark, na verdade, dialogava com a defesa do sistema americano NTSC pela Globo, enquanto Hygino Corsetti buscava implantar o alemão PAL-M, melhor, por não apresentar imagens duplas. Conforme detalhado por Reis na dissertação, naquele mesmo encontro, Bergesch informou ao ministro que a TV Difusora e a TV Rio teriam condições de realizar a transmissão a cores da Festa da Uva e iniciar parte de sua programação a cores, a partir de fevereiro do ano seguinte.

Em entrevista ao colega Roger Ruffato, da RBS TV Caxias, José Maurício Pires Alves, ex-diretor comercial da TV Difusora, voltou no tempo para explicar como uma emissora independente do Sul, pertencente à Ordem dos Freis Capuchinhos, foi a responsável por lançar a TV a cores no Brasil.

MARCANDO PRESENÇA
Estande da RBS na Festa da Uva de 1972, onde um aparelho divulgava a chegada das cores à tevê brasileira

– Os freis possuíam, em Porto Alegre, a Rádio Difusora, instalada na década de 1940 como instrumento de divulgação missionária. Na década de 1960, eles decidiram montar uma emissora de televisão, a TV Difusora Canal 10, e compraram um equipamento moderníssimo, a cores. Em 1969, se associaram a dois comunicadores,

Salimen Júnior e Walmor Bergesch, contratando também alguns profissionais da TV Gaúcha. A oportunidade surgiu quando o Brasil vivia o "milagre econômico", o "milagre brasileiro", e o presidente Médici e o ministro Corsetti toparam transmitir a festa – conta.

Associada da Difusora (posterior Bandeirantes), a TV Rio ajudou a viabilizar a cobertura. Como a emissora gaúcha não possuía unidade móvel, o velho ônibus de externas da TV Rio foi trazido, em cima de um caminhão, até Porto Alegre. Já as duas modernas câmeras foram encomendadas pela TV Difusora diretamente da fabricante inglesa EMI, assim que o Ministério das Comunicações decidiu-se pelo sistema PAL-M. Elas chegaram ao Rio de Janeiro em 6 de fevereiro de 1972. Sobre aqueles dias que antecederam a histórica transmissão, Zé Maurício recorda de outro episódio insólito.

– Quando cheguei de Porto Alegre, na véspera, não tinha mais reserva no hotel. A Casa Civil da Presidência da República tinha ocupado a minha reserva. Fui procurar outro, e não havia. Acabamos, eu e minha mulher, indo dormir num hospital.

FRUSTRAÇÃO **PELA MANHÃ**

Estavam previstas três transmissões naquele 19 de fevereiro de 1972. A primeira, às 10h, ocorreria diretamente dos Pavilhões da Festa da Uva e da Feira AgroIndustrial, na Rua Alfredo Chaves, onde estava prevista a visita do presidente Emílio Garrastazu Médici, dos ministros e da comitiva. Porém, a chuva da noite anterior e a umidade comprometeram o microondas que transmitiria o sinal do alto do Edifício Guadalupe, em construção na Rua Dr. Montaury, para a torre da Embratel.

Cancelada a transmissão matutina, as atenções se voltaram para o desfile de carros alegóricos, previsto para as 14h. Duas câmeras foram utilizadas, uma no teto do ônibus de externas da TV Rio, a outra sobre uma plataforma defronte à Catedral Diocesana, captando frontalmente as arquibancadas onde estavam o presidente Médici e as demais autoridades. Foi ali, pouco antes do início do desfile, que Médici solicitou algo óbvio, mas sequer cogitado pela equipe técnica: ver a transmissão em cores pela TV, razão de sua vinda a Caxias.

O episódio também foi detalhado pelo professor Sergio Reis na dissertação "O Backstage da Televisão no Rio Grande do Sul": "Ali, no centro de Caxias do Sul, seria necessária uma antena receptora externa de alto ganho, algo impensável naquele momento, faltando menos de 30 minutos para o início da cobertura. Ocorreu, então, uma ideia salvadora: instalar, na frente do presidente, um monitor. Era necessário que se estendesse um cabo coaxial, do caminhão de externas ao monitor, no outro lado da rua, em frente ao presidente. Tratou-se de cavar uma canaleta, atravessando a avenida por onde passariam os carros alegóricos. Mas isso foi impedido pela segurança: ninguém poderia se aproximar do presidente portando uma picareta. A solução foi passar o cabo pelo alto. Os técnicos Sérgio Giugno e Jackson Sosa subiram ao ponto mais alto de postes de iluminação e levaram o cabo, cruzando a avenida por cima, até o monitor. O presidente e seus ministros pensavam estar vendo as imagens que estavam no ar, quando, na verdade, assistiam às imagens que saiam da unidade de externas, antes que fossem ao ar. Dias mais tarde, assistindo ao videotape da transmissão, que foi reprisada diversas vezes por várias televisões, constatou-se que, aquilo que fora assistido ao vivo, por todo o Brasil, era exatamente igual, em qualidade técnica, ao que se vira no palanque presidencial".

A terceira? Ocorreu no dia seguinte, 20 de fevereiro, direto da Baixada Rubra, atual Estádio Centenário. Grêmio versus Associação Caxias de Futebol protagonizaram a pioneira transmissão a cores de um jogo de futebol no Brasil. Com apoio técnico da TV Caxias Canal 8, a TV Difusora gerou imagens coloridas para cidades como Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Vitória e Salvador. O resultado, porém, não esteve à altura de todo aquele ineditismo: foi um 0x0 de pouquíssimas emoções.

ESTRELAS **NA SINIMBU**

Embora o diretor Walter Clark tenha inicialmente se posicionado "contra" a transmissão, a TV Globo e a então TV Gaúcha Canal 12 não ficaram de fora de toda a badalação daquele dia. Tanto que Clark e Maurício Sirotsky Sobrinho tiveram a ideia de trazer artistas do primeiro time da emissora para Caxias. Tônia Carrero, Francisco Cuoco, Jô Soares, Rolando Boldrin, Heron Domingues, Hilton Gomes e mais cerca de 10 atores de novelas passaram o dia pela cidade, confraternizando com o público, com o claro objetivo de marcar a presença da Globo no evento.

Sérgio Reis também destacou esse detalhe em sua dissertação

de 2012: "Como a transmissão era aberta, via Embratel, sem qualquer custo para qualquer televisão que desejasse retransmiti-la, a participação no ar de figuras televisivas, de quaisquer canais, estava implícita. Não se tratava de um evento exclusivo de um canal de televisão.

O que aconteceria em Caxias do Sul era o lançamento, pelo governo federal, da televisão a cores no Brasil. A TV Rio e a TV Difusora eram as viabilizadoras do avanço tecnológico, não as donas da transmissão".

Julio Cesar Pacheco, que na ocasião atuava como assistente da direção da RBS Porto Alegre, recorda dessa "sacada". Foi ele quem acompanhou os artistas, de avião, da Capital até Caxias.

– Você pode imaginar o que representou para o público, naquele momento, a chegada, sem que tivessem sido anunciados, de Francisco Cuoco, Tônia Carrero e Jô Soares. Foi um sucesso a presença deles ali, foi o que realmente chamou a atenção – recorda Pacheco, que acompanhou o grupo pela Sinimbu junto ao gerente comercial da TV Caxias, Luiz Carlos de Lucena, e do gerente de projetos da RBS Porto Alegre, Sérgio Ivan Borges.

Foi solicitado também que a TV Gaúcha contribuísse com uma espécie de retaguarda. A emissora colocou um caminhão de externas em Caxias e outro no caminho, fazendo o link com Porto Alegre, no caso de uma emergência.

– Nota-se, nas fotografias da época, que existem câmeras, inclusive, junto ao caminhão da TV Gaúcha, prevendo algum imprevisto. O caminhão foi colocado exatamente ao lado da TV Rio – recorda Pacheco, que substituiu o empresário Nestor Rizzo na direção da TV Caxias a partir de 1973.

CELOFANE **COLORIDO**

Até meados dos anos 1970, televisores preto e branco e papel celofane colorido estavam diretamente associados. Grudá-los estrategicamente na tela era hábito em boa parte dos lares do Brasil. Havia até "níveis pré-estabelecidos": mais em cima o plástico era azul, por causa do céu. No meio ficava o vermelho e, embaixo, o verde. Em 1972, foram poucas as famílias de Caxias a deixar esse "truque" para trás – conforme estimativas da época, apenas entre 50 e 60 casas dispunham de aparelhos a cores.

Mesmo assim, foram elas as mais enaltecidas durante a passagem dos carros alegóricos pela Rua Sinimbu, em 1972. Um dos destaques foi o da fábrica de bebidas E. Kunz, do visionário industrialista Eloy Kunz, de Flores da Cunha. A réplica de um galo português e uma garrafa gigante do uísque Cockland decoravam o veículo onde figuraram as jovens Joaneta Baldissera Santos, Sandra Sandi e Suzana Rossetto Rodolfo. Aos 16 anos em 1972, Suzana recorda o entusiasmo e a expectativa que tomou conta de todos quando a notícia da transmissão em cores chegou.

– Tudo tinha de ser mais vivo e ainda mais colorido do que o normal, íamos aparecer na TV – conta a psicóloga de 66 anos.

Naquele dia, a estudante do Científico do Cristóvão de Mendoza, em Caxias, acordou muito cedo. Lembra que dormiu de rolos na cabeça, para o cabelo ficar todo cacheado. Preparou o vestido e o figurino, e lembrou da recomendação:

– Seu Eloy dizia: "Vocês já são lindas, então sejam vocês mesmas, sejam originais, sorriam, abanem".

No ponto auge do desfile, defronte à Catedral Diocesana, o carro parou em frente às câmeras, para a equipe filmar todos os detalhes. Foi à noite, porém, que "a ficha caiu". Suzana e amigos foram à casa de um vizinho, dono de loja, um dos poucos a ter uma televisão colorida em casa. Sentado no chão, o grupo conferiu, maravilhado, o desfile de poucas horas antes.

– Alguns choravam, não acreditavam...

O mesmo sentimento tomou conta de dona Mirlene Dal Pos Rossi, 80 anos. À época, os Rossi aproveitaram uma promoção da marca Philco, que oferecia desconto de 50% para empresas que comprassem 20 aparelhos coloridos de uma só vez. Marido de Mirlene, seu Raul Victor Rossi (in memoriam) e outros 19 funcionários da Triches Comércio de Ferros não pensaram duas vezes na hora de fechar o negócio.

– Foi a chance que tivemos de comprar uma, era algo muito caro e raro na época – conta.

Naquele 19 de fevereiro de 1972, Mirlene ficou emocionada ao ver Caxias em cores na TV. Mas quando os carros começaram a se aproximar do bairro São Pelegrino, onde a família morava, ela não teve dúvidas:

– Achei tudo tão lindo pela TV que fui para a rua assistir.

Ao vivo e a cores.

PERSONAGEM
Suzana Rossetto Rodolfo desfilou no carro da empresa Eloy Kunz & Cia Ltda, de Flores da Cunha, durante o corso alegórico, ao lado da amiga Joaneta Baldissera Santos

ALESSANDRA MURARO, DIVULGAÇÃO

HILDO BOFF, ACERVO PESSOAL DE RICARDO BOFF, DIVULGAÇÃO

RECORDAÇÕES
Mirlene Rossi, hoje com 80 anos, com reportagens antigas sobre a transmissão: "Achei tudo tão lindo pela TV que fui para a rua assistir"

RODRIGO LOPES, DIVULGAÇÃO

A EVOLUÇÃO DA TV NOS ÚLTIMOS 50 ANOS

WILLIAM MANSQUE
william.mansque@zerohora.com.br

Da sala para qualquer cômodo da casa. Para qualquer lugar, a qualquer hora. De qualquer parte do mundo. Em qualquer tela. Desde sua primeira transmissão em cores no Brasil em 1972, a televisão passou por diversas transformações ao longo das décadas.

Tendo chegado ao país em 1950, com sua primeira transmissão realizada pela TV Tupi em 18 de setembro daquele ano, a mídia se popularizou cada vez mais a partir dos anos 1970, com os aparelhos ganhando papel central nos lares.

Quando a TV coloriu o preto e branco, algumas tecnologias já estavam estabelecidas no Brasil: o vídeo tape (VT) chegou em 1959 revolucionando as transmissões, e já havia controle remoto desde 1962. Depois de ganhar cores, a TV passaria outras evoluções com o tempo: diferentes tamanhos e formatos de aparelhos, a digitalização, a conexão com a internet, imagens em alta definição, entre outras tecnologias.

ANOS 1970

integração e profissionalização

A partir da exibição da Festa da Uva, o processo de transmissões em cores se deu gradativamente durante a década. Naquele ano, a Semp Toshiba lançaria no mercado o primeiro televisor colorido do Brasil. Vários programas em cores foram adaptados, vide o especial Meu Primeiro Baile, de Janete Clair, na TV Globo, e o espetáculo Mais Cor em Sua Vida, na TV Tupi. O primeiro programa regularmente em cores da televisão brasileira foi ao ar pela TV Gazeta, de São Paulo: Vida em Movimento, apresentado por Vida Alves.

A primeira novela a ser exibida em cores foi O Bem Amado, da TV Globo, a partir de 24 de janeiro de 1973 – também foi o primeiro folhetim brasileiro vendido para o Exterior, em 1976. No mesmo ano, a TV Bandeirantes, de São Paulo, tornou-se a primeira emissora a transmitir em cores toda sua programação.

A década é marcada por um grande investimento tecnológico do governo no setor, como observa Débora Lapa Gadret, coordenadora do curso de Jornalismo da Unisinos em Porto Alegre:

– Os militares viam a TV como instrumento a ser utilizado na criação de uma identidade nacional. Havia uma ideia de Brasil integrado.

Leandro Olegário, coordenador do curso de Jornalismo da ESPM Porto Alegre, frisa que esse período também estabelece a TV como indústria profissionalizada, substituindo cada vez mais a lógica do improviso.

– Também há uma popularização da programação, com as telenovelas e atrações de auditório, que consolida ídolos e incorpora a TV ao cotidiano da população – acrescenta Olegário.

ANOS 1980

Satélite, parabólicas e VHS

Novas tecnologias foram introduzidas na década: em 1982, Sharp trouxe o videocassete VHS no Brasil; no mesmo ano, a Rede Bandeirantes passou a transmitir seus programas via satélite, substituindo o sistema terrestre de microondas; foram autorizadas oficialmente as antenas parabólicas particulares em 1984, o que expandiu o alcance das transmissões televisivas e incrementou o número de telespectadores; em 1985, houve o lançamento do primeiro satélite de comunicação brasileiro, o Brasilsat, para fornecer serviços de transmissão de dados para todo o país; há também, em 1987, a implantação do som estéreo na televisão; por fim, em 1989, estreia o Canal+, em São Paulo – primeiro canal de TV por assinatura no país, operando em UHF.

ANOS 1990

O poder do controle remoto

O começo da década marca o início das atividades das operadoras a cabo no Brasil, como TVA (do Grupo Abril) e Net, em 1991, e a Globosat, em 1992. Segundo Débora Lapa Gadret, o poder do controle remoto ganha mais força para o telespectador a partir da entrada da TV paga no país, que promove a segmentação de conteúdos – havia o canal para o jovem, para a mulher, para filmes, para esportes, para notícias (como o Globo News, o primeiro exclusivamente jornalístico do Brasil, no ar a partir de 1996).

– Também houve uma globalização – acrescenta a professora. – Começamos a receber muita coisa de fora.

Débora ressalta que o UHF é uma experiência importante, estabelecendo mais canais locais e regionais. Após o processo de nacionalização iniciado nos anos 1970, há um esforço para o conteúdo regional próprio.

Também é a década que a interatividade ganha espaço. Um dos símbolos desse formato é o programa Você Decide, da TV Globo, que estreou em 1992. Em cada programa, era exibida uma história, e o público escolhia por meio de ligação telefônica qual seria o desfecho da trama.

ANOS 2000

Reality shows e segunda tela

A partir da virada do século, os reality shows conquistam o público brasileiro – No Limite, o primeiro a alcançar grande sucesso, estreou em 2000, enquanto o Big Brother Brasil chegou em 2002.

Ao longo dos últimos 20 anos, houve um entrelaçamento cada vez maior entre televisão e internet. Mas a TV também passa a dividir a atenção dos telespectadores com o streaming. Tudo começa com a chegada da plataforma de vídeos YouTube, em 2005, e depois com a Netflix, disponível no Brasil em 2011.

– Uma geração está crescendo sem ter a televisão como algo central em suas vidas. A audiência ficou pulverizada, em diferentes plataformas. A TV passa a ter que ocupar outros espaços, a ser transmidiática (que se desenrola em múltiplas mídias) – observa Débora, professora do curso de Jornalismo da Unisinos.

A transmissão, por sua vez, deixou de ser exclusividade de aparelhos televisivos: é possível assistir à programação em smartphones, computadores ou tablets a qualquer momento do dia. Por outro lado, a criação de eventos ao vivo e imperdíveis seguem atraindo o público. Débora comenta:

– Se não estiver assistindo ao BBB, a uma partida de futebol ou a uma série na hora que todo mundo está vendo, você perde a discussão. Isso ultrapassa o aparelho, é a experiência.

Leandro Olegário aponta que nos anos 2010 houve a consolidação do fenômeno da segunda tela (ver TV e comentar o programa na rede social, simultaneamente). No caso, a televisão também funciona como laço social, com espectadores de diferentes partes acompanhando as atrações e interagindo:

– Isso faz com que a TV permaneça no seu lugar de protagonismo. Ela conseguiu se adaptar às transformações.

Quanto aos aparelhos, as TVs de tubo começam a perder espaço para formatos de plasma, LCD e LED a partir dos anos 2000. Na década seguinte, a smart TV eleva o patamar dos aparelhos com possibilidade de conexão à internet e aos aplicativos.

As imagens também foram aperfeiçoadas: primeiro com Full HD e 4K no começo dos anos 2010; mais tarde, com tecnologias como 8K, oled, qled e nano cell.

No quesito transmissão, o Brasil inaugurou oficialmente o sistema de TV digital em 2 de dezembro de 2007. Desde 2016, o sinal analógico passou a ser desligado no Brasil. Originalmente, era previsto que o desligamento total fosse concluído em 2018, mas foi postergado para 2023.

O QUE VEM AÍ

A personalização da experiência

Após 50 anos da primeira transmissão em cores no Brasil, a televisão no país segue se transformando. Elmo Francfort, diretor do Museu da TV, Rádio & Cinema e coordenador do Memória da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), destaca que há estudos e investimentos, com o apoio do Ministério das Comunicações, para ampliação do sinal 5G, o que irá também repercutir numa maior expansão da TV para todo país.

Para Francfort, a transformação das funcionalidades e dos softwares de interatividade farão com que o televisor seja um ponto de encontro de várias mídias:

– Vamos pensar mais nos canais de TV como uma filosofia de aplicativos do que com o pensamento que temos deles desde 1950, no Brasil. As experiências serão únicas, durante as atrações e os intervalos, com conteúdos exclusivos projetados para cada usuário – vislumbra.

Marco Gomes, diretor de Entretenimento e Canais do Grupo RBS, ressalta que a TV aberta no Brasil segue sendo o único meio capaz de falar com quase 100% da população, de forma muito rápida e com grande capacidade de mobilização. Ele destaca que o avanço pós-TV digital HD prevê tecnologias para personalização de conteúdo, publicidade direcionada, alta qualidade e expansão de funcionalidades da TV aberta do futuro.

– A evolução dos aparelhos de televisão, incluindo ampla conectividade com internet, capacidade de resolução 4k e outras vantagens, irá acelerar a adoção dessas novidades – diz Gomes. – A RBS acompanhará esse processo e, por isso, prepara sua infraestrutura e operação para o novo ciclo de evolução, e disponibilizará a seu público e a seus clientes as tecnologias mais contemporâneas do mercado.

Segundo pesquisa do IBGE de 2019, 96,3% dos domicílios entrevistados possuíam um aparelho de televisão. O estudo também aponta que, de 2018 para 2019, houve aumento substancial no número de lares brasileiros em que havia televisão de tela fina (de 53 milhões para 57 milhões).

Leandro Olegário, do Jornalismo da ESPM, acredita que a televisão continuará sendo protagonista nos próximos anos, porque a sociedade é bastante estimulada pelo impacto visual:

– As dores e as alegrias do mundo passam pela televisão e vão continuar passando independentemente da forma ou tamanho. Seja no celular, seja em óculos inteligentes, seja num painel cristalino que ocupe a sala toda. Se o áudio promove a emoção, a imagem traz a comoção e mobilização. Esse casamento de linguagens dá à TV um protagonismo único.

Rumo ao mundo MULTIPOLAR?

DUELOS DE CIVILIZAÇÕES MARCAM O SÉCULO 21, E O FANATISMO DISPARA EM QUALQUER DIREÇÃO

LUIZ MARQUES
Docente de Ciência Política na UFRGS e ex-secretário de Estado da Cultura do RS

BIDEN E JOHNSON
O presidente dos EUA e o primeiro-ministro do Reino Unido em reunião do G7 na Cornualha (Inglaterra), em junho de 2021

LEON NEAL, POOL, AFP, BD, 11/06/2021

Logo após o encerramento da Guerra Fria, Samuel Huntington, em *O Choque de Civilizações* (editora Objetiva), projetou a futura política externa dos Estados Unidos. Para o cientista político de Harvard, as desavenças internacionais não mais resultariam de embates ideológicos ou econômicos: "As grandes divisões entre a humanidade e a fonte principal do conflito serão culturais. Estados-nação continuarão a ser atores poderosos nas questões mundiais, mas os conflitos da política global ocorrerão entre nações e grupos de diferentes civilizações". Em inglês, anunciou a nova Guerra Quente.

No espectro de "sete ou oito civilizações", Huntington destacou o duelo Islã vs. Ocidente. Os ataques em 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center e ao Pentágono, por militantes enlouquecidos e patologicamente motivados, foram apresentados à opinião pública como prova do acerto da previsão. Chefes de Estado repercutiram o vínculo entre a projeção teórica, então classificada de visionária, e o ato cirúrgico que destruiu as Torres Gêmeas. Berlusconi chegou ao cúmulo de dizer que "nós" temos Mozart e "eles" não. Poderia ter sido parcimonioso. Nós tivemos o ariano cristão Anders Breivik que matou dezenas de adolescentes e feriu outras tantas na Noruega; os discípulos morticidas do reverendo Jim Jones na Guiana; e o maluco Mark Chapman que assassinou John Lennon defronte o prédio em que o ex-beatle morava em Nova York. Já eles tiveram três em um, na figura do terrorista muçulmano Osama bin Laden. Mas o cotejo só revelaria o óbvio: o fanatismo dispara em qualquer direção. O atentado plantou o ódio e a raiva nos corações, ao romper o último limite da razão. Mas não confirmou a reducionista profecia huntingtoniana.

O crítico literário e ativista da causa Palestina Edward Said, em *Política e Cultura* (Boitempo), lembra que o Ocidente e o Islã não estão fechados em si mesmos. Ambos possuem "uma história de trocas, fertilização mútua, compartilhamento". Daí resultaram configurações simbólicas permeáveis às influências exógenas – de fora para dentro. Considerar homogêneas as culturas coexistentes no âmbito de cada paradigma é um erro. "Quão inadequados são os rótulos e as generalizações", lamenta Said. É dever ético dos intelectuais tratar o complexo como tal, de modo a não disseminar uma caricatura totalitária do Islã. No próprio islamismo acha-se uma condenação de largo alcance à direita religiosa, representada pela tirania do Talibã, que impõe regras à intimidade das pessoas sob uma ordem social reduzida a um código penal, despojada de seu humanismo, sua estética e sua devoção espiritual.

O fundamentalismo gera procedimentos que distorcem a religião, degradam a tradição e deturpam a sociabilidade. Onde quer que ocorra. A instrumentalização para fins escusos é obra do pensamento unidimensional – seja católico, evangélico ou islamita. Thomas Hobbes, o filósofo que colocou o medo no núcleo da reflexão política, ajuda a decodificar a demonização dos bolsões islâmicos que se alastram pela Europa central. A diáspora desperta o medo da regressão ao passado remoto, por evocar as antigas e temíveis conquistas árabe-islâmicas. Qual a novela de ficção científica *Guerra dos Mundos* (1897), de H. G. Wells, sobre a invasão da Terra por marcianos, o choque de civilizações é fruto de uma imaginação fértil. Se conforta o orgulho ferido da grande potência em crise, nem por isso contribui para a compreensão das interdependências de nosso tempo.

O ex-presidente Donald Trump foi pragmático quando ocupou a Casa Branca. Elegeu inimigos hispanófonos: México, com o muro na fronteira para barrar a imigração ilegal, justificativa para a perda da massa salarial norte-americana frente ao PIB, e Cuba, com a intensificação do embargo comercial para castigar a simbólica ilha, cuja dignidade desafia o *american way of life*. E também a língua mandarim, da China, em desagravo pela derrota industrial e tecnológica na corrida pela fabricação de celulares, carros elétricos, energias renováveis e telecomunicações de 5º geração (inteligência artificial).

Em desvantagem na concorrência com o dragão e com índices baixos nas pesquisas de popularidade, o presidente Joe Biden (EUA) e o primeiro-ministro Boris Johnson (Reino Unido) mantêm a agenda de hostilidades, ressuscitando o russo entre os idiomas inconfiáveis para recusar um mundo mais democrático, multipolar. Represálias por meio do comércio internacional agora exprimem as ameaças bélicas que pairam sobre o Leste Europeu, no conflito geopolítico forçado pela Otan, que não interessa à Ucrânia e à Rússia. O filme é um déjà-vu da disputa por mercados num cenário de embate militar.

"RUSTY BROWN" TESTA OS LIMITES DAS HQS E DA TRISTEZA

PERSONAGEM TÍTULO
Rusty Brown é um menino solitário e vítima de bullying que mora na gélida cidade de Omaha

FOTOS QUADRINHOS NA CIA., DIVULGAÇÃO

É A SEGUNDA OBRA DE CHRIS WARE LANÇADA NO BRASIL. AUTOR DE "JIMMY CORRIGAN" JÁ GANHOU 19 TROFÉUS EISNER, 21 HARVEYS E DOIS PRÊMIOS NO FESTIVAL DE ANGOULÊME, NA FRANÇA

TICIANO OSÓRIO
ticiano.osorio@zerohora

Nascemos para sofrer (ou para fazer sofrer), a memória nos tortura (isso quando não investimos na ilusão) e podemos passar a vida inteira buscando uma reconciliação impossível (mas, em raras vezes, o sol acha uma frestinha na nuvem de tristeza acachapante que cobre o planeta).

Tudo se conecta – as pessoas umas às outras, o passado, o presente e o futuro –, tudo é fragmentado (o tempo, as relações) e tudo é simultâneo: a história coletiva e a experiência pessoal, o momento e a lembrança.

Pequenos triunfos resultam em grandes tormentos, e a imaginação – por extensão, a arte – é um ponto de fuga para personagens que lidam com violências e traumas.

Eis o universo ficcional de Chris Ware, quadrinista estadunidense de 54 anos que já ganhou 19 troféus Eisner, 21 Harveys e dois prêmios no Festival de Angoulême – em 2003, por *Jimmy Corrigan: O Menino Mais Esperto do Mundo*, e em 2021, como reconhecimento a sua carreira.

Dele, a Quadrinhos na Cia. lançou há poucos meses *Rusty Brown*. Publicado originalmente em 2019, trata-se do primeiro volume a compilar as histórias que Ware escreveu e desenhou a partir de 2001, na revista Acme Novelty Library.

Temos quatro tramas que podem ser lidas separadamente, embora seus personagens – entre eles, uma versão do próprio Ware – estejam interligados. A convergência se dá em uma escola de Omaha, cidade mais populosa (486 mil habitantes) do Estado do Nebraska, onde o inverno rigoroso – a temperatura mínima nos primeiros dias de fevereiro estava na casa dos 17°C negativos – e o céu encoberto em boa parte do ano certamente contribuem para o isolamento e a melancolia retratadas pelo autor, que nasceu lá e mora desde 1991 em Chicago.

Na primeira história, classificada na sobrecapa como comédia, conhecemos o personagem título – que depois aparecerá apenas como um coadjuvante de luxo, em uma única mas poderosíssima cena. Rusty Brown é um menino ruivo cujos pais estão às turras e que sofre bullying no colégio. Seu refúgio emocional é o mundo dos super-heróis. Ao perceber que consegue ouvir da rua a briga familiar dentro de casa, inventa como explicação o desenvolvimento de uma superaudição e passa a fantasiar com o Escutador. "Tenho que usar meus novos poderes para ajudar a humanidade, cuidar dos necessitados e proteger os desprotegidos", pensa o guri.

O pai de Rusty, o professor Woody Brown, é o próximo protagonista. Sua rotina entediante é sacudida por recordações de quando era um promissor escritor (contos de ficção científica) e de sua iniciação sexual – o processo é despertado pela chegada de uma nova aluna, Alison White, que se parece com a garota por quem Woody se apaixonara na juventude.

Depois, vem a biografia de Jordan Lint, um valentão de escola com urgência de dar vazão a seu tesão, a sua agressividade e a seu sonho de virar roqueiro. São formas de exorcizar sérios problemas familiares, que ele acaba usando como desculpas para, ao longo da vida, não assumir os seus erros (e são muitos) e as suas responsabilidades (e são muitas).

Por fim, mergulhamos no cotidiano e no passado de Joanne Cole, única professora negra em um ambiente predominantemente branco. O racismo marca toda sua trajetória – ninguém sequer prova os bolinhos que ela leva para a sala de aula ("Meu pai disse para não comer nada que a senhora tocou", diz um estudante) –, mas há também um tremendo segredo por ser revelado.

DIAGRAMAS **DA MEMÓRIA**

As sinopses permitem enquadrar *Rusty Brown* na corrente que alguns críticos estadunidenses, como Isaac Butler, chamam de *miserablism* e que inclui autores como Daniel Clowes (de *Ghost World* e *Paciência*) e Adrian Tomine (de *Intrusos* e *A Solidão de um Quadrinho Sem Fim*): narrativas sobre depressão, vergonha, infelicidade, sofrimento etc. Também podem dar razão ao aforismo cunhado por Douglas Wolk no seu livro *Reading Comics* (2008), em que um capítulo foi batizado de *Why Does Chris Ware Hate Fun?* (Por que Chris Ware odeia diversão?).

Entendo que Ware evita escorregar para o dramalhão justamente porque se diverte fazendo quadrinhos.

Não existem dois flocos de neve iguais, diz o texto que abre *Rusty Brown*. E não existem dois Chris Ware. Embora ele próprio admita ter sido bastante influenciado pela primeira versão da HQ *Aqui* (1989), em que Richard McGuire mistura passado, presente e futuro de uma sala de estar no mesmo quadro, ninguém explora o potencial dos quadrinhos como Ware.

A partir de referências como as célebres tiras *Little Nemo* (Winsor McCay), *Gasoline Alley* (Frank King) e *Peanuts* (Charles Schulz), o artista e cineasta experimental Joseph Cornell e o design gráfico do início do século 20, ele criou um estilo único e inconfundível. Há uma constante fricção entre três alicerces de sua obra: os personagens de traços cartunescos e cores vivas, os enredos tristes e a criatividade formal. O contraste entre as duas primeiras características imprime um tom tragicômico às HQs, e os desafios impostos à leitura esfriam, digamos, o caráter melodramático do roteiro.

O LIVRO

Rusty Brown

De Chris Ware. Editora Quadrinhos na Cia., tradução de Caetano W. Galindo, 356 páginas, R$ 159,90.

Ware usa diagramas, plantas baixas, cartazes, artigos de jornal, *mise en abyme*, exercícios tipográficos e brinquedos de armar, entre outros elementos, todos integrados ao fluxo narrativo. *Building Stories* (2012, inédito no Brasil), por exemplo, embala em uma caixa ***14*** obras impressas – livros encadernados em tecidos, folhetos, flipbooks... – que contam histórias ambientadas em um edifício de Chicago e que podem ser lidas em qualquer ordem (daí o triplo sentido do título: pode ser Histórias do Edifício, Construindo Histórias ou Histórias Edificantes). Há informações, comentários e até passatempos relevantes ou complementares na sobrecapa, e a estrutura cronológica é intrincada ("Se você piscar, não entende", disse um amigo tradutor). Não por capricho, mas porque a Ware interessa tentar reproduzir a maneira como a mente opera ações e sentimentos, organiza o que é visto e o que é lembrado – como foi dito antes, tudo se conecta, tudo é fragmentado, tudo é simultâneo.

Em entrevista no Estadão, a quadrinista Amanda Miranda perguntou a Ware: "Entre os temas de *Rusty Brown*, talvez os que mais se destaquem sejam o arrependimento e a passagem implacável do tempo. Todos os personagens se unem em um sentimento de remorso, mas os detalhes de cada um compõem um microcosmo angustiante onde os traumas servem de base para a construção de adultos que se sentem à mercê da própria vida, pisoteados pelo cotidiano. Representar um sentimento tão difícil é uma forma de organizar e compreender o caos e a imprecisão da vida real?".

Ele respondeu: "Bem, isso é totalmente verdadeiro. Não há um momento da vida sem que eu pense em velhice e solidão no futuro, ou lamente a perda de alguém morto há décadas. É simplesmente a maneira como o cérebro humano (ou talvez só o meu) entende a realidade – embora, admito, talvez eu seja um pouco mais propenso à morosidade do que a pessoa média. Uma das razões pelas quais me tornei cartunista é porque me permitiu apresentar imagens em uma página de diferentes tempos e espaços simultaneamente; memórias de anos ou mesmo séculos de distância podem coexistir no mesmo espaço, da mesma forma que em nossas mentes. É certo que a aguda consciência da passagem do tempo pode ser opressora e deprimente por sua implacabilidade; um dos meus filmes favoritos é *Sinédoque, Nova York* (2008), de Charlie Kaufman, que captura perfeitamente essa sensação. Outro é *Era Uma Vez em Tóquio* (1953), de Yasujiro Ozu, que trata o tempo de modo completamente diferente, talvez mais simples, filtrando a sensação de viver".

TEMPO E **EMPATIA**

A primeira parte de *Rusty Brown* começa com duas linhas do tempo que a certa altura vão se unir: uma acompanha as desventuras do guri ruivo e de outros personagens da escola, a outra, no rodapé de umas 50 páginas, trazendo a perspectiva da adolescente Alison White e de seu irmão caçula, Chalky White.

Na trama sobre Woody Brown, Ware "adapta" para quadrinhos o conto de ficção científica *Os Cães-Guias de Marte*, que reflete as angústias amorosas do protagonista – e que oferece um desafio extra por causa do excesso de quadros pretos com miúdas letras brancas (se serve de consolo, a dificuldade de leitura também existe no original). Ainda na história de Woody, há uma página dividida em 176 quadrinhos que ilustram os "restinhos de memórias que passam como um raio (ou perduram, se eu quiser)" de certa época da vida do personagem.

A sequência sobre Joanne Cole embaralha o tempo. Cada situação vivida pela professora desperta uma recordação, que se insere entre cenas de seus afazeres e de suas andanças – bem como acontece no mundo real, onde flashbacks podem nos atacar sem aviso prévio ou onde podemos deliberadamente nos perder no labirinto da memória. No que diz respeito à conectividade, o capítulo sobre Joanne vai além, por estabelecer, no clímax, uma ligação entre as HQs *Rusty Brown* e *Jimmy Corrigan* – continuidade não é algo exclusivo dos gibis de super-herói.

Talvez o ápice da inventividade seja a biografia de Jordan Lint. Cada página representa um estágio na vida dele, desde bebê até a morte. Primeiro Ware mostra como Jordan vê a si próprio, depois como vê sua mãe e seu pai, e o que associa a eles. Graças a uma combinação singular de desenhos, textos e recursos tipográficos, vamos conhecendo seus desejos e suas dores, mas sempre de modo unilateral, não confiável. É como se estivéssemos dentro da cabeça do personagem, apanhados pelo furacão dos hormônios, embrenhados na selva dos rancores e dos remorsos, siderados pelas conquistas efêmeras, fustigados por um reflexo que teimamos em recusar – a autoimagem tende a se esfacelar quando finalmente nos dispomos a enxergar pelos olhos do outro.

– A empatia é o sentido mais importante que o ser humano pode aperfeiçoar – disse Ware em entrevista ao jornalista Ramon Vitral. – É o único "superpoder" que temos, e quando a pessoa é quadrinista, artista, escritora, música ou mecânica de automóveis (uma coisa tão importante quanto artista ou escritor), a pessoa sempre tem que tentar entender os outros do jeito mais refinado e clemente que puder. É coisa para a vida toda, que não dá para desistir se quisermos superar nosso histórico vergonhoso de violências, imposições e insensibilidades.

2022 de mudanças

CONEXÃO COM O FUTURO
Laboratório de microeletrônica da Unipampa, em Alegrete

MARCO FAVERO, BD, 04/12/2019

HÁ OTIMISMO NO AR, MAS A RETOMADA DO DESENVOLVIMENTO PASSA NECESSARIAMENTE POR CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

ANDERSON TRAUTMAN CARDOSO
Presidente da Federasul

Desde que os mesopotâmios criaram o primeiro calendário, por volta de 2.700 a.C., criamos também o hábito de, a cada virada de ano, renovarmos metas, planos e objetivos. Nesse espírito, ainda em janeiro, a Federasul reuniu dirigentes de suas mais de 170 entidades filiadas para ouvir as realidades regionais e projetar o ano. O que vimos foi uma reprise de demandas fundamentais para o aprimoramento da nossa competitividade: melhorias na infraestrutura, qualificação de mão de obra, redução de carga tributária, diminuição da burocracia.

Contudo, desta vez elas estão combinadas com um ar renovado de otimismo. Os altos índices de vacinação contra a covid-19 têm feito com que a variante Ômicron se alastre sem sobrecarga da rede hospitalar, deixando distantes as chances de novo fechamento de empresas. Além disso, por se tratar de ano eleitoral, são esperadas entregas e, quando menos, renovação de compromissos por parte da classe política com as pautas de quem produz.

O otimismo ampara-se, ainda, no fato de que, depois de muitos anos sem dinheiro, sequer para pagar salários, o governo gaúcho consegue não apenas retomar pagamentos em dia como também fechar 2021 com superávit, projetando investimentos.

Apesar do otimismo, sabemos que o Rio Grande do Sul ainda luta contra problemas históricos. Mesmo quando as diferentes etapas do Programa Avançar forem cumpridas – e acompanharemos para que isso ocorra –, teremos avançado somente uma parcela inicial. É a massa do bolo, quando falamos em competitividade e desenvolvimento. O recheio e a cereja dependem de outros fatores, como a evolução dos ecossistemas de inovação e a abertura para a Nova Economia.

FUGA DE **CÉREBROS**

É um desafio do Estado, mas também da nação. A retomada do desenvolvimento, necessariamente, passa por ciência, tecnologia e inovação. Países mais desenvolvidos já perceberam isso: dados do Índice Global de Inovação mostram que a Suíça investe 3,2% do seu PIB em CT&I. Lidera um ranking no qual o Brasil ocupa o modesto 57º lugar, com 1,15% do PIB aplicado na área.

Ocorre que, além de investir, performar bem em inovação também exige capital humano, algo que infelizmente estamos perdendo. Os salários em moedas mais valorizadas, como dólar e euro, atraem as mentes mais brilhantes. Enquanto isso, as escolas públicas não conseguem formar profissionais com o perfil exigido pelo mercado.

O modelo pedagógico meramente expositivo, utilizado em nossas salas de aula, está ultrapassado. As disciplinas não se conectam à vida real dos alunos e tornam-se desinteressantes. Falta instar os estudantes ao trabalho em grupo e à resolução de problemas reais. Não se trata de acabar com a aula expositiva, mas complementar o modelo atual com novas práticas, em que os alunos apliquem o conteúdo ao lado dos colegas. Essa escola do futuro também é digital e incorpora ao currículo temas caros à sociedade atual, como diversidade, sustentabilidade e empreendedorismo. O problema é que ela não sai do papel.

Ao contrário: impactada pela pandemia, a educação pública regrediu. A desigualdade social ficou escancarada durante as aulas online. Os filhos de famílias de baixa renda não tinham estímulo, tampouco acesso à internet. O resultado? Aumento de 171% na evasão escolar em todo o país, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua.

Uma nota técnica divulgada recentemente pelo Todos Pela Educação, com base nessa mesma pesquisa, ressalta que, entre 2019 e 2021, o número de crianças com seis e sete anos que ainda não sabem ler e escrever saltou de 1,43 milhão para 2,39 milhões – aumento de 66%. São dados que reforçam a necessidade de uma ampla reforma educacional.

Para um Estado e um país crescerem nos novos tempos, é preciso seguir um método. Requer investimento na educação das novas gerações e um enorme esforço para resolver grandes gargalos logísticos e de infraestrutura. Há de ter reformas que otimizem a máquina e evitem o desperdício de recursos, como a administrativa e a tributária, no campo federal. E focar na solução das demandas das pessoas, não em polarização política.

Temos o diagnóstico do problema e alternativas para a solução. Temos a disposição para enfrentar e a resiliência para não desistir. Temos força e otimismo. E o melhor: temos um ano inteiro pela frente para trabalhar para que essas mudanças se concretizem. Mas não haverá mudança sem a dedicação e o envolvimento de cada um de nós. Não percamos essa oportunidade!

Semântica e DICOTOMIA

O DIA NACIONAL DE COMBATE ÀS DROGAS E AO ALCOOLISMO, NESTE 20/2, DEVERIA SE CHAMAR DIA NACIONAL DE COMBATE AOS TRANSTORNOS RELACIONADOS AO USO DE SUBSTÂNCIAS, DIZ PSIQUIATRA

RODRIGO GRASSI-OLIVEIRA

Psiquiatra, professor adjunto da Escola de Medicina e do Instituto do Cérebro da PUCRS e professor associado do Departamento de Medicina Clínica da Universidade de Aarhus (Dinamarca)

Todos os anos, o Ministério da Saúde divulga que a data de 20 de fevereiro é o Dia Nacional de Combate às Drogas e ao Alcoolismo. Talvez, o leitor menos atento a questões semânticas não perceba, mas essa data deveria ser chamada de Dia Nacional de Combate aos Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias.

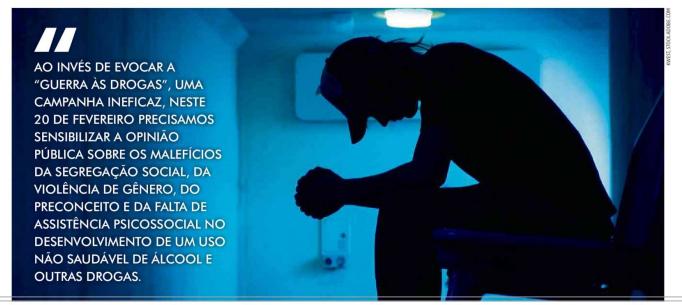
Vou me fazer explicar: se por um lado essa data visa combater a doença "alcoolismo" e não a substância "álcool", por outro, ela foca em combater a "droga" e não a doença "drogadição". Para seguir meu argumento, primeiro preciso esclarecer que os termos "alcoolismo" e "drogadição" carregam estigmas e imprecisões técnicas, embora ambos sejam frequentemente usados para descrever o uso excessivo de álcool ou outras substâncias. Nem todo mundo que enfrenta problemas com o uso de substâncias precisa "já estar dependente", por isso o mais adequado seria considerar o termo Transtornos Relacionados ao Uso de Substâncias, cuja sigla é TUS. Esse seria o alvo do combate.

Dentre todos os transtornos mentais, os TUS estão entre os que menos respondem ao tratamento, os com maiores taxas de recaídas e com maior prejuízo na qualidade de vida. Preocupante, pois, um recente relatório emitido pela Organização das Nações Unidas (ONU) estima que uma em cada 18 pessoas usaram drogas pelo menos uma vez em 2019 (275 milhões de pessoas). Isso corresponde a 5,5% da população global de 15 a 64 anos. Desses, estima-se que 13% sofram com esses transtornos. Quem seriam as pessoas que desenvolvem esses transtornos? Como poderíamos proteger essas pessoas de adoecer? Poderíamos pensar em um tratamento precoce para os TUS?

Infelizmente, nenhuma dessas perguntas pode ser respondida completamente, mas algumas evidências a ciência já dispõe. A primeira e mais importante é que os estressores familiares, sociais e econômicos têm um papel central nos TUS. Assim, qualquer agenda na tentativa de combater o uso de drogas ou álcool, precisaria primeiro lutar contra a violência social. É através de intervenções protetivas de cunho socioeconômicas que o combate será efetivo.

Ao invés de evocar a "Guerra às Drogas", uma campanha ineficaz, neste 20 de fevereiro precisamos sensibilizar a opinião pública sobre os malefícios da segregação social, da violência de gênero, do preconceito e da falta de assistência psicossocial no desenvolvimento de um uso não saudável de álcool e outras drogas. Precisamos entender que a dicotomia que foi nos ensinada perante o uso de substância – dependente/não dependente, legal/ilegal, gente do bem/gente do mal, abstinência/não abstinência – é a principal razão de seguirmos rumo a 2030 com uma perspectiva nada animadora quanto ao exponencial aumento no número de usuários em risco para adoecimento.

> AO INVÉS DE EVOCAR A "GUERRA ÀS DROGAS", UMA CAMPANHA INEFICAZ, NESTE 20 DE FEVEREIRO PRECISAMOS SENSIBILIZAR A OPINIÃO PÚBLICA SOBRE OS MALEFÍCIOS DA SEGREGAÇÃO SOCIAL, DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO, DO PRECONCEITO E DA FALTA DE ASSISTÊNCIA PSICOSSOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DE UM USO NÃO SAUDÁVEL DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS.

KWEST, STOCK.ADOBE.COM

LEANDRO KARNAL

Historiador, professor da Unicamp, autor de, entre outros, "Todos Contra Todos: o Ódio Nosso de Cada Dia".

FAZ POUCO TEMPO

"

O AVÔ DESCREVEU UM MUNDO DE BARBÁRIE, SEM INTERNET E, COMO ÚNICO SISTEMA DE DELIVERY DE COMIDA, UM PADEIRO E UM LEITEIRO QUE DEIXAVAM AS COISAS EM CASA PELA MANHÃ. OS NETOS SE ESPANTARAM: COMO SAIR SEM CELULAR? COMO NÃO FOTOGRAFAR TUDO? SOBRE O QUE PODERIAM CONVERSAR AS PESSOAS SE NÃO TIVESSEM REDES SOCIAIS?

"Faz pouco tempo, parece que foi ontem", diz o avô aos netos adolescentes.

Os três jovens sabiam que essa frase introduzia uma chuva de memórias e que deveriam ouvi-las porque amavam o avô e porque os pais estavam por perto para garantir a fidelidade às raízes. Com a supervisão do olhar paterno e materno e um pouco de impulso afetivo, eles chegam mais perto do velho senhor.

– Como era?

– Ah, meninos, era outra época. A gente não fazia exames com cotonetes nas narinas e ninguém usava máscara.

Os netos se entreolharam. Seria o início da senilidade quando a memória fica mais liberta dos fatos reais? Voltaram a entreolhar-se de forma cúmplice e continuaram dispostos a ouvir o pai do pai.

– Vou um pouco mais para trás. Não existiam celulares e fazíamos poucas fotos. As pessoas conversavam umas com as outras sempre que saíam.

Agora sim: os netos tinham certeza de que a saúde mental do patriarca estava em declínio absoluto. Como sair sem celular? Como não fotografar tudo? Sobre o que poderiam conversar as pessoas se não tivessem redes sociais? Duvidaram, ainda mais, da lucidez do avô, especialmente no exato momento em que o olhar do pai ficou mais vigilante do outro lado da sala.

O senhor de cabelos brancos falou daquele quase paleolítico inferior. Descreveu um mundo de barbárie absoluta com discos comprados em lojas, sem internet e, como único sistema de delivery de comida, um padeiro e um leiteiro que deixavam as coisas em casa pela manhã. O mais novo perguntou:

– Mas... pedia pelo aplicativo, vô?

O senhor não respondeu à pergunta. Estava imerso naquela melancolia que colabora para tornar o passado brilhante à medida que dele nos distanciamos. Falou de cartas escritas a mão, envelopes com selos, ligações interurbanas caríssimas para a Europa, uma televisão por família, carros que duravam muitos anos em cada casa, eletrodomésticos que eram dados de presente no dia do casamento e eram trocados, por vezes, nas bodas de prata.

– Eram de adamantium? – perguntou o mais novo, brincando com a figura da personagem Wolverine, com garras indestrutíveis daquele metal. Não, o avô não acompanha os X-Men e apenas louvava um mundo sem a obsolescência do atual.

– A gente consertava as coisas: sapatos, batedeiras, casamentos. Não se jogava fora ao primeiro sinal de fadiga de material.

Consertar um calçado era algo muito estranho aos três netos. Quando o tênis rasgava, era o momento de trocá-lo, ou até antes. Chocavam-se dois modelos de capitalismo entre as gerações ali em debate. Todavia a narrativa estranha daquele mundo muito antigo, quase uma Idade das Trevas tecnológica, seduzia um pouco eles.

– Entre 1970 e 1986, eu e sua avó tivemos o mesmo aparelho de telefone fixo; depois, ela inventou de comprar um modelo novo e começou a trocar.

Dezesseis anos com um aparelho? Júlia nunca tinha conseguido ter um por muito tempo. Surgiam modelos, quebrava a tela, havia uma fonte nova que não se encaixava nas coisas do verão passado. Dezesseis anos eram dois a mais do que toda a vida dela. Como se ela tivesse recebido um celular ao nascer e, incrível, ainda o usasse! A menina estava realmente espantada que sua família tivesse sobrevivido a um mundo assim!

A narrativa ainda descreveu uma escola de presença diária, sem aulas virtuais. "Todos os dias", a expressão parecia inacreditável. Como alguém aguentava? De fato, nenhum dos netos conseguia supor aquela época contemporânea das pirâmides do Egito. Era concebível? Alguém seria feliz? Era possível existir? Não havia suicídios em massa? As pessoas, desesperadas, não se atiravam das pontes pelo vazio da sociedade sem smartphones?

Já fazia trinta minutos que o senhor descrevia, com alguma idealização, o passado. Eram dois mundos incomunicáveis. Quando se lê a expressão "pérolas para os porcos", existe um julgamento moral e uma incompreensão. O julgamento moral dos porcos é injusto: por que os suínos deveriam dar valor a uma substância retirada de uma concha e sem valor alimentício? Os animais da vara não são estúpidos, os humanos talvez sejam. Porém, se as pérolas possuem alguma consciência, também não valorizariam os porcos. Ambos se ignoram e animais e esferas marinhas não conseguem entender a utilidade ou o valor alheio. Sim, o avô falava e o efeito era similar. Onde estaria o valor: na pérola contemporânea ou no porco de antanho?

O horário do almoço se aproximava e os pais entraram na sala para dar liberdade provisória aos netos. O velho senhor encerrou a história com a revelação final: não havia tomadas ao lado da cama na infância dele. Por vezes, uma única, ocupada pelo abajur "Sem tomadas ao lado da cama?" Agora, a narrativa tinha se tornado mítica em excesso. Eram pérolas-wireless em excesso e porcos se atropelando. Os três almoçaram felizes por terem se livrado de nascer em época tão atrasada.

– Faz pouco tempo! – exclamou o avô, balançando a cabeça com saudade.

O prato de domingo era um leitão assado, pedido pelo celular do pai. O animal parecia concordar: "Faz pouco tempo...".